



# Próximo futuro next future



FUNDAÇÃO  
CALOUSTE  
GULBENKIAN

Nº 10

JUNHO/JULHO

JUNE/JULY

2012

**Programador geral /** Chief curator  
António Pinto Ribeiro

**Assistente de programação /** Curatorial assistant  
Lúcia Marques

**Assistente de produção /** Production assistant  
Nádia Vera Jardim Al-Mohammed

**Voluntário /** Volunteer  
André de Menezes

**Colaboração /** Collaboration  
Serviços Centrais  
(diretor: António Repolho Correia)  
Serviço de Comunicação  
(diretora: Elisabete Caramelo)  
Serviço de Música  
(diretor: Risto Nieminen)

**Apoio à comunicação /** Communication support  
Mónica Braz Teixeira

**Coordenação Técnica Arte Pública /**  
Technical coordination public art  
Jorge Martins Lopes

**Revisão /** Proof reading  
Teresa Meira

**Traduções /** Translations  
Fernanda Mira Barros  
James Kirkby  
John Elliott  
Nádia Al-Mohammed  
Patrícia Roman

**Design gráfico /** Graphic design  
Arne Kaiser

**Website**  
BOQ (Guilherme Cartaxo / Miguel Duarte)

**Colaborador /** Collaborator  
(Website / Blog / FB / Twitter)  
João Amaro Correia

**Agradecimentos /** Acknowledgments  
Abdeljelil Larbi  
Ana Maria Laet  
André Pato  
Angie Cotte  
António Costa Silva  
Condomínio Villa Restelo  
Fernando Ávila  
Frédérique Gautier  
Isabel Capelo Gil  
Karim Ben Smail  
Khadija Benis  
Michket Krifa  
Sheik Zabir  
Rui Santiago

Parceiros / Partners

Patrocinadores /Sponsors

Apoios / Support

PARTE  
OIL AND GAS

Teatro  
do Bairro

PARTEX  
OIL AND GAS

THE  
LISBON  
CONSORTIUM

AMORIM

BBVA

TEATRO  
NACIONAL  
D. MARIA II

INSTITUTO LUSO-ÁRABE PARA A COOPERAÇÃO  
المعهد البرتغالي العربي للتعاون

# MUNDOS EM PROCESSO

# WORLDS IN PROGRESS

ISABEL MOTA

O mundo assiste apreensivo ao desenrolar dos processos revolucionários que neste momento ocorrem por todo o mundo árabe. Por entre os conflitos armados na Síria e atos eleitorais conturbados na Tunísia e Egito, é por agora difícil de prever o rumo dos acontecimentos que se iniciaram com esta “Primavera Árabe”. A imprevisibilidade do seu resultado sugere diversas interrogações sobre a maneira como se irão organizar estes povos a nível político, económico e social e, também de grande importância, que relações estes vão estabelecer com o resto do mundo.

Para compreender estes movimentos, é necessária uma visão alargada do contexto onde eles ocorrem. É com este objetivo que, na edição deste ano, o Programa Próximo Futuro foca a sua atenção nos países do Norte de África e Médio Oriente, no enquadramento da chamada “Primavera Árabe”.

As atividades programadas pretendem, assim, mostrar uma realidade que está em construção através de diferentes olhares, de dentro e de fora, e perceber as razões, motivações e esperanças de quem, desde o início, acreditou que, com a força das ideias e a promessa de liberdade, era possível derrubar os regimes plutocráticos que se eternizavam no poder há décadas.

A Fundação Calouste Gulbenkian, através do Programa Próximo Futuro, tem assim o prazer de organizar, no mês de junho, o Festival da Literatura

e do Pensamento do Norte de África, que contará com a participação de algumas das personalidades mais relevantes dos movimentos da “Primavera Árabe”, entre outros que, com as suas palavras, pensamentos e com a sua arte, criam os argumentos que moldarão o futuro desta região.

Mas a programação agora apresentada não pretende criar apenas um espaço de reflexão, mas um local cultural diversificado e dinâmico onde, pela expressão artística, nos seus diferentes suportes, somos confrontados com uma contemporaneidade que até agora nos era desconhecida e, consequentemente, muitas vezes ameaçadora.

No seguimento da linha programática adotada nos anos passados, o Programa Próximo Futuro mantém ainda um olhar atento sobre o panorama cultural sul-americano e da África subsaariana, trazendo ao palco uma série de produções teatrais e espetáculos musicais de altíssima qualidade, que nos continuam a dar a conhecer realidades artísticas e culturais de geografias muitas vezes olhadas de forma distante.

Os eventos programados mostram uma diversidade artística ímpar no atual panorama nacional procurando criar novos espaços de expressão multicultural, no qual o público se torna interveniente direto no processo de descoberta e aproximação de povos e culturas há demasiado tempo de costas voltadas.

The world nervously awaits the unfolding of the revolutionary processes currently taking place throughout the Arab world. With the armed conflicts in Syria and the agitated elections in Tunisia and Egypt, it is difficult at this moment to predict the direction that will be taken by the events that began with this “Arab Spring”. The unpredictability of their outcome suggests a variety of different questions about the way in which these peoples will organise themselves in political, economic and social terms, and, equally importantly, about what kind of relations they will establish with the rest of the world.

In order to understand these movements, we need to take a broader view of the context in which they are taking place. It is with this aim in mind that this year’s edition of the Next Future Programme is focusing its attention on the countries of North Africa and the Middle East, under the framework of the so-called “Arab Spring”.

The programme of events is therefore designed to show a reality that is still under construction, as seen through different eyes (with views from both the inside and the outside), and to understand the reasons, motivations and hopes of those who believed, from the outset, that, with the force of ideas and the promise of freedom, it would be possible to overthrow the plutocratic regimes that had already become entrenched in power for several decades.

Thus, through its Next Future Programme, the Calouste Gulbenkian Foundation has the pleasure of organising the Festival

of North African Literature and Thought, set to be held in the month of June. This festival will enjoy the participation of some of the leading personalities from the movements of the “Arab Spring”, as well as others who, with their words, thoughts and art, are creating the arguments that will shape the future of this region.

But the programme of events is not intended merely to create a space for reflection. Instead, it is designed to produce a diversified and dynamic cultural place where, through the artistic expressions offered in a variety of supports, we will be confronted with a contemporary world that was previously unknown to us and which consequently we frequently tended to view as threatening.

In keeping with the line of programming that has been followed in previous years, the Next Future Programme also takes a close look at developments in the cultural panorama of South America and sub-Saharan Africa, staging a series of theatrical productions and musical performances of extremely high quality and continuing to show us artistic and cultural realities from geographical areas that we frequently tend to regard in a somewhat distant manner.

The programme of events shows an artistic diversity that has never before been seen within the current national panorama, seeking to create new spaces of multicultural expression, in which the audience intervenes directly in the process of discovery as it draws closer to peoples and cultures that have had their backs turned towards us for far too long.

# UM VERÃO ÁRABE

## AN ARAB SUMMER

**ANTÔNIO PINTO RIBEIRO**

É prática habitual que o Jornal do Próximo Futuro, que se publica em maio, para além de cumprir os objetivos de divulgar artistas visuais através da reprodução das suas obras, apresente curtos artigos ou ensaios sobre temáticas relativas aos problemas enunciados no manifesto deste Programa Gulbenkian. No número de abril editámos um conjunto de textos maioritariamente da autoria de escritores e intelectuais desses países, dando assim espaço a uma visão do 'interior'. Desta vez, a maioria dos textos é de autores que, do exterior, nos dão uma visão 'de fora' e da história daquilo que foi a representação ocidental de muitos destes países que os especialistas dos estudos de cultura designaram como 'Orientalismo'.

Este jornal de junho/julho é um número em que se apresenta, em detalhe, a programação de verão. Vamos ter, no jardim, instalações de fotógrafos moçambicanos – Filipe Branquinho e Camila de Sousa - uma nova instalação sobre o passado, da autoria do arquiteto e urbanista brasileiro Marcelo Jácome, a ruote terá uma intervenção do Nuno Viegas. Tudo isto faz parte da variável deste programa que combina uma ideia de festividade com arte pública. Mas este ano teremos uma iniciativa inédita que toma como horizonte de intervenção aquilo que os média, de um modo mais ou menos correto, designaram como a "Primavera Árabe": um conjunto de revoluções e de manifestações populares iniciadas o ano passado, na Tunísia e no Egito, e que contaminou toda a região do

Magreb e parte dos países do Médio Oriente. Não é um processo terminado, muito pelo contrário, mas as expectativas que gerou em todo o mundo obriga a que seja dada uma atenção particular a esta Primavera Árabe. Assim, durante os dias 22, 23 e 24 de junho apresentaremos um Festival da Literatura e do Pensamento do Norte de África, durante o qual bloguistas que participaram nas revoluções, artistas, intelectuais, escritores destes países, neles vivendo ou fazendo parte da diáspora, nos permitirão ter uma visão mais próxima, mais clara e mais complexa do que se passa e do que é desejável que aconteça nesta região do Norte de África com extensões a países do Médio Oriente.

Teremos ainda concertos, continuaremos aquilo que tem sido uma das vertentes fundamentais deste programa: o excelente teatro que vem do Chile e do Brasil, sempre inteligente, exímio nos atores, nas dramaturgias e nas encenações; e também apresentaremos, em estreia absoluta em Portugal, uma das peças de menor duração do repertório do teatro ocidental escrita por Samuel Beckett. A peça "Breath", 'instalada' pela encenadora Daniela Thomas, será apresentada, ao longo de 12 dias, no palco do Grande Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian.

Num momento de crise de recursos para a produção artística em Portugal, poderia aparecer como solução um pouco populista enveredar exclusivamente pelo apoio à produção de artistas

In addition to fulfilling its aims of promoting visual artists through the reproduction of their works, it is customary practice for the Next Future journal which is published in May to present short articles or essays on themes relating to the problems set out in the manifesto of this Gulbenkian Programme. In our April issue, we published a series of texts that were mainly written by writers and intellectuals from those countries, thus providing an opportunity to appreciate the view from the 'interior'. This time, most of the texts are by authors who, being from the exterior, give us an 'outside' view of the history of what has been the western representation of many of these countries, a view that specialists from the area of cultural studies have named 'Orientalism'.

This June/July issue of the journal contains a detailed presentation of the summer programme of events. In the garden, there will be installations by the Mozambican photographers – Filipe Branquinho and Camila de Sousa – and a new installation located on the footpath by the Brazilian architect and town planner Marcelo Jácome, while the caravan will be subjected to an intervention by Nuno Viegas. All this is part of the great variety provided by this programme, which is a combination of public art and the idea of festivity. But this year, we will also have an entirely new initiative, which takes as the horizon for its intervention something that the media have

more or less correctly come to name the "Arab Spring": a series of popular uprisings and demonstrations that began in the past year, in Tunisia and Egypt, and then immediately spread across the whole of the Maghreb and part of the Middle East. It is not a finished process, in fact quite the opposite, but the expectations that it has aroused worldwide force us to pay special attention to this Arab Spring. So, on 22, 23 and 24 June, we shall be presenting a Festival of North African Literature and Thought, during which bloggers who took part in the revolutions, artists, intellectuals and writers from these countries, either living there or forming part of the diaspora, will enable us to have a closer, clearer and more complex view of both what is actually going on and of what people would like to happen in the north of Africa, as well as the Middle East.

We will also have concerts and will continue with what has been one of the fundamental aspects of this programme: the excellent and always intelligent theatre from Chile and Brazil, performed by highly skilled actors, with first-class writers and directors; and this year we shall also be presenting the Portuguese première of one of the shorter plays from the repertoire of western theatre written by Samuel Beckett. The play "Breath", 'installed' by the director Daniela Thomas, will be presented over a 12-day period on the

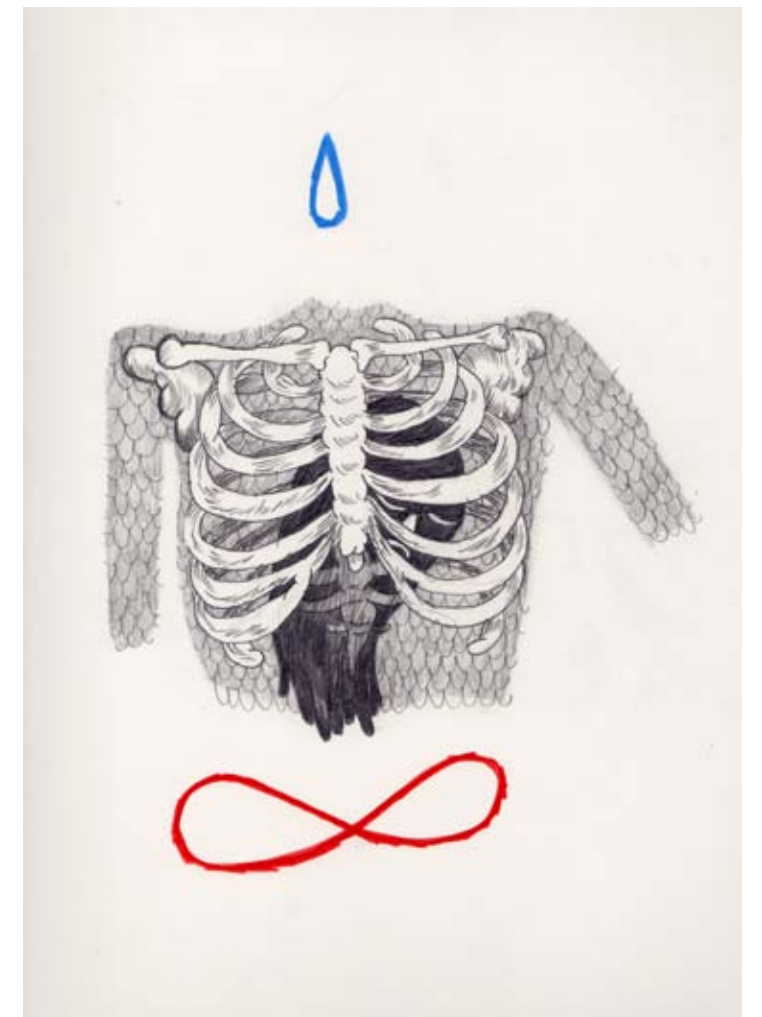
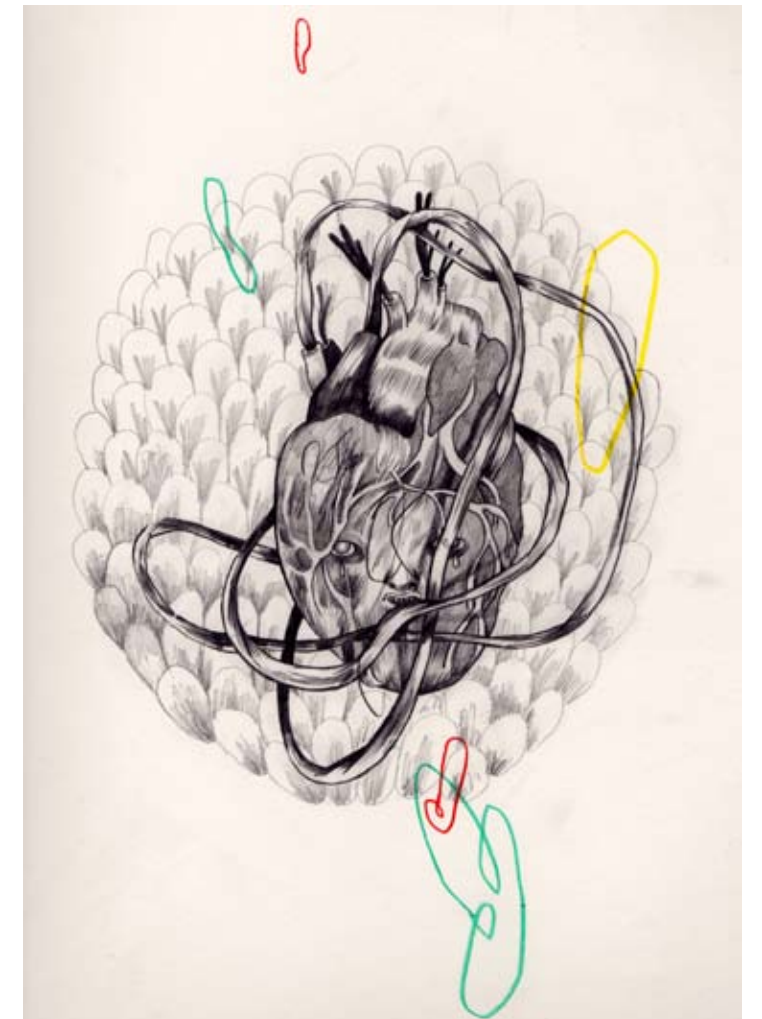
...Este ano teremos uma iniciativa inédita que toma como horizonte de intervenção aquilo que os média, de um modo mais ou menos correto, designaram como a "Primavera Árabe": um conjunto de revoluções e de manifestações populares iniciadas o ano passado, na Tunísia e no Egito, e que contaminou toda a região do Magreb e parte dos países do Médio Oriente.

...This year, we will also have an entirely new initiative, which takes as the horizon for its intervention something that the media have more or less correctly come to name the "Arab Spring": a series of popular uprisings and demonstrations that began in the past year, in Tunisia and Egypt, and then immediately spread across the whole of the Maghreb and part of the Middle East.

portugueses. Cremos que seria tão demagógico quanto uma decisão de abandono. Portugal tem na sua história um longo período de décadas em que esteve 'ausente do mundo', naquilo que foram as grandes mutações do pensamento, da crítica e da criação artística no pensamento e nas artes na Europa, como nos Estados Unidos, no Canadá e em alguns outros países. Não cremos que seja desejável que tal se repita e assim temos como projeto conjugar a apresentação da criação internacional pertinente, e a nosso ver incontornável, com a produção de obras de artistas portugueses, sejam eles das artes visuais, sejam das artes performativas. Disto é exemplo a presença nesta edição de fotógrafos a residirem em Portugal, de pintores e de quatro minipeças, produzidas especificamente para este verão, da responsabilidade do Teatro Praga.

stage of the Calouste Gulbenkian Foundation's Grand Auditorium.

In a time of crisis in terms of the funding available for artistic production in Portugal, it might appear to be a rather populist solution to exclusively support the production of Portuguese artists. We believe that such a move would be just as demagogic as any decision to abandon them. In the course of its history, Portugal had a long period of several decades when it was 'absent from the world', at a time when major changes were taking place in artistic creation, thought and criticism in Europe, as well as in the United States, Canada and some other countries. We do not believe that it is desirable for such a situation to again be repeated, and so our plan is to combine the presentation of pertinent, and in our view essential, international creations with the production of works by Portuguese artists, whether these are from the world of visual arts or the performing arts. A clear example of this is the presence in this edition of the programme of photographers residing in Portugal, painters and four mini-plays produced specifically for this summer by Teatro Praga.



# KHALIL NEMMAOUI

## L'ARBRE DE LA MAISON (A ÁRVORE DA CASA) — PROCEDIMENTO

O presente trabalho resulta, antes de mais, de uma observação. Historicamente, o homem sempre escolheu domicílios próximos de zonas verdejantes ou plantou vegetação perto de casa. Essa ligação entre a habitação e a vegetação parece resultar de uma óbvia necessidade de sobrevivência ou de estética. De volta ao meu país de origem, após alguns anos de ausência, essa realidade tornou-se mais evidente que nunca, mas desaparecendo pouco a pouco em favor de uma urbanização massiva e desenfreada. As cidades foram ganhando terreno. O Homem esquece-se de si próprio e do essencial. As árvores, formando ilhotas, tentam a todo o custo resistir ao seu protetor histórico, transformado

em 'vira-casaca', envolvido numa corrida louca e perdida logo à priori. A problemática é universal. A consciência é feita para ser compartilhada. Este trabalho apresenta-se como uma série de retratos de árvores resistentes, isoladas e ampliadas, numa natureza cultivada e civilizada. Essas árvores não deixam de interpelar pela sua situação e pela função que desempenham na paisagem. São símbolos de permanência e perenidade. Também elas se transformam em monumentos vegetais, destinados a dialogar com o homem, marcando presença no seu trilha, no seu quotidiano. As fotografias são apresentadas no seu conjunto como um espaço de contemplação e meditação.

## L'ARBRE DE LA MAISON (TREE HOUSE) — PROCEDURE

The present study results, first, from an observation. Historically, man has always chosen homes next to green areas or planted vegetation close to home. This link between housing and the vegetation appears to result from an obvious need for survival or aesthetics. Back to my home country, after some years of absence, this reality has become more evident than ever, but gradually disappearing in favor of a massive and uncontrolled urbanization. Cities were gaining ground. Man forgets himself and the essential. The trees, forming islands, try at all costs to resist their guarding history, transformed into

a 'turncoat', involved in a mad rush and immediately lost à priori. The problem is universal. Consciousness is meant to be shared. This work presents itself as a series of portraits of resistant trees, isolated and expanded in a civilized and cultivated nature. These trees do not fail to be challenged by their situation and the role they play in the landscape. They are symbols of permanence and continuity. Also they become vegetable monuments, intended to talk to the man, marking their presence in its tracks, in their daily lives. The photographs are presented, as a whole, as a space for contemplation and meditation.



© KHALIL NEMMAOUI, "L'ARBRE DE LA MAISON"/"TREE HOUSE", 2011. CORTESIA DO ARTISTA/ COURTESY OF THE ARTIST





# DANÇA CONTEMPORÂNEA NA TUNÍSIA: ENTRE ORIENTALISMO E ISLAMISMO

## CONTEMPORARY DANCE IN TUNISIA: BETWEEN ORIENTALISM AND ISLAMISM

**NAWEL SKANDRANI**

Na Tunísia pós-colonial das décadas de sessenta e setenta, o ensino da dança encontra-se confinado enquanto atividade extracurricular adstrita às meninas de boas famílias, permitindo-lhes adquirir flexibilidade, graciosidade e elegância, uma vez que o seu futuro se destina a uma profissão 'verdadeira' ou a um casamento bem-sucedido ou, idealmente, a ambos ...

Essa situação resume o estado de espírito prevalecente na sociedade tunisina, em relação à dança; em termos explícitos, corresponde a uma prática 'tolerada' até determinada idade e exclusiva às meninas; em termos implícitos, não pode, de modo algum, pretender ser uma atividade profissional respeitável nem respeitada. De resto, nem sequer é considerada uma arte na sua plenitude.

O que é preocupante é o facto de, por um lado, o Estado financiar um conservatório nacional de música e de dança mas, por outro, não encerrar a possibilidade da dança ser uma profissão artística, tal como o teatro ou a música. Mesmo quando, graças à sua tenacidade e à abertura de espírito das respetivas famílias, algumas raras tunisinas optam por prosseguir a sua formação no estrangeiro, na perspetiva de uma carreira profissional de bailarina, coreógrafa e/ou professora.

Acabam por ser essas iniciativas isoladas que abrem a porta ao desenvolvimento da arte coreográfica contemporânea na Tunísia, despontando em meados dos anos 80, e cujas protagonistas são essencialmente jovens mulheres, educadas, oriundas da burguesia, dispostas a empenhar-se numa via anacrónica em dicotomia perante a sociedade tunisina, no seu conjunto, e até perante o seu

próprio meio sócio-cultural, em particular. Porque, na verdade, todas aquelas que nessa época partiram, um dia regressaram sem, contudo, a isso serem obrigadas.

Além disso e mediante uma formação independente ministrada pontualmente por intervenientes de passagem, também aparecem alguns rapazes oriundos das classes médias ou desfavorecidas, formados em artes marciais ou praticantes de danças urbanas, por vezes com os estudos secundários incompletos. Esses jovens aumentaram as fileiras de toda a nova cena coreográfica. Assim, graças a esses dois pólos antagónicos, surgem, na década de oitenta, os primeiros laivos de uma dança contemporânea tunisina.

Outro fenómeno complexo e interessante prende-se com o facto de, sem saber ou sem querer, o teatro contribuir para a implantação e vulgarização da arte coreográfica. A nova geração de encenadores, repleta de tudo aquilo que viu e estudou na Europa e em rutura com a prática teatral dos mais velhos (que considera parada e 'radiofónica' porque se centra somente no texto), explora o corpo do ator tentando libertá-lo, fazendo dele o centro das energias e da emoção, interrogando a sua interação com o espaço, o objeto, o ritmo, o 'outro'. Rapidamente essa 'nova vaga' de encenadores, cientes das suas limitações relativamente às técnicas corporais, recorrem a bailarinos e/ou coreógrafos, alguns deles passando a atribuir preponderância crescente ao desempenho e à intervenção da coreografia nos seus trabalhos. Desse modo, o público adepto de teatro acaba por ser iniciado à arte coreográfica, muitas vezes sem se aperceber bem disso.

In the post-colonial Tunisia of the 1960s and 1970s, the teaching of dance amounted to no more than an extracurricular activity restricted to young girls from good families and designed to make them more supple, gracious and elegant, their future being reserved for a 'real' profession or a successful marriage, or ideally even both...

This situation sums up the state of mind of the vast majority of Tunisian society as far as dance is concerned: explicitly, its practice is 'tolerated' up to a certain age, and is restricted exclusively to young girls; implicitly, it can under no circumstances claim to be a respectable or respected profession. Furthermore, it is not even considered as an art in its own right.

What is particularly disturbing is the fact that, on the one hand, the State finances a national conservatory of music and dance, while, on the other hand, it rejects the possibility that dance may be regarded as an artistic profession on a par with theatre or music. Even when, thanks to their tenacity and the open-mindedness and support they received from their families, a few Tunisian women decided to go abroad in order to continue their training with a view to beginning a professional career as dancers, choreographers and/or teachers.

These isolated initiatives have therefore opened the door to the development of the contemporary choreographic art in Tunisia, which first saw the light of day in the mid-1980s, with the driving force behind this being mainly those young educated women from the bourgeoisie, who chose to embark on an anachronistic path that established a dichotomy

with Tunisian society in general and with their own socio-cultural world in particular. For, in reality, all those who left the country at that time would eventually return one day, even though they weren't obliged to do so.

Through another route, based on the independent training occasionally provided by people passing through the country, some boys also emerged as dancers. Originating from the middle or less-favoured classes, trained in the martial arts or practitioners of urban dance, and frequently not even having completed their secondary education, these young men were to swell the ranks of this brand new choreographical scene. In this way, thanks to the efforts of these two opposing poles, we began to see the first steps being taken towards the formation of a contemporary Tunisian dance in the 1980s.

Another complex and interesting phenomenon is the fact that, without being aware of it or even wishing to do so, theatre has contributed to the implantation and spread of the choreographic art. Fuelled by what they had seen and studied in Europe, and wishing to make a complete break with the theatrical practices of their elders (whom they considered to be stilted and 'radio-phonie' because they based themselves solely on the text), the new generation of stage directors and producers constituted a "New Wave" that preferred to explore the actor's body, seeking to liberate it and turn it into the centre of energy and emotion, and became determined to question its relationship with space, rhythm, the object and the Other. Very soon, these theatrical producers became aware of their limitations as far

Entre os finais dos anos 80 e o início dos anos 90, uma tímida 'primavera da cultura' sopra em Tunes, um pequeno espaço de abertura política e de liberdade que, infelizmente, não vinga. É precisamente nesse período que nasce o Ballet National Tunisien (BNT). A companhia tunisina de bailado foi certamente criada - e à revelia dos profissionais da área - para servir de montra política à jovem ditadura de Ben Ali. Essa instituição pública de criação contemporânea conseguiu, em escassos anos de existência, dar um impulso à dança e impô-la pública e definitivamente como forma artística de pleno direito.

Em meados dos anos 90, a viragem de 180° do Ministério da Cultura em relação à política seguida no campo da dança (encerramento da secção dança no Conservatório, estrangulamentos de cariz administrativo, jurídico e financeiro do BNT, desaparecimento do apoio à criação e à divulgação, etc.), revelando brutalmente, aos olhos de todos, a ignorância dos decisores bem como o seu receio em confrontarem-se com a questão espinhosa do corpo representado no espaço público. De entre os nomes mais marcantes desse primeiro período fundador destacam-se Imène Smaoui, Nawel Skandrani e Imed Jemaâ. Passados alguns anos, juntam-se a eles Malek Sebai, Néjib Khalfallah, Selma e Sofiène Ouissi.

As suas coreografias recebem influências fortemente inspiradas na dança contemporânea *made in France* ou nos trabalhos mais 'clássicos' derivados da dança moderna americana, pesquisa introspectiva, incursões na dança tradicional ou sufi, e até nas artes marciais, questionando a linguagem gestual do Homo Tunisianus, utilizando diversas formas artísticas como sejam vídeo ou pintura, intervenções orais... num denso processo de procura interna, afirmando-se cada vez mais. No entanto, apesar das suas aparentes divergências, as criações desses coreógrafos partilham todas de preocupações dramáticas comuns, em torno de um encadeamento conceptual: Corpo/Sociedade/Identidade/Religião/Política/Liberdade.

Mas, salvo raras exceções, o impacto esperado junto de um público mais amplo e eclético não deixa de ser fraco e insuficiente. Desgraçadamente cingida pelos poderes públicos, tal como pela maior parte dos meios de comunicação social e mesmo por outros setores artísticos, num colete lúdico, sensual e orientalista, a dança só consegue justificar a sua existência 'velada' a cobro da máscara de 'animadora cultural'. É-lhe negado o seu papel de eventual transmissora de ideias, de mensageira, de ativista ideológica, de resistente política, de divulgadora de

conceitos, de recetáculo de dúvidas e emoções. Pretende-se que a dança seja técnica e estética e considera-se que a emoção e o pensamento sejam apanágio da literatura, do teatro, do cinema e do canto. A palavra mais legítima do que o corpo.

Curiosamente, acaba por tirar proveito dessa situação dado que sendo considerada pelos poderes públicos, que não vislumbram nela nenhum perigo para o regime ditatorial, acaba por escapar à censura aplicada às outras formas artísticas.

Hoje, em 2012, no rescaldo da "Primavera Árabe" que desabrochou na Tunísia, e mau grado os anos de black-out por parte das autoridades, da falta de mediatização tal como da falta de solidariedade e apoio de quase todos os outros setores artísticos, a cena coreográfica tunisina vai sobrevivendo como pode, graças à obstinação e à paixão desse punhado de pessoas. Dispostas a ir até ao fim e altruístas, são como kamikazes coreográficos que conseguiram levar por diante a equação quase suicidária de viver em prol da sua paixão e de lhe dar vida, sem ser compelido a expatriar-se e sem fazer concessões (em boa parte) numa envolvente que, na melhor das hipóteses, manifesta indiferença e, na pior, desprezo. Por vezes francamente hostil.

Mesmo reconhecendo que ainda estão longe do que tinham direito de esperar há vinte e cinco anos, podem orgulhar-se de ter conseguido assegurar a continuidade e uma nova geração.

Na senda das primeiras eleições democráticas e perante a vitória dos 'islamis moderados' que chegam ao poder, está em jogo um desafio fulcral e uma batalha crucial prestes a travar-se.

Porque o corpo, e tudo o que o envolve e implica em termos socio-culturais, não incomoda apenas, também assusta os ignorantes, os fanáticos e os extremistas, qualquer que seja o seu posicionamento.

As palavras de Friedrich Wilhelm Nietzsche na sua obra "Assim falava Zaratustra" «Só posso acreditar num Deus que soubesse dançar» são, mais do que nunca, uma questão em ebulição na nossa região.

as the techniques of directing the body were concerned and sought the help of dancers and/or choreographers, affording some of them an increasingly preponderant role in the introduction of choreography into their works. Thus, theatregoers became initiated into the choreographic art, frequently without realising it.

Between the end of the 1980s and the beginning of the 1990s, a timid 'cultural Spring' blew over Tunis, producing a brief moment of political openness and suggesting the apparent existence of freedoms that unfortunately were not to last. It was during this period that the Tunisian National Ballet came into being. Unbeknown to the professionals working in this field, this institution of contemporary creation was undoubtedly created in order to act as a political showcase for the still quite young dictatorship led by Ben Ali, but nonetheless, in just a few years of existence, it succeeded in providing an important impetus for dance, publicly and definitively establishing it as an artistic form in its own right.

In the mid-1990s, the complete about turn of the Ministry of Culture in relation to its dance policy (the closure of the Conservatory's dance section, the imposition of administrative, legal and financial constraints on the National Ballet, the suppression of the aid that it had provided to creativity and its promotion...) harshly revealed the ignorance of the decision-makers and their evident discomfort in having to address the thorny subject of the body represented on the public stage. The most influential figures of this first founding period were Imène Smaoui, Nawel Skandrani and Imed Jemaâ, who were joined a few years later by Malek Sebai, Néjib Khalfallah, Selma and Sofiène Ouissi.

Their choreographies drew upon very different aspects: styles that were heavily influenced by a contemporary dance 'made in France', by the more 'classical' ones deriving from American modern dance, introspective research, incursions into traditional or Sufi dance, or even by the martial arts, the questioning of the gestural language of the 'Homo Tunisianus', the use of various artistic forms such as video or painting, public speaking... Tunisian contemporary dance was searching for its own identity and reinventing itself a little more each time. However, despite their apparent differences, the creations of these choreographers were characterised by common dramatic concerns centred on the concepts of Body/Society/Identity/Religion/Politics/Freedom.

But their expected impact on a broad and eclectic audience remained, with just a few rare exceptions, weak and insufficient. Unfortunately imprisoned within a straitjacket of recreational

entertainment, sensuality and Orientalism by the public powers, as well as by the vast majority of the media and sometimes even by other artistic sectors, dance could only justify its existence by being 'veiled' by the mask of a 'cultural animator'. Its eventual role as a conveyor of ideas, a messenger, an ideological activist, a bearer of concepts, a receptacle for doubts and emotions, was denied to it. Dance was restricted to being a question of technique and aesthetics, with emotion and thought being considered the natural accompaniments of literature, film and song. The Word was considered more legitimate than the Body.

Curiously, in spite of everything, dance was able to profit from this situation: being largely ignored by the public authorities, who did not see any threat in it for the dictatorial regime, it escaped in this way from the censorship that was imposed upon the other art forms.

Today, in 2012, in the aftermath of the Arab Spring, which first erupted in Tunisia, and despite the years of blackout to which it has been subjected by the authorities, by the lack of media coverage and by the lack of solidarity and support shown by most of the other artistic sectors, the Tunisian choreographic scene has somehow or other survived thanks to the obstinacy and passion of those few people. Altruists who were prepared to see things through to the bitter end, these 'choreographic kamikazes' succeeded in the almost suicidal endeavour of living in defence of their passion and making sure that it was kept alive, without their being expatriated and (for the most part) without their making any concessions in an environment that was at best indifferent, and at worst scornful. Even sometimes downright hostile.

Even if one recognises that they are far from being what they were entitled to expect to become twenty-five years ago, they may sometimes be proud of having succeeded in guaranteeing a continuity and (why not?) even a changing of the old guard.

After the first democratic elections in Tunisia, with the victory of the 'moderate Islamists' and their rise to power, a sizeable challenge has been issued and a crucial battle is about to be fought.

Because the body and all of its socio-cultural implications do not only disturb, but also in fact frighten the ignorant, the fanatical and the extremists, whatever their orientation.

The words of Friedrich Wilhelm Nietzsche in his book "Thus Spake Zaratustra" «I should only believe in a God that would know how to dance» are now more than ever before a burning question in our region.

# HERÓIS EM PONTO PEQUENO

## THE SMALL HEROES

WASSYLA TAMZALI

Do pequeno ecrã à minha frente, eu podia ver enormes pedaços a soltarem-se do Perito Moreno\*, deslizando imparavelmente. A ameaça do aquecimento global. Pensei de imediato nas revoluções árabes. Por causa das suas dimensões fora de comum, por causa daquele movimento de uma beleza avassaladora, o degelo do Los Glaciares, o mais espectacular glaciar argentino, sito na província de Santa Cruz, levou-me uma vez mais a sentir a mesma intensa emoção que tanto me perturbou naqueles dias em que tudo se alterou.

Tudo havia mudado com o aparecimento daquele misto de homens e de mulheres dos países árabes, onde antes pareciam imobilizados para todo o sempre, presos a um destino imutável, naqueles países simultaneamente tão próximos e tão distantes, cativos de um orientalismo repressivo, que retornou com um vigor renovado, após o breve episódio das lutas anti-coloniais. Na altura, todos, os daqui e os do outro lado do Mediterrâneo, defenderam o alcance universal dessa lutas. Depois, caiu um véu sobre as vidas de milhões de homens e de mulheres. Depois ainda, as duas margens entraram em conflitos que nem o diálogo cultural e político ou as boas almas, nem os surtos de violência terrorista as conseguiram voltar a aproximar. O *mare nostrum*, tão mal nomeado, enveredava por um *no futur* que nada parecia poder vir a inverter. De seguida, deram-se as revoluções árabes! Que melhor do que uma revolução para abrir o futuro, com os seus temores e as suas esperanças?

Na Praça da Casbá, na Praça Tahrir, de Tunes até ao Cairo, o medo tinha desaparecido desse mundo, nem totalmente árabe, nem inteiramente muçulmano, inclusive nos países da península arábica em que, ainda no século XXI, encarceravam as suas mulheres em véus de luto, invocando a lei das tribos beduínas, sem que o Islão, religião cujo conhecimento iluminado chegou ao Ocidente e à Ásia, os conseguisse remover. Até no Iémen, no Barém, homens e mulheres se ergueram unidos, diante dos nossos olhos perplexos. Derrubaram os tiranos. O tunisino tinha-se evaporado no ar. O egípcio jazia numa maca atrás das grades no cubículo de um tribunal especial, encenando uma cena antiga do Rei deposto, na antecâmara do inferno e à beira de uma nova era em que só a morte do tirano poderia libertar. Após tantas outras primaveras, chegaram por fim as “Primaveras Árabes”. Melhor ainda, as revoluções árabes! O perigo e a beleza suspense de um degelo tão inesperado quanto libertador, a justiça sedenta pela fúria popular, assim é a história quando dá à luz uma revolução.

É a história que recomença, após meio século de glaciação, enquanto tudo tinha sido feito pelos vencedores das lutas de libertação nacional, para interromper a marcha dos povos libertados. Depois de terem perseguido os invasores ocidentais, os senhores das guerras anti-colonialistas envolveram-se em lutas sofrendoras, secretas e ferozes, contra o seu povo (como gostam de se referir aos cidadãos do seu país), privando-o de todos os direitos.

On the small screen in front of me, I could see great lumps detaching themselves from the Perito Moreno\* glacier, as it continued along its unstoppable downward slide. The threat of global warming. I immediately thought of the Arab revolutions. Because of its unusual size, because of the staggering beauty of its movement, the melting of the most spectacular glacier in the Los Glaciares National Park in the Argentinean province of Santa Cruz led me once again to feel the same intense excitement that had so overcome me during those days when everything changed.

Everything had changed with the sudden appearance of those Arab men and women mixed together, living in countries where they seemed to have been immobilised forever by an immutable destiny. These were countries that were so close to one another and yet so far apart, and all of them were the captives of a repressive Orientalism that had returned with renewed vigour after the brief episode of the anti-colonial struggles. At that time, everyone, both here and on the other side of the Mediterranean, had championed the universal scope of those struggles, and then a veil had once again been spread over the lives of millions of men and women. The two opposite banks had become caught up in a misunderstanding so great that neither the measured cultural dialogue of politicians and do-gooders, nor the outbursts of terrorist violence, could ever succeed in bringing them together again. The inappropriately named Mare

Nostrum was plunged deeper into a situation where there was clearly *no future*, a state of affairs that nothing seemed capable of reversing. And then came the Arab revolutions! What could be better than a revolution for opening the doors to the future, with all of its accompanying fears and hopes?

In Kasbah Square and Tahrir Square, from Tunis to Cairo, fear had disappeared from this world that was neither entirely Arab nor entirely Muslim – and so it was also in the countries of the Arabian peninsula, whose inhabitants, acting in keeping with the law of the Bedouin tribes, still hid their women away in the 21st century in veils of mourning, which even Islam itself, when it was a religion of enlightenment spreading knowledge to the West and to Asia, had never been able to remove. Even there, in Yemen and Bahrain, men and women rose up together before our bewildered eyes. They were overthrowing tyrants. The Tunisian one had fired into the air. The Egyptian one, lying on a stretcher behind bars in an emergency court, re-enacted for us the ancient scene of the dethroned king, in the antechamber of hell and on the brink of a new era that only the death of the tyrant could release us into. After other springs, there finally were the Arab springs, even better than the Arab revolutions! Both the danger and the suspended beauty of a thaw that was as unexpected as it was liberating, the thirsty justice of popular outrage. It was history giving birth to a revolution.

Meio século em que tudo foi feito para reprimir os nossos anseios de liberdade, quando tentávamos, mediante as nossas inteligências, os nossos imaginários, os nossos combates políticos, juntarmo-nos ao comboio da aventura humana. Meio século que deixou alastrar, inclusive dando-lhe a mão, essa praga em que a religião se transforma para ganhar força, se nutre de pobreza e de obscurantismo.

Foram eles, os heróis em ponto pequeno, raparigas e rapazes, que fizeram aquilo que nós, a primeira geração pós-colonial, não conseguimos fazer. Levantaram-se para dizer não ao soberano, sem qualquer outro desejo para além da dignidade da liberdade. Eles apontaram-nos o caminho. Surgiram fazendo rebentar a opacidade do nosso presente, assumiram nas nossas praças um ‘tamanho real’ que, nós, jamais tivemos. Uma revolta existencial que, bruscamente, nos colocou frente a uma ‘novidade’, uma ‘estreia’ que as nossas mentes envolvidas numa ambivalência duvidosa em relação aos poderes instituídos, há muito envolvidos em dogmas nacionalistas, em vassalagens para com os anciãos da família e da nação, aprenderiam aos poucos a domesticar com pavor. Sempre que a história se volta a pôr em marcha, surge um rol de incertezas...e esperanças. As revoluções árabes inebriaram-nos e deixaram-nos um pouco grogues.

As estações aceleraram-se como se, também elas, estivessem desnorteadas pelo aquecimento global ao ponto de levar alguns a pensar que, volvida uma efémera primavera, tudo o que era suposto acontecer se teria consumado. A rápida ascensão dos islamitas de todas os géneros, tanto em número como em radicalismo, depois de uma explosão de simpatia aquando a nossa estrondosa entrada na órbita do tempo universal, despertou a velha suspeita de que nos continuam a manter fora da história: o mundo árabo-islâmico, como lhe voltam a chamar, regressa ao seu destino secular. Ter-nos-íamos levantado contra uma tirania para nos submeter ainda mais a Deus, por sermos tão avessos à ideia de liberdade. Eles dizem sobre nós «lá estão eles, mais uma vez inflexíveis na sua especificidade cultural, não conseguem fazer qualquer outra revolução que não seja a que os levem ao coração do Hejaz para se prostrarem à sombra desse homem humilde de condição beduína, o ‘seu profeta’, recebendo ordens de um Deus omnipresente que os orienta no amor e na obediência incondicional por si». E, cinicamente, acrescentam «só se podia dar origem a uma revolução islâmica». O que equivale a dizer nada. Porque se há uma contradição ainda mais paradoxal do que feminismo-islâmico, então essa é a ideia da revolução-islâmica. De

onde nos vêm esses conceitos a que chamamos pós modernos? A sua origem é a da ideia de uma revolução islâmica que fez uma entrada estrondosa no nosso vocabulário, graças a Michel Foucauld, um dos primeiros intelectuais a ter ido ao Irão após o regresso de Khomeini. Este intelectual, que estava pronto a expor o mais pequeno vestígio de opressão na história e no pensamento ocidental, parece ter-se impressionado com a estranheza do Islão. Promoveu os aiatolás, elevando-os à patente de revolucionários, o que não teria com certeza feito em relação a nenhum fanático do Deus da cristandade. Há muito que se ‘fez a cama’ desta condenação, para citar a nossa religião. Podemos até dizer que é uma ideia antiga colonial o regresso da ‘história do reprimido’.

Essa análise relativa às mudanças, revoluções, primaveras, que só seriam e poderiam ser islâmicas, é uma análise de que os países do sul do Mediterrâneo também partilham. Do outro lado do Mediterrâneo, há inúmeros céuticos que, por razões diversas, duvidam de uma revolução salvadora. Na Argélia e em Marrocos temem o contágio das revoluções tunisina e egípcia. Receosos dos 50 anos de ditaduras pós-coloniais, aqueles que são designados de sociedade civil temem perder o frágil equilíbrio conquistados contra as políticas absolutistas. Sentem-se protegidos pelos regimes que lhes garantem liberdade, tal é o pavor da onda islamita. Essa é uma opinião bastante disseminada na Argélia, ainda traumatizada por uma guerra civil que durou dez anos e fez 200.000 mortes. Uma guerra civil que foi o único resultado tangível das primeiras eleições livres arrancadas pela primeira das “Primaveras Árabes”, em outubro de 1988. O exército abriu fogo e fez 500 vítimas entre a juventude mais politizada argelina, estudantes e crianças em idade escolar, juntamente com os jovens menos conhecedores e sem esperança, que invadem as ruas da capital assim como outras capitais árabes. Uma Argélia que hoje assiste de longe às revoluções árabes e que espera ver repetida, em Tunes ou no Cairo, a tragédia que lhes tirou a ideia de democracia.

O medo aqui, o relativismo cultural além, que promovem movimentos ultra-conservadores em detrimento daqueles que tentam despontar. A ideia, segundo a qual as revoluções tunisina e egípcia estão hoje a braços com contra-revolucionários, não está a ser compreendida. No entanto, sabemos muito bem que cada revolução traz consigo uma inevitável contra-revolução e que as revoluções são processos longos e dolorosos. Acrescente-se a esta situação o contexto

It is history that is now setting off on its way again after half a century of glaciation, in which everything had been brought into play by the victors of the struggles for national liberation in order to halt the march of the liberated peoples. After having driven away the western invaders, the anti-colonialist warlords engaged in patient, underground and ferocious struggles against their people (as they like to call the citizens of their country), whom they were depriving of all their rights. Half a century in which everything was done to repress our desires for freedom when we were desperately trying, with our intelligence, our imagination and our political combats, to get back on board the train of human adventure. Half a century that enabled, and frequently aided, the spread of that plague that religion turns into when it feeds upon the poverty of obscurantism.

It was they, the small heroes, our sons and daughters, who did what we, the first postcolonial generation, had not been able to do. They rose up to say no to the sovereign, without any desire other than to demonstrate the dignity of freedom. It was they who showed us the way. They burst through our opaque present and attained a *grandeur* that we ourselves had never known. An existential uprising that suddenly led us to contemplate a *novelty*, a *first time*, that our minds, entangled in a doubtful ambivalence towards the powers that be and imprisoned for far too long in nationalist dogmas and our allegiance to the ancestors of our families and nations, have fearfully but gradually learned to embrace. Whenever history begins to move, it always does so with its fair share of uncertainties...and hopes. The Arab revolutions have intoxicated us, and left us feeling a little groggy.

The seasons have grown shorter and shorter, as if they themselves have also been thrown off course by global warming, to the point where they cause some of us to think that, after an ephemeral spring, everything that was supposed to follow has already been consumed. After the first outburst of sympathy that was afforded to us after our dramatic entry into the orbit of universal time, the rise to power of Islamists of all kinds, not only in terms of numbers but also in terms of their radicalness, quickly aroused the old suspicions that continue to keep us outside history: the Arab-Islamic world, as they are once again calling us, is returning to its age-old destiny. We only rose up against a tyranny in order to be able to better enslave ourselves to God, since the idea of freedom is so alien to us. What they say about us is this: there they are, once again hidebound by their cultural specificity; they cannot have any other revolutions than those that lead them to the heart of Hedjaz so that they can prostrate themselves in the shadow of that man from a humble Bedouin

background, “their prophet”, who received the order from an omnipresent God to guide them towards love and absolute obedience to him. And, they cynically add, we could only give birth to an Islamist revolution. Which is tantamount to saying none at all. For if there is an oxymoron that is even more *oxymoronic* than “Islamic feminism”, it is the idea of an “Islamic revolution”. Where do these so-called postmodern concepts come from? Their origin is of no small import: the idea of an Islamic revolution made a remarkable entry into our vocabulary thanks to Michel Foucauld, who was one of the first intellectuals to go to Iran after the return of the Ayatollah Khomeini. This intellectual, who was so ready to expose the slightest trace of oppression in the history of western deeds and thought was dazzled by the strangeness of Islam. He promoted the ayatollahs to the ranks of revolutionaries, which he undoubtedly did not do with any mad supporter of the God of Christianity. For a long time, the bed has been made for this judgement about our religion. We can even say that it’s an old colonialist idea – the “repressed people of history” – which is being brought back.

This analysis of changes, revolutions or springs that are and could only be Islamic is also widely shared by the countries of the southern Mediterranean. On the other side of the Mediterranean, there are countless sceptics, no doubt for other reasons, who themselves also doubt the idea of a salvational revolution. In Algeria and in Morocco, there are countless people who fear the spread of contagion from the Tunisian and Egyptian revolutions. Filled with fear by 50 years of post-colonial dictatorships, those whom one usually designates as the civil society are afraid of losing the fragile balance that they have managed to build up in the face of political absolutisms. They feel protected by regimes that guarantee them a conditional freedom, so scared are they of the Islamic wave sweeping across the region. This opinion is widespread in Algeria, a country still traumatised by a civil war that lasted for ten years and resulted in 200,000 deaths. A civil war that was the only tangible outcome of the *first* free elections finally made possible by the demands of the *first* of the Arab springs, in October 1988. The army shot and killed 500 victims among the youngest groups of politicised Algerians, students and schoolchildren united by their youth without either knowledge or hope, who invaded the streets of the capital, just as happened in other Arab capitals. The same Algeria that today watches the Arab revolutions from afar and is waiting to see repeated in Tunis or Cairo the tragedy that in their country has long been part of the idea of democracy.

Fear over here and cultural relativism over there favour ultraconservative

regional e o papel ideológico e financeiro desempenhado pela Arábia Saudita e pelo Qatar, que conferem a essas contra-revoluções uma dimensão regional. Os movimentos políticos islâmicos, que surgiram no palco revolucionário e parecem tirar todos os proveitos dessas revoluções, não passam de contra-revoluções que se erguem contra as ideias de liberdade e à respetiva dignidade que, originalmente, eram o conceito motor das revoltas e, mais tarde, o agente de ligação das próprias revoluções. Os islamitas estão a tentar instalar as sociedades que estão submetidas à lei divina, demorando o tempo que for preciso, levando a cabo as estratégias necessárias, tendo em conta as forças que estão em jogo para melhor os controlar, travando um combate político astucioso e eficaz.

Estamos longe de testemunhar aquilo a que podemos chamar de revolução e cujos fundamentos nos são lembrados diariamente pelos milhares de manifestantes tunisinos e egípcios que fizeram da rua, por excelência, o lugar da revolução. Eles lembram-nos isso mesmo, caso andemos esquecidos. Manifestantes em prol da liberdade, da igualdade, cujas força e convicção

tornam obsoletos e patéticos os nossos debates, sobre se devem, ou não, os povos árabes serem capazes de se emancipar através da religião. Os caminhos abertos pelas revoluções levam-nos irremediavelmente de volta à esperança das primeiras manhãs.

As revoluções surgiram graças a simples revoltas, cuja força histórica consiste em colocar homem- mulher no centro do futuro desenvolvimento do mundo árabe, afastando Deus e a Nação. O seus engenhos, as suas palavras de ordem, as suas conquistas sobre o medo, a sua confraternização entre homens e mulheres, as suas noites passadas lado a lado em acampamentos improvisados, resultou numa explosão de mil cores nas nossas vidas sem graça e tristes. Uma lufada de ar fresco varreu os nossos rancores, as nossas humilhações, até aos mais longínquos exílios, tanto noutras terras como na nossa. Mostraram que tudo é possível. As suas vitórias vão deixar certamente marca no nosso futuro, por mais frágeis e breves que sejam.

\*O glaciar Perito Moreno situa-se no Parque dos Glaciares, a Sul da Patagónia na Argentina.

movements to the detriment of those seeking to emerge from the past. The idea that the Tunisian and Egyptian revolutions are today grappling with counter-revolutions is clearly not being fully understood. Yet, we know full well that each revolution brings with it an inevitable counter-revolution and that revolutions are long and painful processes. Let us add to this situation the regional context and the ideological and financial role played by Saudi Arabia and Qatar, two countries which have afforded a regional dimension to these counter-revolutions. The Islamic political movements that have appeared on the revolutionary scene and which seem to derive every possible benefit from these revolutions are nothing more than counter-revolutions rising up against the ideas of freedom and the dignity of freedom, which were originally the driving forces behind the uprisings, and then later became the binding agents of the revolutions themselves. The Islamists are seeking to install societies that are submitted to divine law, taking the time that is necessary, applying the strategies that are necessary, taking into account the forces that are in play in order to be able to bypass them better, and waging an astute and effective political battle. We are far from witnessing what we can conveniently refer to as a revolution, whose foundations we are reminded of every day by the thousands of Tunisian and Egyptian demonstrators that have turned the street into the very place of the revolution. They continue to remind us in case we have forgotten. They are

demonstrating for freedom and equality, and it is the strength and conviction of their commitment that render our debates about whether or not the Arab peoples are capable of freeing themselves from religion both obsolete and pathetic.

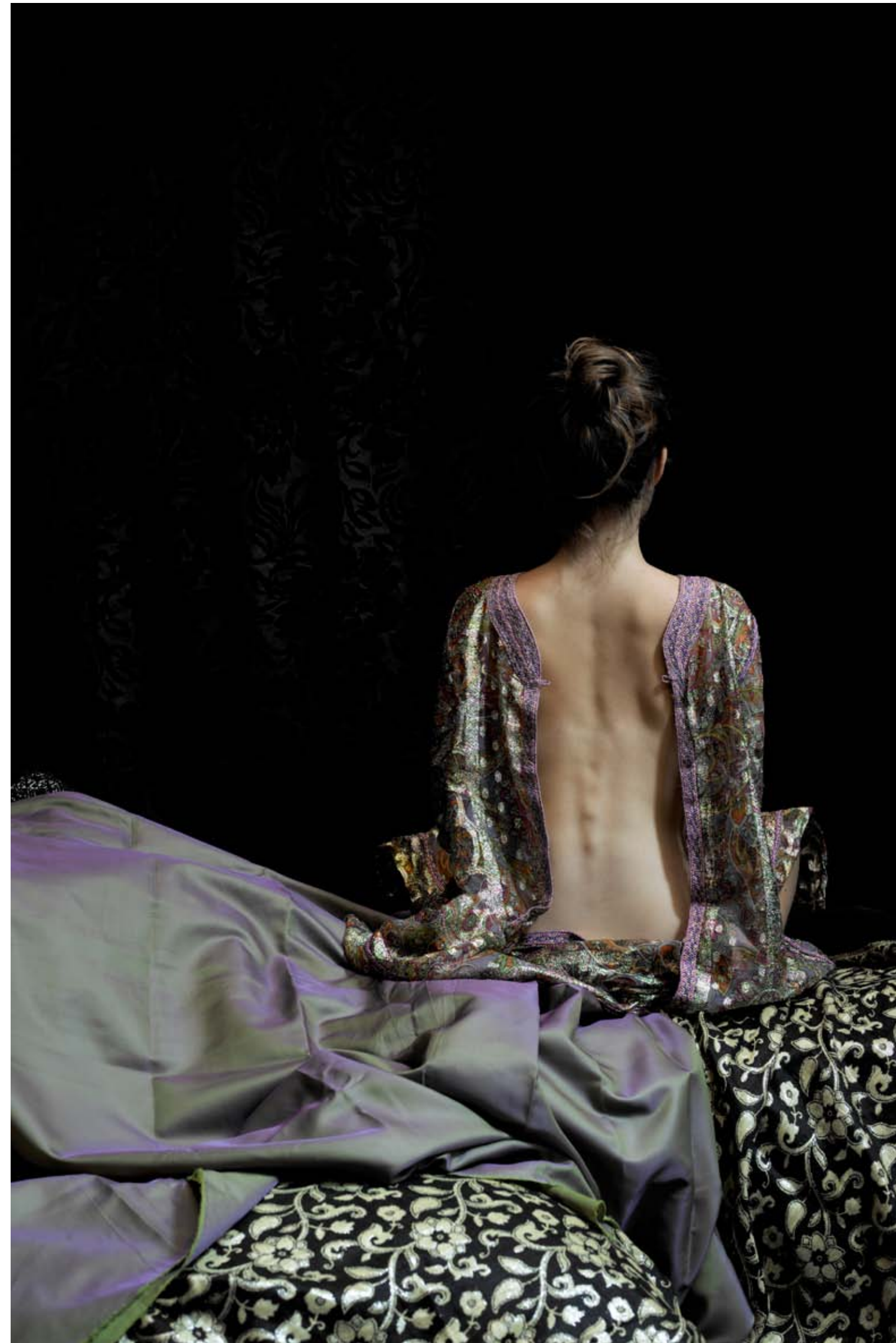
The paths that have been opened up by these revolutions inevitably lead us back to the hopes of those very first mornings.

The revolutions came about thanks to those unusual rebellions, whose historic force lay in the fact that, for the first time, man – and woman – was placed at the centre of the future development of the Arab world, driving away both God and the Nation. Their inventiveness, their slogans, their overcoming of fear, their confraternisation that mixed men and women together, the nights that they spent side by side in their makeshift tents, all these have resulted in the explosion of a thousand colours into our dull and dreary lives. A breath of fresh air has swept away our bitterness and resentment, our humiliations (so far removed from it all were we, in our exiles either abroad or in the country itself). They have shown us that everything is possible. Their victories will certainly leave their mark on our future, however fragile and brief they may prove to be.

\* The glacier of Perito Moreno is in the Los Glaciares National Park in Southern Patagonia in Argentina.

Nesta série de quadros fotográficos, sugiro um espaço cénico íntimo, um refúgio, um avanço e retorno no tempo, entre continentes, um olhar misto do Oriente e do Ocidente. São cenas da vida atravessadas por múltiplas tensões. Na verdade, eu jogo com várias 'telas'. O que me interessa é essa ambiguidade na imagem. Uma ambiguidade feita através de uma mistura de tradição e de modernidade. Neste trabalho, tudo ou quase tudo é um jogo: um jogo de olhar, de movimentos corporais, de posição, de luz, de cores... é na teatralidade da imagem que as minhas pesquisas são retratadas. Estas pinturas fotográficas, estas cenas interiores, estes retratos recuperam as regras da beleza histórica da pintura: composição, temas, modelos e motivos decorativos.

In this series of photo frames, I suggest an intimate stage space, a refuge, a forward and return in time between continents, a mixed look of East and West. These are scenes from life crossed by multiple tensions. Actually, I play with various 'canvas'. What interests me is this ambiguity in the image. Ambiguity, made through a mixture of tradition and modernity. In this work, everything or almost everything is a game: a game of looking, of body movements, of position, of light, of color... it is in the theatricality of the image that my searches are portrayed. These photographic paintings, these interior scenes, these pictures recover the rules of the historical beauty of the painting: composition, themes, patterns and decorative motifs.





© MAJDA KHATTARI, "CONVERSACÃO/CONVERSATION", 2011. CORTESIA DO ARTISTA / COURTESY OF THE ARTIST

# PORTUGAL E O MUNDO ÁRABE

# PORTUGAL AND THE ARAB WORLD

**ANTÓNIO COSTA SILVA**

A História de Portugal é rica e extraordinária porque repousa num duplo movimento que funciona ao longo dos séculos como uma hélice criativa. Por um lado, Portugal é o resultado da interação entre diferentes povos e culturas que habitaram a Península desde tempos imemoriais e, por outro, é o resultado do intercâmbio forjado com os diferentes povos do mundo e os diferentes continentes, ao longo da diáspora, desde o século XV, quando o país iniciou a primeira grande era da globalização.

Uma das influências mais antigas e mais permanentes na alma e na cultura portuguesas é a influência islâmica. Os vestígios da grande civilização islâmica estão espalhados pelo sul da península ibérica mas a sua influência perene está na nossa língua, na nossa cultura, na nossa literatura e no nosso percurso histórico. Durante a Idade de Ouro da civilização muçulmana que dominou o mundo, o Ocidente e Portugal receberam dela contribuições inestimáveis em todos as áreas da Ciência e da Cultura desde a Astronomia, a Matemática, a Álgebra, a Medicina até à Geografia e às Ciências da Navegação. A grande civilização islâmica do Califado de Córdoba, dos Omíadas, dos Abássidas, dominou o mundo desde a Península ibérica e o Norte de África até ao Médio-Oriente, à Ásia Central e à Índia. É a civilização de Avicena, Averroes, Abu Al-Kindi, Mohammed Al-Khwarizmi, Abbas Farighani, Al Battani, Ibn Al-Nafis e muitos outros. Esta civilização participou na criação das condições para o Renascimento Europeu, base da Europa moderna. Ao

mesmo tempo serviu de intermediária, num notável sistema de vasos comunicantes, entre o mundo antigo grego e bizantino e o mundo moderno e entre o Oriente e o Ocidente. Como Newton disse de Galileu, nós podemos dizer que Portugal e o Ocidente chegaram longe porque se ergueram sobre os ombros de um gigante – a Grande Civilização Islâmica.

O declínio do Islão teve, entre outras causas, a luta surda desenvolvida entre os séculos VIII e XIII entre duas correntes: uma que propugnava o uso da razão, inclusive para interrogar a crença religiosa, e outra mais conservadora que condenava o uso exagerado da razão e a adulteração dos dogmas religiosos. Os conservadores ganharam e isso impediu que a ciência islâmica, que era a mais avançada do mundo na altura, prosperasse. Essa luta é magistralmente analisada por Colin Ronan no seu livro “The Cambridge Illustrated History of the World's Science”. O Islão não teve o seu Giordano Bruno e o seu Galileu Galilei mas a luta continuava para separar o poder religioso islâmico do poder temporal.

Essa luta atravessa hoje todo o mundo árabe e muçulmano. É a luta de Nagib Mahfouz, de Tahar Ben Jelloun, de todos os intelectuais e escritores que reconhecem claramente que o Integrisimo é uma doença do Islão. É a luta de Ahmed Buzfur que, num dos seus livros, explora a célebre passagem do Corão que afirma que Deus está mais próximo do homem do que a sua própria veia jugular. É a luta para libertar

The History of Portugal is a rich and extraordinary one because it rests on a double movement that over the centuries has functioned as a creative spiral. On the one hand, Portugal is the result of the interaction between the different peoples and cultures that have inhabited the Iberian Peninsula since time immemorial, and, on the other hand, it is the result of the interchange brought about between the different peoples of the world and the different continents, over the course of the diaspora, since the 15th century, when the country initiated the first great era of globalisation.

One of the oldest and most lasting influences on the Portuguese soul and culture is the Islamic influence. Remains of the great Islamic civilisation are scattered all around the south of the Iberian Peninsula, but its enduring influence is to be found in our language, in our culture, in our literature and in our historical development. During the golden age of the Muslim civilisation that dominated the world, the West and Portugal received invaluable contributions in all areas of Science and Culture from Astronomy, Mathematics, Algebra and Medicine to Geography and the Sciences of Navigation. The great Islamic civilisation of the Caliphate of Cordoba, the Umayyads and the Abassids, ruled the world from the Iberian Peninsula and the north of Africa to the Middle East, Central Asia and India. This was the civilisation of Avicenna, Averroes, Abu Al-Kindi,

Mohammed Al-Khwarizmi, Abbas Farighani, Al Battani, Ibn Al-Nafis and many others, the civilisation that helped to create the conditions for the development of the European Renaissance, which formed the basis of modern Europe. At the same time, it served as an intermediary, in a remarkable system of communicating vessels, between the ancient Greek and Byzantine world and the modern world, as well as between East and West. As Newton said of Galileo, we can say that Portugal and the West reached a long way because they stood upon the shoulders of a giant – the Great Islamic Civilisation.

The decline of Islam was due, among other reasons, to the uncompromising battle waged between two currents of thought from the 8th to the 12th century: one that propounded the use of reason, including the questioning of religious belief, and another more conservative way of thinking that condemned the exaggerated use of reason and the adulteration of religious dogmas. The conservatives prevailed and this prevented Islamic science, which was the most advanced in the world at that time, from prospering. That struggle is masterfully analysed by Colin Ronan in his book “The Cambridge Illustrated History of the World's Science”. Islam did not have its Giordano Bruno or its Galileo Galilei, but the struggle continued to separate the Islamic religious power from the temporal power.

© JÚLIO DOLBETH. “SEM TÍTULO/UNTITLED”. 2011. CORTESIA DO ARTISTA/COURTESY OF THE ARTIST



a inteligência humana do controle autocrático da revelação divina. É a luta para demonstrar que o texto sagrado do Islão defende uma visão tolerante do outro e declara que «os homens nascem iguais como os dentes do pente». O Corão convoca para a cidade de Deus os crentes e não-crentes, defende a não discriminação, diz que muçulmanos, cristãos e judeus são a 'gente do Livro', são todos filhos de Abraão e não há impuros entre eles. Esta interpretação aberta e tolerante do texto sagrado, que favorece o racionalismo e liberta a inteligência do dogma religioso, faz o seu caminho.

É neste contexto que emergiu a “Primavera Árabe”, em 2011, com um conjunto de revoltas que se espalharam do Norte de África à península árábica e que destruíram o mito de que os povos muçulmanos eram imunes à democracia e que o Islão é uma religião refratária à modernidade.

As revoltas mostraram a adesão dos povos árabes a valores como a liberdade, dignidade, justiça e igualdade e, isso, demonstra que não há um antagonismo essencial entre o Islão e o Ocidente. Ao mesmo tempo, a “Primavera Árabe” infligiu a maior derrota política à Al-Qaeda e desmantelou a sua ideologia baseada no uso do terror para provocar mudanças políticas. O software islâmico radical falhou a História. As mudanças nos países árabes confirmaram também o modelo de análise de Emmanuel Todd que privilegia variáveis como a taxa de alfabetização dos homens e mulheres, o controlo

da natalidade e o declínio da taxa de fertilidade para aferir o potencial de mudança em sociedades aparentemente esclerosadas. A taxa de fertilidade no mundo árabe declinou acentuadamente nas últimas três décadas e essa mudança reflete alterações nas relações de autoridade, nas estruturas familiares, nas referências ideológicas e no sistema político.

O mundo muçulmano entrou na revolução demográfica, cultural e mental, já há algumas décadas criando as condições para a emergência da “Primavera Árabe”. Sabemos também, pela experiência das revoluções democráticas na Europa no século XVIII, que o desfecho pode ser muitas vezes trágico e, por isso, em alguns países árabes as saídas podem ser difíceis e turbulentas. Mas o grande acontecimento é que em muitos países árabes, do Norte de África à Península Arábica, começam a emergir sociedades mais abertas e plurais e isso é um passo de gigante a caminho do desenvolvimento. De certa forma é um ciclo que se retoma porque, no apogeu da grande civilização islâmica entre os séculos VIII e XIII, essa civilização foi permeável a outros povos e culturas, respeitou-os e integrou-os de forma sábia e desenvolveu com eles uma alquimia notável. Esta plasticidade vai repetir-se e as sociedades islâmicas farão o seu caminho a partir delas próprias, respeitando a sua identidade e buscando o futuro. Precisamos de um mundo plural com o brilho de todas as línguas e culturas.

O declínio do Islão teve, entre outras causas, a luta surda desenvolvida entre os séculos VIII e XIII entre duas correntes: uma que propugnava o uso da razão, inclusive para interrogar a crença religiosa, e outra mais conservadora que condenava o uso exagerado da razão e a adulteração dos dogmas religiosos... Essa luta atravessa hoje todo o mundo árabe e muçulmano.

The decline of Islam was due, among other reasons, to the uncompromising battle waged between two currents of thought from the 8th to the 12th century: one that propounded the use of reason, including the questioning of religious belief, and another more conservative way of thinking that condemned the exaggerated use of reason and the adulteration of religious dogmas... Today this struggle has spread across the whole Arab and Muslim world.

Today this struggle has spread across the whole Arab and Muslim world. It is the struggle of Nagib Mahfouz, Tahar Ben Jelloun, and all the intellectuals and writers who clearly recognise that Fundamentalism is an Islamic disease. It is the struggle of Ahmed Buzfur, who, in one of his books, explores the famous passage from the Koran that states that God is closer to man than his own jugular vein. It is the struggle to free human intelligence from the autocratic control of divine revelation. It is the struggle to demonstrate that the sacred text of Islam defends a tolerant vision of the other and states that men are “born equal like the teeth of a comb”. The Koran summons both believers and non-believers to the city of God, defends non-discrimination, and says that Muslim, Christians and Jews are the ‘People of the Book’, that they are all the sons of Abraham and that there are no impure people among them. This open and tolerant interpretation of the sacred text, which favours rationalism and frees the mind from religious dogma, is creating its own path.

It was in this context that the ‘Arab spring’ emerged, in 2011, as a series of rebellions that spread from the north of Africa to the Arabian Peninsula, exploding the myth that the Muslim peoples were immune to democracy and that Islam is a religion that is resistant to modernity.

The rebellions showed that the Arab peoples were committed to values such as freedom, dignity, justice and equality, and this demonstrates that there is no essential antagonism between Islam and the West. At the same time, the ‘Arab Spring’ inflicted the heaviest political defeat on Al-Qaeda and dismantled its ideology based on the use of terror to bring about political change. The radical Islamic software has failed History. The

changes in the Arab countries also confirmed the model of analysis put forward by Emmanuel Todd, which emphasises such variables as the literacy rate of men and women, birth control and the decline of the fertility rate, in order to gauge the potential of change in societies that are apparently overcome with sclerosis. The fertility rate in the Arab world has declined sharply in the last three decades and this change reflects the transformations taking place in relationships of authority, family structures, ideological references and the political system.

The Muslim world embarked upon a demographic, cultural and mental revolution some decades ago, creating the necessary conditions for the emergence of the ‘Arab Spring’. From our experience of democratic revolutions in 18th-century Europe, we also know that the results can frequently be tragic, and that therefore, in some Arab countries, the outcomes may be difficult and turbulent. But the great novelty is that, in many Arab countries, from the north of Africa to the Arabian Peninsula, societies are beginning to emerge that are more open and plural, and this represents a gigantic step forward on the road to development. In a certain way, it is a cycle that is being started once again, because, at the apogee of the great Islamic civilisation between the 8th and 13th centuries, that civilisation was permeable to other peoples and cultures, respecting them and integrating them in a knowledgeable and intelligent fashion, while also developing a remarkable alchemy with them. This plasticity will be repeated and the Islamic societies will create their own paths for themselves, respecting their identity and looking to the future. We need a plural world that shines with the brilliance of all languages and cultures.

# OFTALMOLOGIAS

# OPHTHALMOLOGIES

MARIA CARDEIRA DA SILVA

### VISÃO CENTRAL

Em Portugal, na Europa, enfim, em muitos lugares do mundo, vemos mal os árabes.

Edward Said<sup>1</sup> não foi o primeiro a acusar esse *mal de voir*<sup>2</sup> que sobre eles incidia de forma mais aguda. Mas foi o seu diagnóstico o que mais eco teve, ignorando-se-lhe o prognóstico que era o de que, muito simplesmente, deveríamos tirar os óculos de vez, deixar de olhar para eles como *outros* e passarmos a ver pessoas. Em vez disso, foram-se mudando as lentes dos óculos e o mal foi-se agravando. Esta história é longa, e já foi contada várias vezes, mas esse oriente que o ocidente produziu para se criar a ele próprio, sempre teve pouco a ver com o lugar onde nascia o sol e, na sua versão moderna e geopolítica, estendia-se do Extremo Oriente ao Magrebe (literalmente, e do ponto de vista árabe, *ocidente*), passando pelo Médio e pelo Próximo Oriente. (Alturas houve, inclusive, em que esta visão orientalista do centro se aventurou timidamente à margem norte do Mediterrâneo, ensaiando novos caixilhos culturais para a sua incidência; agora, as visões centrais da crise retomam essa moldura estigmatizante que vai encostando novamente a Europa do Sul ao Oriente).

### MIOPIA

Depois da queda do muro de Berlim, quando era preciso olhar para o mundo com outros olhos, e à distância, retomaram-se os velhos óculos. O mundo já não era de ideologias, nem de blocos: era de civilizações. Em finais dos anos oitenta e com a propagação em contextos árabes, e não só, do que então se chamou de *islão político*<sup>3</sup>, o material dominante das lentes óticas para olhar os árabes – agora depurado das outras

matérias orientalistas – tornou-se, definitivamente, o Islão. O Islão superava de tal modo os outros obsoletos filtros folclóricos e orientalistas (por exemplo: os das tribos e dos *harems*), que os próprios árabes foram obliterados do campo de visão ou diluídos numa multidão muçulmana. O que recuperou a sua forma a *oriente*, foi a ‘civilização islâmica’; o que dela se evidenciava era a alegada subordinação da política à religião.

### LENTEs DE CONTACTO

Se sempre víamos mal ao longe, cada vez mais víamos pior ao perto. O pós-colonialismo e a imigração para a Europa aproximaram demasiado os árabes do seu campo de visão e diferentes monóculos coloniais – mais ou menos multiculturalistas, mais ou menos assimilacionistas – foram novamente convocados para resolver a hipermetropia que a afectava. Em alguns casos, como em França, tal era a dificuldade de ver ao perto, que se exigiu às árabes e às outras muçulmanas que se desvelassem, como se havia feito na Argélia das *mulheres-bomba*<sup>4</sup>.

### LENTEs DE VER AO PERTO

Entretanto, alguns académicos e outros, que supostamente vão observar as coisas mais de perto, haviam já previsto o fracasso do *islão político*<sup>5</sup>. Segundo estes, e contra as profecias míopes do *choque de civilizações*, desde finais dos anos oitenta que se assistia a um progressivo deslizamento de um ideário revolucionário islamista, terceiro-mundista e político para um neofundamentalismo puritano, predador, populista e conservador. Esta tendência, ainda hoje sujeita a alguma contestação, acompanhou o entusiasmo

### CENTRAL VISION

In Portugal and in Europe – in short, in many parts of the world – people have a blurred view of the Arabs. Edward Said<sup>1</sup> wasn’t the first person to note this *mal de voir*<sup>2</sup> that is acutely directed against them. But it was his diagnosis that was to prove the most resonant, even though people tended to ignore his prognosis, which was quite simply that we should immediately take off our glasses once and for all, stop looking at them as *others* and begin to see them as people. Instead of this, we kept changing the lenses of our glasses and the evil has spread. This is a long story, and it has already been told several times, but the fact remains that the *Orient* that the *West* produced in order to create itself always had very little to do with the place where the sun rose, and, in its modern geopolitical version, stretched from the Far East to the Maghreb (which, literally, from the Arab viewpoint, means the west), passing through the Middle and Near East. (Furthermore, there were also times when this Orientalist view of the centre turned itself somewhat timidly towards the northern shores of the Mediterranean, seeking to establish new cultural frameworks for its incidence; and nowadays, the central visions of the crisis have once more taken hold of that stigmatising frame that is again pushing Southern Europe towards the side of the Orient.)

### CONTACT LENSES

If we had always seen badly when looking into the distance, we were now beginning to see increasingly worse close up. Post-colonialism and immigration to Europe brought the Arabs too close to people’s field of vision and different colonial monocles – with varying degrees of multiculturalism, or varying degrees of assimilation – were again brought into play in order to correct the hypermetropia that affected it. In some cases, such as in France, it became so difficult to see things close up that Arabs and other Muslims women were required to unveil themselves, just as had been done in the Algeria of the *women bombers*<sup>4</sup>.

### MYOPIA

After the fall of the Berlin Wall, when it became necessary to view the world with fresh eyes, and from a distance, people put on their old glasses again. The world was no longer one ruled by ideologies,

ocidental com o empoderamento da sociedade civil e a emergência de novas esferas públicas e foi analisada juntamente com os processos de massificação progressiva da educação e do acesso aos *media no mundo árabe* que, necessariamente, democratizaram a interpretação das fontes da lei islâmica (*xar’ia*) e permitiram leituras e práticas mais individualizadas (logo menos políticas, no sentido em que menos mediadas pelas elites políticas e religiosas). As visões académicas e jornalísticas que acompanharam estes processos fizeram emergir da massa muçulmana, timidamente, o vulto de pessoas pias e a silhueta de indivíduos *modernos*. Mas muitas delas pecavam, ainda, por duas coisas: primeiro por continuarem a cobrir o corpo da pessoa muçulmana, atavicamente, com o véu islão, camuflando todos os outros marcadores que as configuram e condicionam os seus itinerários; segundo por, no seu entusiasmo redencionista (que voltaremos a encontrar por altura das primaveras árabes), confundirem diferentes usos e concepções de espaço público e de debate participativo e associarem automaticamente todos a um comum pressuposto de liberalização, assente no princípio alegadamente universal das liberdades individuais.

### NERVOS ÓPTICOS

Apesar de os académicos haverem já anunciado o fracasso do *islão político* que abria curso a uma era pós-islâmica, o nervosismo decorrente do 11 de setembro permitiu que os *think tanks* que argumentavam pela intervenção americana no Afeganistão recuperassem, no início de 2000, a visão oriental crispada da *guerra das civilizações*, centrada agora no do *eixo do mal*<sup>6</sup>. Alguns voltaram a colocar os óculos de Huntington.

### CONTACT LENSES

If we had always seen badly when looking into the distance, we were now beginning to see increasingly worse close up. Post-colonialism and immigration to Europe brought the Arabs too close to people’s field of vision and different colonial monocles – with varying degrees of multiculturalism, or varying degrees of assimilation – were again brought into play in order to correct the hypermetropia that affected it. In some cases, such as in France, it became so difficult to see things close up that Arabs and other Muslims women were required to unveil themselves, just as had been done in the Algeria of the *women bombers*<sup>4</sup>.

### LENSES FOR CLOSE-UP VIEWING

Meanwhile, some academics and others, who were supposedly going to view things

ocidental com o empoderamento da sociedade civil e a emergência de novas esferas públicas e foi analisada juntamente com os processos de massificação progressiva da educação e do acesso aos *media no mundo árabe* que, necessariamente, democratizaram a interpretação das fontes da lei islâmica (*xar’ia*) e permitiram leituras e práticas mais individualizadas (logo menos políticas, no sentido em que menos mediadas pelas elites políticas e religiosas). As visões académicas e jornalísticas que acompanharam estes processos fizeram emergir da massa muçulmana, timidamente, o vulto de pessoas pias e a silhueta de indivíduos *modernos*. Mas muitas delas pecavam, ainda, por duas coisas: primeiro por continuarem a cobrir o corpo da pessoa muçulmana, atavicamente, com o véu islão, camuflando todos os outros marcadores que as configuram e condicionam os seus itinerários; segundo por, no seu entusiasmo redencionista (que voltaremos a encontrar por altura das primaveras árabes), confundirem diferentes usos e concepções de espaço público e de debate participativo e associarem automaticamente todos a um comum pressuposto de liberalização, assente no princípio alegadamente universal das liberdades individuais.

explorar as divisões islâmicas e manter a superioridade militar eram as atitudes a tomar para a gestão do conflito no seu mundo multipolar. Outras visões, retificativas, emergiram nessa fase a que se chamou de pós-islâmica (como a do ‘muçulmano secular’). Para isso terá sem dúvida contribuído o relativo sucesso da Turquia na sua conciliação de Islão com modernidade e democracia. Reagindo, então, a Huntington e pela mão do próprio Erdogan, sob os auspícios de Kofi Annan, oferece-se ao mundo novo periscópio: o da Aliança e diálogo das Civilizações. E assim são hoje as lunetas da nossa visão central, que poisaram agora, de novo, sobre os árabes: a matéria de ambas as lentes continua a ser, atavicamente, o Islão (na sua forma mais opaca: a que o toma como uma civilização e absorve os indivíduos e dissipa tudo o que não seja *cultura*: globalização económica e financeira, interesses geopolíticos, política nacional, etc.). Uma das lentes, frequentemente a da direita, é islamófoba e outra, frequentemente a da esquerda, é islamófila, (mas nem sempre é assim) o que resulta necessariamente na agudização do nosso estrabismo.

### ÓCULOS DE SOL

Alguns, mais descontraídos, vão *lá* ver os árabes. Como turistas, mas cada vez mais curiosos. A primavera de 2011 (que, é bom lembrar, não foi só árabe, mas também *amazigh*<sup>8</sup> e de outros grupos de filiação étnica) surpreendeu-nos e, muitos daqueles que não fomos *lá* em romaria, pusemos também, entusiasmados, os óculos de sol. Pela primeira vez, desde há muito tempo, reencontramos os árabes, embora sempre com a sombra, a negativo, do *islão político*: «será que não vai acontecer como no Irão?»; e, de novo, com todos os filtros orientalistas românticos: «eis as tribos (a celebrada *açabiya*, de Ibn khaldun<sup>9</sup>) combatendo os abusos das realezas», «eis as mulheres que saem do seu *harem*»... Mas, por mais cândidos que sejam nossos óculos, a verdade é que, em vez de tentar ver o que nunca vimos com olhos de ver, porque sempre colocámos filtros sobre filtros que nos impediram de o fazer, continuamos apenas a projetar nos ecrãs árabes revolucionários as nossas próprias angústias e expetativas democráticas (sobretudo nós, portugueses, a regozijar-nos com a terminologia florida, como a nossa, da revolução tunisina): os árabes são meros figurantes do filme que fazemos sobre o mundo e sobre nós próprios.

### ESTRABISMO E DIPLOPIA

Independentemente da crispação provocada pelo 11 de setembro, a evidência das transformações no interior dos países maioritariamente muçulmanos e, provavelmente, a inoperacionalidade de gestão, mesmo para a *realpolitik*, de um mundo tão caricaturalmente maniqueizado ou, ainda, alternativamente o pressuposto mais pragmático de que a ‘abertura de espíritos’ abre o mercado e o consumo ao liberalismo económico, levaram a um desdobramento normativo da imagem dos muçulmanos: havia que distinguir entre ‘bons muçulmanos’ e ‘maus-muçulmanos’<sup>7</sup> (não entre boas e más pessoas, mas entre ‘bons’ e ‘maus muçulmanos’). Isto, que até se podia fazer de boa fé e parecia finalmente contrariar a visão essencialista da *guerra das civilizações*, correspondia, paradoxalmente, aos conselhos estratégicos da *realpolitik*, como Huntington conjecturara,

from closer up, had already predicted the failure of *political Islam*<sup>8</sup>. According to these, and contrary to the short-sighted prophecies of the *clash of civilisations*, since the end of the 1980s there had been a gradual move away from a revolutionary Islamist mindset which was third-worldist and political in nature, towards the puritanical preaching of a neo-fundamentalism that was populist and conservative. This tendency, which is still disputed, has accompanied a general western enthusiasm for the empowerment of civil society and the emergence of new public spheres, and analysed together with the processes involved in the progressive massification of education and the greater access to the media in the *Arab world*, which necessarily democratised the interpretation of the sources of Islamic law (*sharia*) and allowed for more individualised readings and practices (ones that were therefore less political, insofar as they were less subject to the influences of the political and religious elites). The academic and journalistic visions that accompanied these processes allowed the timid emergence of group of pious people and the silhouette of *modern* individuals amidst the *Muslim mass*. But many of these approaches still failed on the side of two particular aspects: firstly, they continued atavistically to cover the body of the Muslim person with the Islamic veil, camouflaging all the other markers that shape and configure people daily itineraries; secondly, in their redemptionist enthusiasm (which was to re-emerge once more at the time of the Arab springs), they confused different uses and conceptions of the public space and participative debate and automatically associated all of them with a shared presupposition of liberalisation, based on the allegedly universal principle of individual freedoms.

### ÓCULOS DE SOL

Alguns, mais descontraídos, vão *lá* ver os árabes. Como turistas, mas cada vez mais curiosos. A primavera de 2011 (que, é bom lembrar, não foi só árabe, mas também *amazigh*<sup>8</sup> e de outros grupos de filiação étnica) surpreendeu-nos e, muitos daqueles que não fomos *lá* em romaria, pusemos também, entusiasmados, os óculos de sol. Pela primeira vez, desde há muito tempo, reencontramos os árabes, embora sempre com a sombra, a negativo, do *islão político*: «será que não vai acontecer como no Irão?»; e, de novo, com todos os filtros orientalistas românticos: «eis as tribos (a celebrada *açabiya*, de Ibn khaldun<sup>9</sup>) combatendo os abusos das realezas», «eis as mulheres que saem do seu *harem*»... Mas, por mais cândidos que sejam nossos óculos, a verdade é que, em vez de tentar ver o que nunca vimos com olhos de ver, porque sempre colocámos filtros sobre filtros que nos impediram de o fazer, continuamos apenas a projetar nos ecrãs árabes revolucionários as nossas próprias angústias e expetativas democráticas (sobretudo nós, portugueses, a regozijar-nos com a terminologia florida, como a nossa, da revolução tunisina): os árabes são meros figurantes do filme que fazemos sobre o mundo e sobre nós próprios.

### STRABISMUS AND DIPLOPIA

Regardless of the tensions caused by 11 September, the evidence of the transformations taking place inside the countries with a Muslim majority and, in all probability, the inoperability, even for *realpolitik*, of trying to manage a world that had been rendered Manichean in such a caricatural fashion, or even, alternatively, the more pragmatic premise that the ‘opening of minds’ would open up the

market and consumption to economic liberalism, led to a normative split in the general picture of Muslims: a distinction should be now drawn between ‘good Muslims’ and ‘bad Muslims’<sup>7</sup> (not between good and bad people, but between ‘good’ and ‘bad’ Muslims). This distinction, which could even be made in good faith and finally seemed to counter the essentialist vision of the *clash of civilisations*, paradoxically corresponded to the strategic advice of *realpolitik*, as Huntington had conjectured, to exploit the Islamic divisions and maintain military superiority. Accordingly, these were the attitudes that had to be taken for the management of the conflict in its multipolar world. Corrective visions, against this one, emerged in this phase, (such as the idea of the *secular Muslim*), which was now described as being post-Islamic. Undoubtedly contributing to this was the relative success of Turkey in reconciling Islam with modernity and democracy. Therefore, in reaction to Huntington and thanks to the efforts of Erdogan himself, acting under the auspices of Kofi Annan, a new periscope has been offered to the world: that of the *Alliance* and dialogue of *Civilisations*. And so, today, these are the eye glasses of our central vision, which have now focused once again on the Arabs: the basic filter of both lenses continues to be Islam (in its most opaque form: the one that takes it as a *civilisation*, absorbing individuals and dissipating everything that is not *culture*: economic and financial globalisation, geopolitical interests, national policy, etc.). One of the lenses, frequently the one on the right, is Islamophobic, and the other, frequently the one on the left, is Islamophile (although this is not always the case), and this necessarily results in making our squint even more acute.

### OPTIC NERVES

Although academics had announced the failure of *political Islam* which would lead to the formation of a post-Islamic era, the tension created by 11 September allowed the think tanks, which defended the American intervention in Afghanistan, to recover the tense Oriental vision of the *war of civilisations* at the beginning of 2000, although this was now centred on the idea of the *axis of evil*<sup>8</sup>. Some of them began to wear Huntington glasses back on again.

### STRABISMUS AND DIPLOPIA

Regardless of the tensions caused by 11 September, the evidence of the transformations taking place inside the countries with a Muslim majority and, in all probability, the inoperability, even for *realpolitik*, of trying to manage a world that had been rendered Manichean in such a caricatural fashion, or even, alternatively, the more pragmatic premise that the ‘opening of minds’ would open up the

market and consumption to economic liberalism, led to a normative split in the general picture of Muslims: a distinction should be now drawn between ‘good Muslims’ and ‘bad Muslims’<sup>7</sup> (not between good and bad people, but between ‘good’ and ‘bad’ Muslims). This distinction, which could even be made in good faith and finally seemed to counter the essentialist vision of the *clash of civilisations*, paradoxically corresponded to the strategic advice of *realpolitik*, as Huntington had conjectured, to exploit the Islamic divisions and maintain military superiority. Accordingly, these were the attitudes that had to be taken for the management of the conflict in its multipolar world. Corrective visions, against this one, emerged in this phase, (such as the idea of the *secular Muslim*), which was now described as being post-Islamic. Undoubtedly contributing to this was the relative success of Turkey in reconciling Islam with modernity and democracy. Therefore, in reaction to Huntington and thanks to the efforts of Erdogan himself, acting under the auspices of Kofi Annan, a new periscope has been offered to the world: that of the *Alliance* and dialogue of *Civilisations*. And so, today, these are the eye glasses of our central vision, which have now focused once again on the Arabs: the basic filter of both lenses continues to be Islam (in its most opaque form: the one that takes it as a *civilisation*, absorbing individuals and dissipating everything that is not *culture*: economic and financial globalisation, geopolitical interests, national policy, etc.). One of the lenses, frequently the one on the right, is Islamophobic, and the other, frequently the one on the left, is Islamophile (although this is not always the case), and this necessarily results in making our squint even more acute.

### SUNGLASSES

Some, more relaxed, go *there* to see the Arabs. As tourists, of course, but ones that are more and more curious. The spring of 2011 (which, it is worth remembering, was not only an Arab spring, but also an *Amazigh*<sup>8</sup> one, and a spring of other ethnic groups) was certainly a surprising event, and even many of those who did not go *there* in pilgrimage, also put on sunglasses in our enthusiasm. For the first time in a very long time, we re-encountered the Arabs, albeit always with the shadow, the negative version, of *political Islam*: “will things turn out as they did in Iran?” And, once again, with all the romantic Orientalist filters: “here are the tribes (the famous *açabiya* of Ibn khaldoun<sup>9</sup>) fighting the abuses of the royalties and the State”, “here are the women coming out of their harem” ... But, however candid our glasses may be, the truth is that, instead of trying to see what we have never seen with our own eyes, because we have always used more and more filters that have prevented us from doing so, we simply

**Notas**

**1** Said, Edward S. (2004 [1978]), *Orientalismo*. Lisboa, Cotovia.

**2** AAVV (1976), *Le mal de voir: ethnologie et orientalisme, politique et épistémologie, critique et autocritique*. Paris, Cahiers Jussieu.

**3** A general term that includes different ideological movements that subject the establishment of the States to the principles of Islam, both at the national level and at the level of the *umma* (community of believers). The term Islamism then definitively begins to refer only to the politically motivated Islam in this sense.

**4** Fanon, Frantz 1959. “L’Algérie se dévoile” in *L’an V de la révolution algérienne*. Paris, Maspero.

**5** Olivier, Le Roy. 1992. *L’échec de l’islam politique*. Paris, Seuil.

**6** Although the term ‘clash of civilisations’ was originally coined by Bernard Lewis (in “The Roots of Muslim Rage”, *The Atlantic Monthly*, 1990) it became better known through the thesis that Samuel Huntington put forward in an article published in *Foreign Affairs* in 1993, which he later expanded upon in his book *The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order* published in 1996, which in turn became a best-seller after 11 September.

**7** Mamdani, M. (2002), “Good Muslim, Bad Muslim: A Political Perspective on Culture and Terrorism”. *American Anthropologist*, 104: 766–775

**8** Berber self-designated identity.

**9** Ibn Khaldoun, Abd al-Rahman ibn Muhammad. *Muqaddimah*. *Kitab al-’Ibar*. *The Muqaddimah: An Introduction to History*, edited and translated by Franz Rosenthal (3 vols., 1958; 2nd ed. 1967)

**10** *Aīn*. Olho, evil eye.

**11** Santos, Boaventura de Sousa (2002), “Entre Próspero e Caliban: colonialismo, pós-colonialismo e interidentidade”, *Luso-Brazilian Review*, 39, 2, 9-43; Almeida, Miguel Vale de, 2008.

“Anthropology and Ethnography of the Portuguese-speaking Empire”, *A Historical Companion to Postcolonial Literatures. Continental Europe and Its Empires*, ed. Poddar, P., Patke, R. and L. Jensen. Edinburgo, Edinburgh University Press, 435-439.

**12** SILVA, Maria Cardeira da. 2005. “O sentido dos árabes no nosso sentido: Dos estudos sobre árabes e sobre muçulmanos em Portugal”. *Análise Social*, no. 173, pp. 781-806.

**13** SILVA, Maria Cardeira da. 1999. *Um Islão Prático*. Oeiras: Celta

**14** Following the suicide of a female minor who was the victim of rape and forced to marry the rapist.

alone in the 20 February movement that momentarily brought together the discontentments of various fronts, have already published their manifesto demanding a free and democratic culture. And this is far from being the most dramatic debate: the fight for the constitutionalisation of the freedom of conscience seems, for the time being, to have been lost, but others, such as the abolition of the law that allows a rapist to marry his victim and thus obtain a legal pardon, are still very heatedly debated in the street<sup>14</sup>, the real battlefield for the reshaping of rights and affiliations – whether Islamist, Salafist or secular – in the spaces left open by the new Constitution.

With what lenses can we look at these realities? Through the one on the right, often the catastrophist one, we see in the Arab spring and the rise of Islamic parties the announcement of the impossibility of democracy; through the left one, usually the euphoric one, we lightly heartedly rejoice in the end of long oppressions and the beginning of a democratic modernity... The western lenses and prophecies have never helped the Arabs. On the contrary. And this time it is perhaps not too late for us to refrain from using them and issuing them. Democracy is ‘passing through here’, but – regardless of our forebodings or desires – only Moroccan men and women, just as in other countries, other Arabs, Muslims, secular people and people from other faiths, can catch hold of it. In any case, I am greatly tempted to say, in secular terms: ‘God willing....’

salafistas ou laicas – nos espaços deixados em aberto pela nova Constituição.

Com que lente podemos olhar para estas realidades? Pela lente mais à direita, catastrofista, vemos na Primavera Árabe e na ascensão dos partidos islâmicos a impossibilidade anunciada da democracia; pela lente mais à esquerda, eufórica, exultamos levianamente com o fim de longas opressões e o início de uma modernidade democrática... As lentes e vaticínios ocidentais não têm ajudado os árabes, pelo contrário, e talvez não seja tarde para nos abstermos de os usar e emitir, desta vez. A democracia está ‘a passar por aqui’ mas – independentemente dos nossos agoiros ou desejos – apenas os homens e mulheres marroquinos, como noutros países, os outros árabes, muçulmanos, seculares e de outras confissões, podem apanhá-la.

Em todo o caso, apetece-me muito dizer, secularmente: ‘deus queira!...

continue to project our own anxieties and democratic expectations onto the revolutionary Arab screens (especially we Portuguese, who delight in the floral terminology – like our own – of the Tunisian revolution): the Arabs are mere extras in the movie that we make about the world and ourselves.

<sup>10</sup>عَيْن

And vice-versa. “In Portugal and in Europe – in short in many places in the world – they have a blurred view of us,” say the Arabs, who, in turn, similarly have a blurred view of the westerners; who, over the years, have also categorised *them* in an essentialist fashion, and, frequently religiously, treat *them* as *nazrani* (literally Nazarenes) or *kufar* (sing. *kafir*, unbeliever), who have also hypersexualised *their* women, who also, as Said lamented, have never taken their glasses off.

In Arabic, عَيْن , *āīn*, means simultaneously eye and evil eye, the power of the eye. The difference between that ophthalmology and the other more modern and/or positivist ones that have been constructed through symmetry, may only lie in the greater ancestry – which is circum-Mediterranean – of the recognition of that metonymy, of that immediate association of sight with power, and frequently with the wrong use of power.

### PERIPHERAL VISION

Just as others have spoken about a peripheral or subaltern colonialism<sup>11</sup>, we can also speak about a peripheral Orientalism and a kind of crypto-Orientalism for Portugal. About a peripheral Orientalism because, far removed from the colonialist framework that formatted the Orientalism of other empires, sheltered from the more juvenile performances of other European nationalisms and relatively far removed from the controversies of Spanish Arabicism, the rhetoric of the Portuguese identity sought to find in European Orientalism only what interested it in order to shape an ethnogenetic argument, in keeping with the central European paradigm. Furthermore, it is the very European discursive practice itself that stifles Portuguese Orientalism through the fact that it itself romantically orientalises the Peninsula. We may therefore speak simultaneously about a kind of crypto-Orientalism. Because, while it is true that, just as in the rest of Europe, Portuguese Orientalism had to do with the political construction of an ethnogenesis – in which the Arabs appear once again as extras – it served, above all, to bring about the Europeanisation of Portugal and its elites, with the sacrifice, i.e. the *Orientalisation* of some of its less developed regions, to the *south*, and of its popular strata, in whose folklore were to be found surviving remnants of the *Arab world*.

### LOOKING STRAIGHT

There are advantages in this Portuguese peripheral way of looking (more as a consumer than as a producer of the Orientalist stuff – which perhaps still allows us to look directly at the Arabs face to face. The peripheral and subaltern way of looking brings with it a certain candour (as we have seen, for example, in the Mértola of Cláudio Torres, which is constantly evoked in order to exalt our proverbial tolerance<sup>12</sup>). But it would be naïve to think that it is this candour that allows for the adoption of a pure and crystalline gaze. Portugal is a peripheral but western country, more or less innocuous in political and economic terms, with a history of colonisation that is sufficiently distant to allow for the relatively relaxed recycling of a past full of conflict with the Arabs into a heritage of sharing and cultural diversity. Internally, the rhetoric of Luso-tropicalism has emerged brand new from this recycling process, and many of our Arab partners have kindly tolerated this. If for no other reason than to provide something in exchange for this recognition, we Portuguese people, armed, on the one hand, with the disadvantage of our peripheral situation, and with the ‘proximity to the Oriental world’ into which we are so often slotted, on the other hand, should be the first to take off the glasses that the central vision provide us and to create our own point of view about people (Arabs or non-Arabs) – before ostracising them and cataloguing them as good or bad Muslims, immigrants or terrorists, or subordinating them to our desires, whether they are erotic or salvationist in nature. That is the basis for a crystalline diplomacy that we are better placed to achieve.

I am writing in Rabat, directly across from the medina of Salé, on the other side of the river, where I lived almost twenty years ago and about which I have written a book, hoped, but I confess also confident, that the choices made by the women who were at that time my neighbours, and whose friend I became, would, in the future, be the ones that I wanted and that I *believed* were better for them<sup>13</sup>. Salé (and particularly the medina) was one of the districts where the Islamic party, which now holds the majority in parliament (the Justice and Development Party), enjoyed one of its most resounding successes. One of the recent public debates in Morocco was set in motion by the declarations of the Minister of Justice and Freedoms (of the Justice and Development Party) speaking in defence of a “Culture and a Clean Art”, an art that is in keeping with the moralisation of Moroccan society and is in harmony with the Muslim principles of the majority of the population (an art that would exclude nudity, for example). Some artists, especially the secular ones, which are increasingly

por seu turno, também veem mal os ocidentais; que também ao longo dos tempos os categorizaram de forma essencialista e muitas vezes religiosoamente, tratando-os por *nazrani* (literalmente nazarenos) ou *kufar* (sing. *kafir*, descrente), que também hipersexualizaram as *suas* mulheres, que também, lamentou Said, nunca tiraram os óculos. Em árabe عَيْن , *āīn*, significa ao meu mesmo tempo olho e mau-olhado, o poder do olho. A diferença entre essa oftalmologia e as mais modernas e/ou positivistas que se foram construindo por simetria, pode residir apenas na maior ancestralidade – que é circum-mediterrânica – do reconhecimento dessa metonímia, dessa associação imediata do ver ao poder e, frequentemente, ao mau uso do poder.

### VISÃO PERIFÉRICA

Como outros falaram de um colonialismo periférico ou subaltern<sup>11</sup> podemos também falar de um orientalismo periférico e de uma espécie de cripto orientalismo para Portugal. De um orientalismo periférico porque, longe do quadro colonialista que formatou o orientalismo de outros impérios, protegido dos encarniçamentos mais juvenis dos outros nacionalismos europeus e relativamente distanciado das polémicas do arabismo espanhol, a retórica identitária portuguesa foi buscar ao orientalismo europeu apenas o que lhe interessa para conformar um argumento etnogenético de acordo com o paradigma europeu. Para além disso, é a própria prática discursiva europeia que abafa o orientalismo português ao orientalizar ela própria, romanticamente, a Península. Podemos falar, ao mesmo tempo de uma espécie de cripto-orientalismo. Porque, se é verdade que, tal como no resto da Europa, o orientalismo português teve que ver com a construção política de uma etnogénese – em que os árabes aparecem mais uma vez como meros figurantes –, ele serviu, antes de mais, a europeização de Portugal e suas elites, com o sacrifício, isto é, a orientalização de algumas das suas regiões menos desenvolvidas, a sul, e das suas camadas populares, em cujo folclore se encontravam as sobrevivências do árabe.

Escrevo em Rabat, de frente para a medina de Salé, do outro lado do rio, onde vivi há quase vinte anos e a propósito da qual escrevi um livro, expectante mas, confesso, confiante que as escolhas das mulheres que foram então minhas vizinhas, e de quem me tornei amiga, haviam de ser, no futuro, as que eu queria e *cria* melhores para elas<sup>13</sup>. Salé (e particularmente a medina) foi um dos distritos onde o partido islâmico, que é agora maioritário no parlamento, o Partido da Justiça e Desenvolvimento, teve um êxito mais retumbante. Uma das discussões públicas recentes em Marrocos foi espoletada pelas declarações do Ministro da Justiça e das Liberdades (do PJD) defendendo uma ‘Cultura e uma Arte Limpa’, uma arte de acordo com a moralização da sociedade marroquina e em consonância com os princípios muçulmanos da maioria da população (uma arte de onde se excluiu-se a nudez, por exemplo). Artistas, sobretudo seculares, cada vez mais sozinhos no movimento 20 de fevereiro, que aglutinou momentaneamente os descontentamentos de várias frentes, publicaram já o seu manifesto exigindo uma cultura livre e democrática. E esta não é – de longe – a discussão mais dramática: a luta pela constitucionalização da liberdade de consciência parece, por agora, ter sido perdida mas, outras, como a abolição da lei que permite a um violador casar com a vítima e assim obter perdão legal, estão ainda acesas na rua<sup>14</sup>, verdadeiro campo de batalha para a reconfiguração de direitos e filiações – islamistas,

### OLHAR DE FRENTE

Há vantagens no olhar periférico (mais consumidor do que produtor de matéria bruta orientalista) português – que nos permite, talvez ainda, olhar de frente os árabes. A visão periférica e subalterna resguarda uma certa candura (como vimos, por exemplo, na Mértola de Cláudio Torres, constantemente convocada para exaltar a nossa proverbial tolerância<sup>12</sup>). Mas seria *naïf* pensar que é essa candura que con-

# PROGRAMAÇÃO

## JUNHO/JULHO 2012

# PROGRAMME

## JUNE/JULY 2012

# ARTE PÚBLICA

## PUBLIC ART



# 3X4

## CAMILA DE SOUSA

“3x4” é o resultado de uma imersão em dois estabelecimentos prisionais femininos de Maputo, a Cadeia Civil e o Centro de Reclusão Feminino de Ndhlavela. Em Moçambique, o exercício e respeito dos direitos das mulheres, que se encontram em regime prisional, constituem um grande desafio: além das arbitrariedades cometidas pelas instâncias investigadoras, o desrespeito dos prazos de prisão preventiva, as péssimas condições de alojamento, alimentação e higiene, existe o imperante patriarcalismo que reforça o tratamento desigual atribuído à mulher pela justiça moçambicana. Ao longo de um ano, a artista teve a oportunidade de conviver com mulheres de nacionalidades, idades e classes sociais diversas, mas cujas histórias e experiências estão interconectadas por episódios de violência física e social, de separação, expiação e reconciliação. Na série apresentada, as imagens tentam criar um campo político de negociação e recuperação do corpo feminino fraturado, que, apesar de marcado pela lógica da violência patriarcal, não deixa, contudo, de ser um corpo feminino, senhor da sua sensualidade e do seu próprio movimento.

“3x4” is the result of an immersion in two female prisons in Maputo, the Jail and the Center for Women's Imprisonment in Ndhlavela. In Mozambique, the exercise and respect for women's rights, who are in a prison regime, constitute a major challenge: beyond the arbitrary acts committed by investigating authorities, the limits for detention, poor housing conditions, food and hygiene, there is a prevailing patriarchy that reinforces the unequal treatment given to women by the Mozambican justice. Over a year, the artist had the opportunity to socialize with women of different nationalities, ages and social classes, but whose stories and experiences are interconnected by episodes of physical and social separation, atonement and reconciliation. In the series presented, the images are trying to create a field of negotiation and political recovery of the fractured female body, which, though marked by the logic of patriarchal violence, nevertheless, however, being yet a female body, and master of its sensuality and of its own movement.



© MARCELO JÁCOME, VISTAS INTERNAS DO PROJETO DE DESIGN "O PASSADIÇO" / INTERNAL VIEWS OF THE DESIGN PROJECT "THE PASSADIÇO", 2011  
CORTESIA DO ARTISTA / COURTESY OF THE ARTIST

# O PASSADIÇO

## THE PASSADIÇO

### MARCELO JÁCOME

"O Passadiço", criado este ano para o jardim da Fundação Calouste Gulbenkian, tem como proposta artística a sobreposição de planos independentes que, quando percebidos a uma certa distância, provocam o olhar e a percepção do espectador.

"The Passadiço", created this year for the Calouste Gulbenkian Foundation gardens, brings as an artistic proposal the overlay of independent plans that when perceived from a distance, provoke the look and the perception of the beholder.

# RULOTE

## RV

### NUNO VIEGAS

A rulote interessou-me sobretudo como objeto nómada. Neste sentido, a acumulação de malas numa pequena embarcação é uma alusão aos movimentos migratórios, que tantas vezes, de forma precária e clandestina, cruzam as fronteiras reduzindo a dimensão humana a um mero valor objetual ou a um valor de carga.

The RV has particularly interested me as a nomadic object. In this sense, the accumulation of bags in a small boat is an allusion to migration, which often is so precarious, and illegal, crossing borders and reducing the human dimension to a simple object value or to a load value.



© NUNO VIEGAS, "RULOTE/RV", 2011/2012, CORTESIA DO ARTISTA / COURTESY OF THE ARTIST



© FILIPE BRANQUINHO, "OCUPAÇÕES/OCCUPATIONS", 2011, CORTESIA DO ARTISTA / COURTESY OF THE ARTIST

# OCUPAÇÕES

## OCCUPATIONS

### FILIPE BRANQUINHO

Esta série de seis fotografias é um pequeno recorte de um projeto fotográfico chamado "Ocupações" que comecei em inícios de 2011. Este conjunto de retratos foi realizado em cidades moçambicanas, de modo a captar o seu espírito através da arquitetura, da paisagem e dos seus ocupantes. O foco deste trabalho é um determinado grupo social que representa uma maioria e que está presente em todo o tecido urbano: nos grandes centros, nos bairros da periferia, na zona costeira, nos condomínios privados, etc. Cada fotografia é singular e pretende dignificar o retratado no exercício da sua ocupação e na forma como este dialoga com o espaço que ocupa. É no conjunto dos retratos que as cidades são desvendadas, na luz que as envolve, na sua paleta de cores e na história das pessoas que ali vivem.

This series of six photographs is a small cutout of a photographic project called "Occupations" that began in early 2011. This set of pictures was held in Mozambican cities, in order to capture its spirit through architecture, landscape and its occupants. The focus of this work is a particular social group that represents a majority and that is present throughout the urban fabric: in large cities, in the suburbs, the coastal zone, in gated communities, etc.. Each photograph is unique and wants to dignify the portrayed in the exercise of their occupation and how it communicates with the space it occupies. It is in this set of pictures that cities are elucidated in the light that surrounds them, in the color palette and in the history of people who live there.

Ons Abid, "Victory" (da série/from the series "Tunisian Revolution"), 2011

# FESTA DA LITERATURA E FESTIVAL OF DO PENSAMENTO LITERATURE DO NORTE DE AND THOUGHT ÁFRICA OF NORTH AFRICA

Quando o Programa Gulbenkian Próximo Futuro se iniciou em 2009, programa este muito focado na dimensão cultural e artística dos atuais protagonistas africanos e latino-americanos e das Caraíbas, em relação com as cidades e os criadores europeus, não se imaginava que, apenas três anos depois, movimentos revolucionários nos países do Norte de África e do Médio Oriente acontecessem. E, contudo, este sobressalto de rebeldia, de aspiração pela liberdade e pela democracia, não só abalou esses países com consequências imediatas em termos de alterações de regime, como abalou todo o mundo e chamou a atenção para os povos, os criadores, os agentes políticos desta região sobre a qual havia tanta ignorância a somar a tantos clichés maioritariamente negativos. Apenas um ano se passou, muitas convulsões aconteceram e muitas outras irão acontecer independentemente de um maior pessimismo, até ceticismo, ou de um otimismo e até de uma crença excessiva em alguns casos. Nós, que vivemos este tempo, somos testemunhas privilegiadas e devemos estar atentos ao que se passa ouvindo, lendo, estudando, conversando com os interlocutores fundamentais deste processo que são os egípcios, os tunisinos, os sírios, os marroquinos, os argelinos, etc. No caso concreto do Programa Próximo Futuro são interlocutores fundamentais os criadores desta região, vivendo nela ou fazendo parte da diáspora. Assim, dentro da programação da Festa da Literatura e do Pensamento do Norte de África, vamos conversar e ouvir criadores, curadores, artistas sobre o estado das artes nestes países, para melhor os conhecermos e para melhor nos entendermos.

António Pinto Ribeiro

When the Gulbenkian Program Next Future began in 2009, it was really focused on the cultural dimension and artistic players of the current African, Latin American and Caribbean countries, relative with European cities and creators. No one would imagine that just three years afterwards the revolutionary movements in North Africa and in the Middle East would take place. And yet this burst of rebellion, of longing for freedom and democracy not only rocked these countries with immediate consequences in terms of regime changes as it shook the world and drew attention to populations, creators, policy-makers in these regions where there were so much ignorance to add to so many clichés, mostly negative. Only a year has passed, many social upheavals have occurred and many others will occur regardless of a more pessimistic view, even scepticism, or even in some cases of an excessive optimism and belief. We, who live in this present time are privileged witnesses and should be aware of what goes on listening, reading, studying, talking to the interlocutors in this process, the Egyptians, Tunisians, Syrians, Moroccans, Algerians, etc.. In the particular case of the Next Future Program, the creators of these regions are fundamental interlocutors being locals or just part of the Diaspora. Therefore within the programming of the Festival of Literature and Thought of North Africa we will talk and listen to creators, curators, artists on the state of the arts in these countries, to better know and better understand ourselves.

António Pinto Ribeiro

Patrocinadores / Sponsors

**PARTEX**  
OIL AND GAS

THE  
GULBENKIAN  
FUND

Apoios / Support

**INSTITUT  
FRANÇAIS**  
PORTUGAL

## 22 JUNHO/JUNE, 19:00 TENDA OS BLOGGERS DA PRIMAVERA ÁRABE BLOGGERS OF THE ARAB SPRING

Maria João Tomás (Portugal)  
(moderadora/moderator)

Mona Prince (Egito/Egypt)  
Danya Bashir (Líbia/Libya)  
Yassine Ayari (Tunísia/Tunisia)  
Aboubakr Jamaï (Marrocos/Marocco)



## 23 JUNHO/JUNE, 19:00 TENDA O ESTADO DAS ARTES THE STATE OF THE ARTS

Bouchra Khalili (Marrocos/Marocco)  
(moderadora/moderator)

Ahmed El Attar (Egito/Egypt)  
Mohamed Siam (Egito/Egypt)  
Nermine Hammam (Egito/Egypt)  
Soufiane Ouissi (Tunísia/Tunisia)



## 23 JUNHO/JUNE, 22:00 ANFITEATRO AO AR LIVRE A PRIMAVERA ÁRABE EXPLICADA POR TAHAR BEN JELLOUN THE ARAB SPRING EXPLAINED BY TAHAR BEN JELLOUN

Tahar Ben Jelloun (Marrocos/Marocco)  
Apresentado por / Presented by Maria Cardeira Silva (Portugal)



24 JUNHO/JUNE, 19:00

## TENDA O PROTAGONISMO DAS MULHERES NOS PAÍSES DO NORTE DE ÁFRICA THE ROLE OF WOMEN IN NORTH AFRICA

Michket Krifa (Tunísia-França/Tunisia-France)  
(moderadora/moderator)

Nawel Skandrani (Tunísia/Tunisia)  
Olivia Marsaud (França/France)  
Nahed Nasrallah (Egito/Egypt)



24 JUNHO/JUNE, 22:00

## ANFITEATRO AO AR LIVRE PENSADORES DO NORTE DE ÁFRICA NORTH AFRICA THINKERS

Karim Ben Smail (Tunísia/Tunisia)  
(moderador/moderator)

Fethi Benslama (Tunísia/Tunisia)  
Wassyla Tamzali (Argélia/Algeria)  
Samy Ghorbal (França/France)



Entrada livre / Free admission

Tradução simultânea / Simultaneous translation

# CINEMATECA PRÓXIMO FUTURO

## NEXT FUTURE CINEMATHEQUE

26-28 JUNHO/JUNE e/and 3-6 JULHO/JULY, 22:00

ANFITEATRO AO AR LIVRE

filmes legendados em português / portuguese subtitles

### CICLO DE CINEMA ÁRABE EM TRANSIÇÃO

Mohamed Siam (curador)

#### CONTEXTO

A cultura árabe e, em especial, a região do Norte de África, conheceu várias reviravoltas cruciais nos últimos quarenta anos. Nas últimas duas décadas, porém, a rigidez do ambiente em geral e circundante tornou difícil distingui-lo de qualquer outra cultura em declínio e isto devido à quantidade de regimes ditatoriais e ao conceito perdido de verdadeira liderança, juntamente com o aumento do tom da repressão e da injustiça. A Tunísia esteve na dianteira e foi seguida por várias revoluções árabes, encorajadas pela rápida e inspiradora reviravolta no regime tunisino. A cena cinematográfica era frequentemente comercial e raramente competitiva, porém, quando era este o caso, surgia em força, mesmo em comparação com o cinema europeu e com o do mundo em geral.

#### EM TRANSIÇÃO

Como tudo está em constante mudança, lenta ou rápida, a situação atual é tão vibrante e dinâmica como qualquer dos levantamentos da "Primavera Árabe". Esta região muito particular do Norte de África está, atualmente, a ser redefinida e cada um dos cinco países está a mudar simultaneamente mas à sua maneira, assistindo-se a uma transição muito animada e vibrante. O reflexo nestas nações é a transformação e assim será o conceito deste ciclo /programa de seleção de filmes: longas-metragens, curtas e documentários. Cada filme representa um salto para uma outra fase ou a preparação para uma transfiguração, que se fará no tempo e com interações; a mudança e a reforma dos lugares, dos factos e dos regimes pode ser rápida e súbita ou passar sem ser notada, atravessando uma zona cinzenta durante um longo período de tempo.

### ARAB CINEMA CYCLE IN TRANSITION

Mohamed Siam (curator)

#### BACKGROUND

The Arab culture and especially the North Africa region has met many crucial turns during the last 40 years, yet, for the last 2 decades the general atmosphere and surrounding have been stiff / and still that was hard to differentiate it from any other culture decline, due to the spread-out dictatorship regimes and the lost concept of true leadership, while the tone of repression and injustice kept rising slowly. Tunisia had the first spark and tip of the arrow that was followed by several Arab revolutions encouraged by the inspiring quick turnover of Tunisian regime. The cinematic scene was often commercial and rarely competitive but when it was the case, it was strong even compared to Europe & world cinema.

#### IN TRANSITION

As everything is in constant change, slow or rapid, the current situation is as vibrant and dynamic as any of the Arab spring uprising. While this special region of North Africa is presently being reshaped and each of the 5 countries is changing simultaneously in variation to have an animated vibrant region in transition. The reflection on these nations is transformation and so will be the concept of this cycle/program of a selection of films: feature narratives, documentaries and shorts. Each film represents a leap into another phase or a preparation into a transformation, going through time and interactions, we notice how change and reforming the places, the facts and the regimes, can be rapid and sudden or unfelt going under a grey zone for a long time.

ALEXANDRIA, WHY? (ALEXANDRIA, PORQUÊ?)  
Youssef Chahine (Egito)  
ficção, 1978  
133'; língua original: árabe

Este filme marcou uma radical recente reviravolta introspetiva na carreira de Chahine, com um brusco abandono dos seus musicais e melodramas dos anos 50 e dos seus posteriores filmes épicos e políticos. O primeiro de quatro filmes semiautobiográficos, intitulados "Retrato do Artista Enquanto Jovem", "Alexandria, porquê?" focaliza-se num adolescente precoce, cujos sonhos e tentativas esperançosas para se tornar ator se desenrolam contra um fundo vívido de Alexandria, durante a Segunda Guerra Mundial. Um elenco forte inspira o jovem herói teatral de Chahine com uma riqueza de subtextos dramáticos – ora hilariantes, ora comoventes – sobre a vida em tempo de guerra. A natureza autobiográfica e o sabor nostálgico de "Alexandria, porquê?" tornam-no uma das obras mais acessíveis de Chahine, um filme encantador e divertido com uma mensagem antiguerra fortemente subversiva e passional.

FALLEN ANGELS' PARADISE  
(O PARAÍSO DOS ANJOS CAÍDOS)  
Ousama Fawzi (Egito)  
ficção, 2000  
79'; língua original: árabe

Um sem-abrigo morre de overdose. Os amigos não toleram a ideia de não o poderem ver vivo. Tabl – 'tambor' é a sua alcunha – deixou uma vida de luxo, o emprego e a família por uma vida de anarquia e loucura num grupo de almas perdidas. Mounir Rasmi (seu verdadeiro nome) era, ainda há dez anos, um pai ideal, um bom marido e um ser humano comum. O jogo com a morte principia. Há maior realidade do que a morte? Esta sua outra vida é real, embora estagnada. Tabl vive-a atravessando uma história de submundo, ilustrando um presente ilógico alucinante, enfrentando um passado de bem-estar e de vida facilitada. O tempo presente é sempre usado e os amigos fazem tudo o que está ao seu alcance para adiar a separação. Um filme onde a disciplina se torna anarquia, caos, realidade e onde os anjos caídos criam o seu próprio paraíso, impondo as suas leis, normas, prazeres e desejos. Um filme onde o Cairo é a cidade de nenhures.

ATEF  
Emad Maher (Egito)  
ficção/curta-metragem, 2009  
8'; língua original: árabe

Chuva e nomes trocados podem, por vezes, ser catalisadores para que dois estranhos conversem.

ZAFIR (EXPIRA)  
Omar Zohairy (Egito)  
ficção/curta-metragem, 2011  
10'; língua original: árabe

Ao longo de muitos anos de vida em comum, o silêncio recai sobre o casamento de um homem de 70 anos e da sua mulher, um silêncio que exprime o tédio e a agonia de uma vida de rotina interminável, um silêncio que só é interrompido pelos seus suspiros e respirações.

26 JUNHO/JUNE  
NOITE EGÍPCIA/EGYPTIAN NIGHT



ALEXANDRIA, WHY?  
Youssef Chahine (Egypt)  
fiction, 1978  
133'; original language: Arabic

"Alexandria, why?" marked a radical, newly introspective turn in Chahine's active career, a sharp departure from his Fifties musicals and melodramas and his later epics and political films. The first of four semi-autobiography films, entitled "Portrait of the Artist as a Young Man", "Alexandria, why?" focuses on a precocious adolescent, whose dreams and colorful attempts to become an actor unfold against the vivid backdrop of Alexandria during World War II. A rich cast inspires Chahine's young thespian hero with a wealth of dramatic subplots – at turns hilarious at others touching – about wartime life. The autobiographical nature and nostalgic flavor of "Alexandria, why?" makes it one of Chahine's most accessible works, a charming and entertaining film that also delivers a potently subversive and impassioned anti-war message.

FALLEN ANGELS' PARADISE  
Ousama Fawzi (Egpt)  
fiction, 2000  
79'; original language: Arabic

A homeless dies from an overdose... His pals reject the idea of not being able to see him alive. Tabl – 'drum' is the nick-name – who left his luxurious life, his job and family, choosing the life of anarchy and madness among a band of lost souls. Mounir Rasmi (his original name) was only ten years ago an ideal father, a good husband, and a normal human being. The game with death begins. What is truer than death? This other life is so true, although immobile. Tabl is there, all through this underground story, illustrating a hallucinating illogical present, facing a past of welfare and easy life. The present tense is always used and the pals do all what is in their power to postpone the separation. A movie where discipline becomes anarchy, chaos, reality and where the fallen angels create their own paradise, imposing their laws, norms, pleasure, and desires. A film where Cairo is the city of nowhere.

ATEF  
Emad Maher (Egypt)  
short fiction, 2009  
8'; original language: Arabic

Rain and exchanged names can sometimes be a catalyst for two strangers to enroll in a conversation.

ZAFIR (BREATHE OUT)  
Omar Zohairy (Egypt)  
short fiction, 2011  
10'; original language: Arabic

As years and years go by, silence befalls the marriage of a 70 year old man and woman, a silence that expresses the boredom and agony of a never ending routine life, a silence that is only pierced by their sighs and breaths.

27 JUNHO/JUNE  
NOITE MARROQUINA/MOROCCAN NIGHT

SUR LA PLANCHE (LABUTADORAS)  
Leïla Kilani (Marrocos)  
ficção, 2011  
106'; língua original: francês/árabe

Tânger – Hoje, quatro mulheres de vinte anos de idade trabalham para passar o dia e vivem durante a noite. Elas trabalham duramente, divididas em duas categorias: têxteis e camarões. A obsessão delas é estarem constantemente em movimento. «Aqui estamos», dizem. De manhã à noite, o ritmo é frenético enquanto percorrem a cidade. Tempo, espaço e dormir são uma raridade. Mulheres para toda a obra que ainda trabalham para os seus homens e para as suas casas vazias. Esta é a louca corrida de Badia, Imane, Asma e Nawal ...

LA FALAISE (A FALÉSIA)  
Faouzi Bensaidi (Marrocos)  
ficção, 1998  
18'; sem diálogos

Para Hakim e para Said, seu irmão mais novo, o dia passa-se a ganhar dinheiro com pequenas tarefas. Primeiro, no cemitério onde pintam com cal as sepulturas e, depois, junto de um comerciante de bebidas alcoólicas que é cego. À beira da falésia, umas quantas garrafas vazias podem ser a sorte das crianças...

LE MUR (O MURO)  
Faouzi Bensaidi (Marrocos)  
ficção, 2000  
10'; língua original: francês

Uma história curta e infundável de um muro que se ergue contra os homens...



28 JUNHO/JUNE  
A VIDA EM IMAGENS/LIFE IN STILLS

WHAT A WONDERFUL WORLD (QUE MUNDO MARAVILHOSO)  
Faouzi Bensaidi (Marrocos)  
ficção, 2006  
99'; línguas originais: francês/árabe

Casablanca é uma cidade de contrastes, ao mesmo tempo moderna e antiga. Kamel é um assassino profissional que recebe os seus contratos através da Internet. Depois de alguns sucessos, contacta com regularidade Suad, uma prostituta ocasional, para fazer amor com ela. Muitas das vezes é Kenza quem responde. Ela é polícia de trânsito, responsável pelo policiamento da maior rotunda da cidade. Em pouco tempo, ele apaixona-se por esta voz e prepara-se para encontrá-la. Hicham, outro assassino profissional que sonha ir para a Europa, infiltra-se nos contratos de Kamel por acaso ...

DAY AND NIGHT (DIA E NOITE)  
Islam El-Azzazi (Egito)  
ficção/curta-metragem, 2011  
30'; língua original: árabe

Raouf passa os dias a tentar obter lucro e a fazer jogos de poder com os outros, especialmente com Nadia, sua noiva... Memórias e contemplação da vida espalham-se também pelo decorrer do dia... É um dia vulgar na vida de Raouf...

AT DAY'S END (NO FINAL DO DIA)  
Sherif El-Bendary (Egito)  
ficção/curta-metragem, 2006  
9'; língua original: árabe

O Soliman está mais alto? Questionou o pai de Soliman quando o seu filho de 32 anos o visitou. Baseado no conto do escritor egípcio Ibrahim Aslan.



SUR LA PLANCHE (LOTS TO DO)  
Leïla Kilani (Morocco)  
fiction, 2011  
106'; original language: French/Arabic

Tangiers – Today, four young twenty-year-old women work to get through the day and live through the night. They are hard working women divided into two categories: textiles and shrimps. Their obsession: to be constantly on the move. «Here we are» they say. From dawn to night, the rhythm is a frantic one as they race around the town. Time, space and sleep are all a rarity. Small emergency handywomen who work for their men and their empty homes. This is the daily mad rush of Badia, Imane, Asma and Nawal...

LA FALAISE (THE CLIFF)  
Faouzi Bensaidi (Morocco)  
Fiction, 1998  
18'; no dialogues

For Hakim and his younger brother Said, the day lengthens in time earning money with small jobs. First, in the cemetery, where they whitewash tombs, then at a blind liquor merchant. At the edge of the cliff, a few empty bottles could make the children's fortune...

LE MUR (THE WALL)  
Faouzi Bensaidi (Tunisia)  
fiction, 2000  
10'; original language: French

The short and endless tale of a wall coming up against men...

WHAT A WONDERFUL WORLD  
Faouzi Bensaidi (Morocco)  
fiction, 2006  
99'; original languages: French/Arabic

Casablanca is a city of contrasts, simultaneously modern and old-fashioned. Kamel is a hitman, who receives his contracts over the Internet. After his hits, he normally calls Souad, an occasional prostitute, to make love to her. Often it's Kenza who answers. She is a traffic officer, responsible for policing the city's largest roundabout. Soon, he falls in love with this voice and sets out to find her. Hicham, a professional hacker who dreams of going to Europe, infiltrates Kamel's contracts by chance...

DAY AND NIGHT  
Islam El-Azzazi (Egypt)  
short fiction, 2011  
30'; original language: Arabic

Raouf spends his days racing with time, trying to make profit, and playing power games with others especially with Nadia his fiancé... Memories and contemplation on life are spread throughout the day as well... It is an ordinary day for Raouf...

AT DAY'S END  
Sherif El-Bendary (Egypt)  
short fiction, 2006  
9'; original language: Arabic

Is Soliman taller? And so wondered Soliman's father when his 32 year old son visited him. Based on a short story by the Egyptian writer Ibrahim Aslan.

3 JULHO/JULY  
NOITE TUNISINA/TUNISIAN NIGHT

KHORMA, CHILD OF THE GRAVEYARD  
(KHORMA, FILHO DO CEMITÉRIO)  
Jilani Saadi (Tunísia)  
ficção, 2002  
100'; língua original: árabe

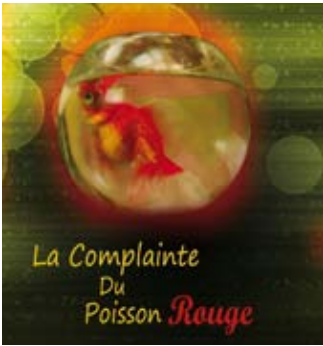
Khorma é diferente! Com o seu cabelo ruivo e a sua pele estranhamente branca para um tunisino, muita gente pensa que é atrasado. Bou Khaled, seu mestre, resolve protegê-lo e ensinar-lhe os segredos do negócio. Khorma aprende a anunciar casamentos, nascimentos e mortes no seu bairro, em Bizerte. Mas, um dia, o velho Bou Khaled comete um erro grave: anuncia a morte de uma mulher local em vez de anunciar o casamento da sua filha. Khorma é escolhido para o substituir...

LA COMPLAINTE DU POISSON ROUGE  
(O LAMENTO DO PEIXE VERMELHO)  
Oubeyd-Allah Ayari (Tunísia)  
ficção/curta-metragem, 2011  
12'; língua original: francês

Há momentos na vida em que tudo nos pertence, momentos que duram apenas breves segundos mas, mesmo assim, há quem ache que possui a eternidade.

WHY ME (PORQUÊ EU)  
Amine Chiboub (Tunísia)  
ficção/curta-metragem, 2011  
13'; língua original: árabe

O CEO de uma empresa é repreendido ao telefone pela mulher. Impotente, descarrega sobre o seu assistente que, por sua vez, se vinga na secretária que, por sua vez, ralha com o pacote. Este, mal sai do escritório, espalha o mau humor pela cidade...



4 JULHO/JULY  
NOITE ARGELINA/ALGERIAN NIGHT

MASCARADES (MASCARADAS)  
Lyes Salem (Marrocos)  
ficção, 2008  
92'; língua original: arab

Uma aldeia algures na Argélia. Orgulhoso e pretensioso, Mounir aspira a ser reconhecido pelos seus méritos. O seu calcanhar de Aquiles: todos gozam com a sua irmã, Rym, que adormece em todo o lado. Uma noite, quando chega a casa bêbedo, Mounir grita para a praça da vila que se encontra vazia, que um rico homem de negócios estrangeiro pediu a mão da sua irmã. De um dia para o outro, todos querem ser seus amigos. Cego pela sua mentira, Mounir mudará, sem querer, o destino da sua família.

MOLLEMENT, UN SAMEDI MATIN  
(SUAVEMENTE, UM SÁBADO DE MANHÃ)  
Sofia Djama (Argélia)  
ficção/curta-metragem, 2011  
28'; língua original: francês

Certa tarde, em Argel, Myassa é atacada por um violador. Myassa regressa a casa e, mais uma vez, a velha canalização não funciona e ela não pode tomar banho. Na manhã seguinte, Myassa tem dois objetivos: fazer queixa à polícia do ataque que sofreu e encontrar um canalizador. Porém, encontra-se face a face com o violador...

LES PIEDS SUR TERRE  
(COM OS PÉS ASSENTES NA TERRA)  
Amine Hattou (Argélia)  
ficção/curta-metragem, 2011  
9'; língua original: árabe

Desde jovem, Nassim acorda a pairar sobre a sua cama. A gravidade da terra parece não exercer qualquer força nele. A vida do dia-a-dia torna-se cada vez mais complicada...



KHORMA, CHILD OF THE GRAVEYARD  
Jilani Saadi (Tunisia)  
fiction, 2002  
100'; original language: Arabic

Khorma is different! With his red hair and strangely pale complexion for a Tunisian, many people think he's retarded. Bou Khaled, his master, takes him under his wing nonetheless and teaches him the secrets of his business. Khorma learns to announce weddings, births and deaths in his neighborhood in Bizerte. But, one day, old Bou Khaled makes a grievous mistake: he announces a local woman's death rather than his daughter's marriage. Khorma is chosen to replace him...

LA COMPLAINTE DU POISSON ROUGE  
(THE LAMENT OF THE GOLDFISH)  
Oubeyd-Allah Ayari (Tunisia)  
short fiction, 2011  
12'; original language: French

There are moments in life when everything belongs to us, moments that last for only a few brief seconds and yet one has the impression of possessing eternity.

WHY ME  
Amine Chiboub (Tunisia)  
short fiction, 2011  
13'; original language: Arabic

A company's CEO is told off by his wife on the phone. Powerless, he takes it out on his assistant who takes revenge on the secretary who on her turn scolds the courier. Once he gets out of the office, the courier spreads his bad mood throughout the whole city.

MASCARADES  
Lyes Salem (Marocco)  
fiction, 2008  
92'; original language: Arabic

A village somewhere in Algeria. Proud and cocky, Mounir aspires to be recognized for his just merits. His Achilles heel: everyone jokes about his sister, Rym, who goes to sleep at the drop of a hat. One evening, when he arrives home drunk, Mounir yells out to the empty village square that a rich foreign businessman has asked for his sister's hand. From one day to the next, everyone wants to be his friend. Blinded by his lie, Mounir will, without wanting to, change his family's destiny.

MOLLEMENT, UN SAMEDI MATIN  
(LIMPLY, ONE SATURDAY MORNING)  
Sofia Djama (Algeria)  
short fiction, 2011  
28'; original language: French

One evening in Algiers, Myassa is attacked by a failing rapist. She gets back to her home and once more the aged plumbing fails and she cannot take a shower. The next morning, Myassa has two goals, reporting the assault to the police and finding a plumber. But, she finds herself face to face with her rapist...

LES PIEDS SUR TERRE (DOWN TO EARTH)  
Amine Hattou (Algeria)  
short fiction, 2011  
9'; original language: Arabic

Since he was young, Nassim wakes up hovering over his bed. Earth's gravity seems to exert no force on him. Every day's life becomes more and more complicated...

5 JULHO/JULY

CRESCER — UMA INFÂNCIA DOLOROSA / GROWING UP — A PAINFUL CHILDHOOD

LES COEURS BRÛLÉS (CORAÇÕES QUEIMADOS)

Ahmed El Maanouni (Marrocos)

ficção, 2007

84'; línguas originais: inglês/francês/árabe

Amin, um jovem arquiteto que vive em Paris, regressa subitamente a Fez, Marrocos, onde o seu tio está a morrer. Não voltou a falar com o homem que o criou desde que deixou Fez, a sua terra natal, dez anos antes para se instalar e estudar em Paris. As visitas que o jovem arquiteto faz ao hospital e a visão de crianças de tenra idade postas a trabalhar reavivam as feridas profundas da sua dolorosa infância. O seu amigo de há muito, o artesão Aziz, exorta-o a não se render aos ressentimentos do passado. A morte do tio não alivia as angústias do jovem, forçando-o a encontrar as suas próprias respostas dentro da sua alma.



LES COEURS BRÛLÉS (BURNED HEARTS)

Ahmed El Maanouni (Morocco)

fiction, 2007

84'; original languages: English/French/Arabic

Amin, a young architect who lives in Paris, returns suddenly to Fès, Morocco where his uncle is dying. He did not speak to the man who brought him up since he left his hometown Fès ten years earlier to study and settle in Paris.

The visits of the young architect at the hospital and the sight of children put to work at an early age revive the deep wounds of his painful childhood. His long-time friend, the craftsman Aziz, exhorts him not to surrender to the resentment of the past. The uncle's death does not soothe the young man's agonies forcing him to find his own answers within his soul.

EL-BANATE DOL – THESE GIRLS

(EL-BANATE DOL – ESTAS MÍUDAS)

Tahani Rached (Egito)

documentário, 2005

68'; língua original: árabe

"El-Banate Dol – These Girls" mergulha no universo das jovens que vivem nas ruas do Cairo, um universo de violência e opressão mas também de liberdade. Sejam mulheres, crianças ou mães, Tata, Mariam e Abeer vivem apenas no presente. Os dias delas estão cheios de perigos, brigas, danças, risos... e de solidariedade. Relata também a história do encontro delas com Hind, uma pessoa luminosa, muçulmana praticante, que usa véu e vive animada pelos princípios universais do respeito pelo outro. É um mundo invisível a olhos indiferentes, que testemunha os labores vitais e secretos da sociedade.



EL-BANATE DOL – THESE GIRLS

Tahani Rached (Egypt)

documentary, 2005

68'; original language: Arabic

"El-Banate Dol -These Girls" plunges us into the universe of girls living in the streets of Cairo, a universe of violence and oppression, as well as freedom. Whether they are women, children or mothers, Tata, Mariam and Abeer live only in the present. Their days are full of perils, fights, dances, laughs... and solidarity. "El-Banate Dol" also tells the story of their encounter with Hind – a luminous person, a practicing veiled Moslem animated by the universal principles of respect of the person. It is a world, invisible to indifferent eyes, that witnesses the vital and secret workings of society.

6 JULHO/JULY

SESSÃO ESPECIAL / SPECIAL SESSION

NOSTALGIA DE LA LUZ (NOSTALGIA DA LUZ)

Patricio Guzmán (Chile)

documentário/drama, 2011

90'; línguas originais: espanhol/inglês

No Chile, a três mil metros de altitude, astrónomos de todo o mundo reúnem-se no deserto de Atacama para observarem as estrelas. No deserto, o céu é tão translúcido que lhes permite ver até aos limites do universo. É também um sítio onde o intenso calor do sol mantém os restos humanos intactos: múmias, exploradores, mineiros mas também os restos mortais dos presos políticos da ditadura. Enquanto os astrónomos examinam as distantes galáxias em busca da provável vida extraterrestre, no sopé dos observatórios, as mulheres vão cavando o solo do deserto em busca dos parentes desaparecidos ...

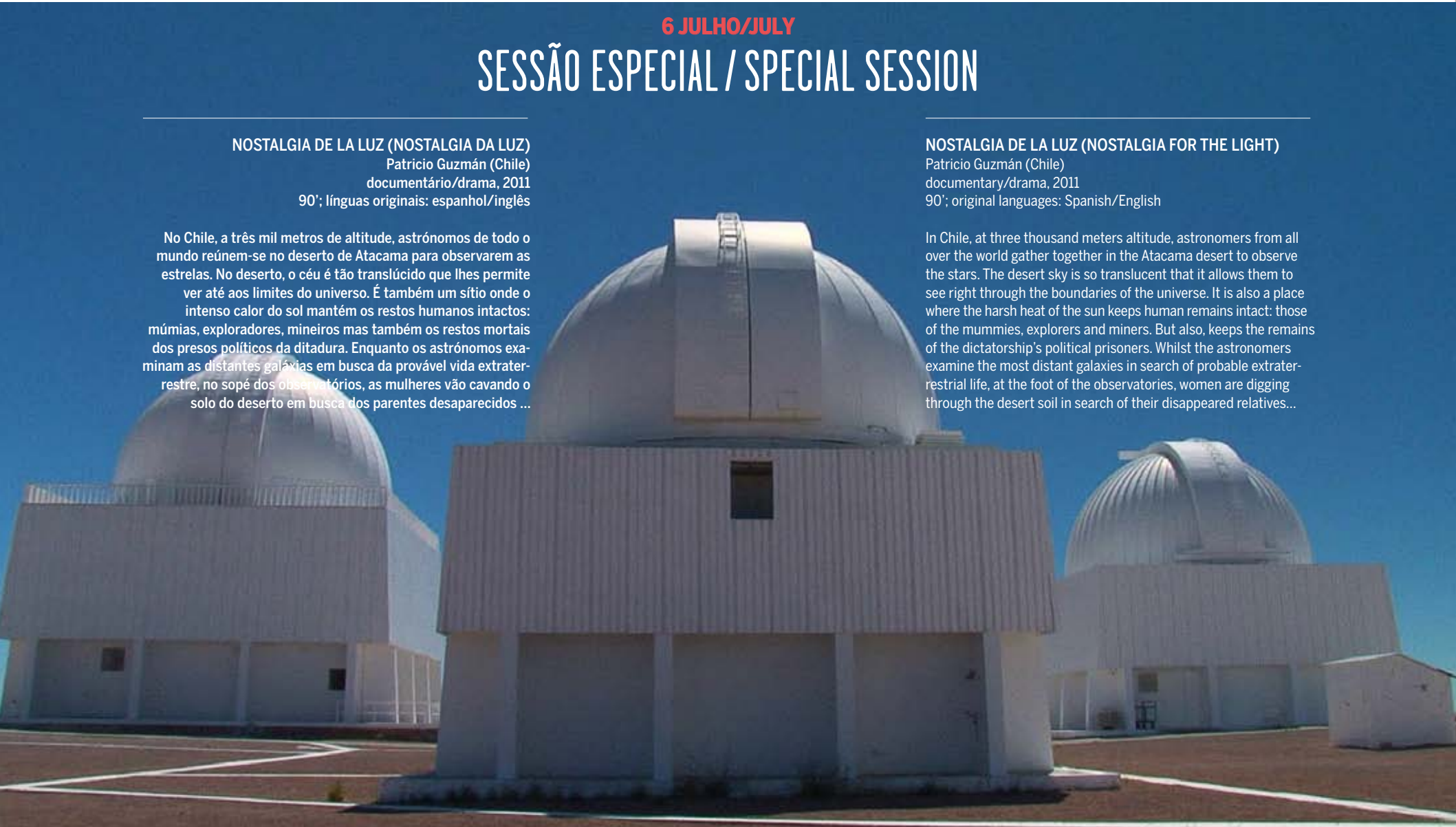
NOSTALGIA DE LA LUZ (NOSTALGIA FOR THE LIGHT)

Patricio Guzmán (Chile)

documentary/drama, 2011

90'; original languages: Spanish/English

In Chile, at three thousand meters altitude, astronomers from all over the world gather together in the Atacama desert to observe the stars. The desert sky is so translucent that it allows them to see right through the boundaries of the universe. It is also a place where the harsh heat of the sun keeps human remains intact: those of the mummies, explorers and miners. But also, keeps the remains of the dictatorship's political prisoners. Whilst the astronomers examine the most distant galaxies in search of probable extraterrestrial life, at the foot of the observatories, women are digging through the desert soil in search of their disappeared relatives...



# ESPETÁCULOS / LIVE PERFORMANCES

22 JUNHO (17:30-20:00)

23 JUNHO/JUNE ATÉ/UNTIL 1 JULHO/JULY (14:00-20:00)

GRANDE AUDITÓRIO

## INSTALAÇÃO / INSTALLATION

# BREATH SAMUEL BECKETT

ENCENADORA/DIRECTOR

DANIELA THOMAS

(BRASIL/BRAZIL)



"Breath" é da autoria do escritor irlandês Samuel Beckett. É provavelmente a mais curta peça de teatro jamais escrita. A data é controversa. Biógrafos diferem nas suas histórias sobre a origem do texto, mas a maioria das citações refere como sendo de 1969. Teria sido escrita para um espetáculo de peças curtas que resultou num grande sucesso do teatro comercial, o erótico "Oh, Calcutta". Algo completamente em desacordo com tudo o que se conhece sobre Beckett. Ainda para mais porque, na adaptação feita pelo diretor de "Oh, Calcutta", os actores apareceram nus em cena. Conta-se que Beckett exibiu uma rara demonstração pública de ira contra o diretor do espetáculo. O facto é que "Breath" é um puríssimo Beckett: sintético, enigmático, sardónico, com direções de uma precisão científica. "Breath" deve ser vivenciado como espetáculo de teatro. Os códigos teatrais – palco e plateia, cortina e terceiro sinal – são imprescindíveis para a fruição da peça. A graça em assistir a "Breath" é perceber toda a dimensão da sua novidade, da sua radicalidade. Daniela Thomas (cenógrafa, realizadora, dramaturga e guionista) diz-nos «Procurei seguir as direções do autor à risca. Espero que o público não se esqueça de aplaudir no fim do espetáculo».

"Breath" is a play by the Irish author Samuel Beckett. It is probably the shortest play ever written. The date is controversial. Biographers differ in their stories about the origin of the text, but most of the citations refer to 1969. It would have been written for a show of short plays that resulted in a great success of the commercial theater, the erotic "Oh, Calcutta". Something completely at odds with everything we know about Beckett. What's more, in the adaptation made by the director of "Oh, Calcutta", naked bodies were placed in the scenario. It is said that Beckett exhibited a rare public display of anger against the director of this show. But the fact is that "Breath" is a pure Beckett: synthetic, enigmatic, sardonic, with directions of scientific accuracy. "Breath" should be experienced as a theatrical performance. The theater codes – stage and audience, curtain and third signal – are essential to the enjoyment of the piece. The fun in watching "Breath" is to realize the full extent of its novelty, its radicalism. Daniela Thomas (set designer, director, playwright and screenwriter) tells us «I tried to follow the directions of the author to the letter. I hope the public does not forget to applaud at the end of the show».

Entrada livre / Free admission

22 JUNHO/JUNE, 22:00  
ANFITEATRO AO AR LIVRE

CONCERTO INAUGURAL/OPENING CONCERT

# EMEL MATHLOUTHI

[TUNÍSIA/TUNISIA]

Este álbum conta a história da minha Tunísia, a história dos negros anos vistos através dos meus olhos: através da minha experiência como estudante, uma jovem rebelde e dissidente, através dos meus anos de luta artística e ideológica, e através das minhas lágrimas de imigrante, do meu sofrimento e do meu amor à liberdade. Dedico este álbum a todos aqueles que deram suas vidas para que, um dia, a Tunísia pudesse ser livre. O caminho é longo, mas todos os dias... um novo nascer do sol e novas esperanças surgem... e nós somos essas esperanças.

This album tells the story of my Tunisia, the story of the dark years as seen through my eyes: through my experience as a student, a young rebel and dissenter, through my years of artistic and ideological struggle, and through my immigrant tears, my suffering and my love of freedom. I dedicate this album to all those who gave their lives so that one day Tunisia might be free. The road is long but every day... a new sun rises and new hopes emerge...and we are these hopes.

€ 12 / € 8.40 / € 6

© EMEL MATHLOUTHI "EMEL MATHLOUTHI" - A MINHA PALAVRA É QUEM ME FAZ SER - 2012

29 JUNHO/JUNE, 19:00  
30 JUNHO/JUNE, 11:30, 17:00  
1, 7, 8 JULHO/JULY, 11:30, 17:00  
TENDA

© MARISA VINHA, "SEM TÍTULO/UNTITLED", 2012. CORTESIA DA ARTISTA/ COURTESY OF THE ARTIST

TEATRO/THEATRE

# CONTOS DE REIS TALES OF KINGS

TEATRO PRAGA

[PORTUGAL]

TEXTOS DE/TEXTS BY PEDRO PENIM E/AND JOSÉ MARIA VIEIRA MENDES

Nesta proposta do Teatro Praga "As mil e uma noites" árabes são Contos de Reis que valem ouro que é trocado 'por miúdos'. Em pleno Jardim Gulbenkian, quatro histórias, contadas por dois pares de atores, guiam os espetadores pela narrativa sugerindo-lhes e incentivando-os a uma participação ativa. Depois de estabelecermos as premissas narrativas, apresentadas as personagens e resumida a trama com rapidez e simplicidade, transformamos a imaginação em teatro e vestimos os espetadores de heróis, inimigos, ladrões, princesas e monstros. Basta um cartaz, um tapete ou um turbante, o cenário faz-se com pouco, mas todos podem entrar dentro da história, dizer as palavras mágicas e ser Ali Babá, o Aladim ou o Príncipe Brilhante. A proposta do Teatro Praga é a de um jogo de descoberta e representação que aproxima as histórias de quem as ouve, transformando os espetadores em contadores.

In this proposal of the Teatro Praga, the Arabian "OneThousand and One Nights" are Tales of Kings which are worth gold but are exchanged 'for nickels'. Right in the middle of the Gulbenkian Gardens, four stories, told by two pairs of actors, guide the spectators by the narrative suggesting them and encouraging them to participate actively. After having formulated the narrative assumptions, having the characters been presented and the plot summarized with speed and simplicity, they transform the imagination into a theater and dress the spectators of heroes, enemies, thieves, princesses and monsters. With only a poster, a rug or a turban, the scenery is done with little, but everyone can get into the story, say the magic words and be Ali Baba, Aladdin and the Prince Bright. The proposal of the Theatre Prague is a game of discovery and representation that approaches the stories of those who hear them, turning the spectators into tellers.

€ 5 / € 3.50 / € 2.50

29 JUNHO/JUNE, 22:00  
TEATRO DO BAIRRO

CONCERTO/CONCERT

# CHELPA FERRO + PEDRO TUDELA

(BRASIL/BRAZIL/PORTUGAL)



Em 2010, a Fundação Calouste Gulbenkian apresentou a exposição experimental de cerâmica de Barrão. Desta vez, Barrão surge com o seu projeto musical Chelipa Ferro. Os Chelipa Ferro, também com Luiz Zerbini e Sérgio Mekler, têm-se firmado no cenário da música contemporânea brasileira com um trabalho que combina experiências com instrumentos musicais tradicionais aliados a recursos eletrônicos, esculturas e instalações tecnológicas, durante as apresentações ao vivo e as exposições. Apresentando-se ao vivo em parceria inédita com o artista português Pedro Tudela, os Chelipa Ferro farão uma performance espontânea, a partir da troca entre os artistas, uma elaborada textura sonora composta por ruídos, guitarras, baterias eletrônicas, samplers, baixo e efeitos digitais envolvendo o público num ambiente de experimentação auditiva e potencialização sensorial. O improviso é a sua forma de construção, o som é a sua matéria-prima.

In 2010, the Calouste Gulbenkian Foundation presented the experimental exhibition of ceramic art from Barrão. This time, Barrão comes with his musical project Chelipa Ferro. The group also includes Luiz Zerbini and Sergio Mekler and have signed up on the stage of contemporary Brazilian music resulting in an experience with traditional musical instruments combined with electronic resources, sculptures and installations, during live performances and exhibitions. Introducing themselves live in an unprecedented partnership with the Portuguese artist Pedro Tudela, the Chelipa Ferro will deliver a spontaneous performance, from the exchange between artists, an elaborate sound texture consists of noises, guitars, drum machines, samplers, bass and digital effects involving the public in an environment of experimentation and auditory sensory augmentation. Improvisation is a form of construction, the sound is its raw material.

€ 12 / € 8.40 / € 6

Teatro  
do Bairro

TEATRO  
do Bairro

30 JUNHO/JUNE, 1 JULHO/JULY, 22:00  
ANFITEATRO AO AR LIVRE

TEATRO/THEATRE

# GLADYS

ENCENADORA/DIRECTOR  
ELISA ZULUETA  
(CHILE)



Gladys é a segunda peça encenada pela atriz, dramaturga e realizadora chilena Elisa Zulueta e foi estreada em julho de 2011, no Teatro del Puente, em Santiago do Chile. Durante uma festa da família de Ander, no dia 6 de janeiro, que aguardava a chegada dos Reis Magos, Ian, seu filho mais velho, tem uma surpresa que irá transformar a paz desta festa de Natal. Há vinte anos que a irmã mais nova, Gladys, sofre de uma síndrome chamada de Asperger, tendo sido enviada para a América sem nenhuma razão específica ou bilhete de regresso, apesar das suas necessidades especiais, obrigando-a a desembaraçar-se sozinha. Estabelece-se em San Diego, dedicando-se à venda de t-shirts à porta do zoológico da cidade. Depois de algumas cartas enviadas, Gladys é localizada e levada de volta ao Chile para desenterrar segredos escondidos, após o exílio da sua família. Na Noite de Reis, Gladys involuntariamente vem a confrontar a sua história com a da família que tinha escolhido esquecer. Uma família aparentemente tranquila, sem problemas, mas sustentada por uma mentira de há vinte anos atrás que só agora se vem a descobrir. As verdadeiras razões para a partida de Gladys, esse segredo tão bem guardado e o olhar cego para a sua deficiência são algumas das questões que esta família terá de enfrentar. Durante a noite irá confrontar-se com aqueles que acreditam que se deve viver mantendo tudo em silêncio e com aqueles que precisam de saber quem são realmente. Duas maneiras de viver a vida: aqueles que precisam de enfrentar e viver e aqueles para os quais a ordem familiar consiste em evitar tudo o que causa sofrimento. «Gladys pretende voltar ao mais alto realismo, sem sensacionalismos cênicos, mas com as palavras e as ferramentas do ator, de volta para a verdade da vida real, dando ao público uma obra em que este se reveja, com a qual se emociona e possa refletir», disse Elisa Zulueta.

Gladys is the second play performed by the Chilean actress, playwright and director Elisa Zulueta and was premiered in July 2011, at the Teatro del Puente, Santiago, Chile. During a family party, on January 6, the Ander's, awaiting the arrival of the Three Kings, and Ian, the eldest son, have a surprise that will transform the peace of this Christmas party. For twenty years now, that the younger sister, Gladys, suffers from a syndrome called Asperger, having been sent to America without any specific reason or return ticket, despite her special needs, forcing her to get about on her own. Gladys establishes herself in San Diego, dedicating her time to selling t-shirts outside the city zoo. After having been sent a few letters, Gladys is located and brought back to Chile to unearth hidden secrets, after the exile from her family. On Twelfth Night, Gladys involuntarily comes to confront her history with the family who she had chosen to forget. An apparently calm family, without problems, but supported by a lie from twenty years ago that only now comes to light. The real reasons for the departure of Gladys, this extremely well kept secret and the turning a blind eye to their disability are some of the issues that this family will face. During the night Gladys will confront herself with those who believe that one must live quietly and with those who need to know who they really are. Two ways to live life: those who need to face and live, and those for whom the family order comes with avoiding anything that may cause suffering. «Gladys intends to return to the highest realism without scenic sensationalism, but with the actor's words and the tools, back to the truth of real life, giving the public a work on which they review themselves, and with which they may move themselves and may be able to reflect about», said Elisa Zulueta.

€ 15 / € 10.50 / € 7.50



1 JULHO/JULY, 19:00  
JARDIM GULBENKIAN

CONCERTO/CONCERT

# INUKSUIT

COMPOSITOR/COMPOSER

JOHN LUTHER ADAMS

(EUA/USA)

A música de John Luther Adams inspira-se na terra. Residente no Alaska, o compositor criou um importante catálogo artístico, que tem sido interpretado em locais inusitados: na vastidão do deserto de Anza-Borrego, nas florestas de New England ou na tundra do Alaska Range. Inuksuit é uma obra para percussão, com os músicos dispersos num espaço amplo: nesta primeira audição em Portugal, nos jardins da Fundação Calouste Gulbenkian.

Inuksuit inspira-se nas figuras de pedra construídas pelo povo Inuit, os primeiros habitantes de parte do Alaska, região ártica do Canadá e da Gronelândia. Inuksuk (o singular de Inuksuit) significa 'atuar como um humano' e estas figuras tinham uma função prática (como marcadores, pontos de coordenação, centros de comunicação), mas igualmente espiritual.

Os músicos (e o público) movimentam-se livremente e desta forma, descobrem e vivem a sua própria interpretação da obra que será sempre única e íntima. Os percussionistas respiram através de megafones, trompetes, cones de papel, búzios, sirenes, usam máquinas de vento, gongues, pratos, sinos, triângulos, pedras, maracas, tambores, tam-tams...

Nesta obra, John Luther Adams explora a perceção da música permanente que nos envolve, transformando a nossa relação com o espaço e o tempo.

O que significa atuar criativamente no mundo que nos rodeia?

Conseguiremos ouvir/escutar mais profundamente o campo sonoro que nos rodeia?

Será que a nossa localização geográfica define as nossas ações e a nossa identidade?

Como conseguiremos compreender a brevidade da nossa existência, no âmbito da imensidão do tempo geológico?

DIREÇÃO ARTÍSTICA/ARTISTIC DIRECTOR

PEDRO CARNEIRO

(PORTUGAL)

The music of John Luther Adams is inspired by the earth. Resident in Alaska, the composer has created a major art book, which has been interpreted in unusual places: in the vast desert of Anza-Borrego, in the forests of New England or on the tundra of the Alaska Range. Inuksuit is a work for percussion, with the musicians dispersed in a large space: this is a first hearing in Portugal, in the gardens of the Calouste Gulbenkian Foundation.

Inuksuit is inspired by the stone figures built by the Inuit people, the first inhabitants of part of Alaska, Arctic Canada and Greenland. Inuksuk (Inuksuit, in the singular) means 'to act as a human' and these figures had a practical function (such as markers, points of coordination, communication centers), but also spiritual one. The musicians (and audiences) move freely, and in this way, discover and live their own interpretation of the work that will always be unique and intimate. The drummers breathe through megaphones, trumpets, paper cones, shells, sirens, use wind machines, gongues, plates, bells, triangles, stones, maracas, drums, tam-tams...

In this work, John Luther Adams explores the perception of continuous music that surrounds us, transforming our relationship with space and time.

What does it mean to act creatively in the world around us?

Can we hear / listen more deeply into the sound field that surrounds us?

Do our geography and our actions define our identity?

How can we understand the brevity of our existence, in the immensity

of geological time?

Entrada livre / Free admission



4, 5, 6 JULHO/JULY, 19:00  
TEATRO DO BAIRRO

TEATRO/THEATRE

# BAIT MAN

CIA DOS ACTORES

(BRASIL/BRAZIL)

Após ser torturado num ambiente árido e inóspito, Bait Man (Marcelo Olinto) inicia uma narrativa e assim dá forma aos seus pensamentos. Num estado de alerta constante, pressionado não se sabe por quê ou por quem, Bait Man constrói uma subtil e profunda análise do homem contemporâneo, com seus medos, desejos e ambições. Um jogo perigoso faz-se presente, criando um atrito entre a realidade e o imaginário. O mundo em colapso ideológico, à beira do abismo, é o material que Bait Man utiliza para jogar com humor e tensão, provocando uma reflexão para onde a humanidade caminha. Um quebra-cabeça misterioso é apresentado com vigor, envolvendo todos numa teia discreta de informações. O espetador é convidado a participar neste jogo enigma, onde cada ação envolve todos os sentidos. Gerald Thomas (Rio de Janeiro), encenador e dramaturgo, conhecido pelos seus trabalhos estéticos arrojados e pelas suas colaborações com Samuel Beckett ou Heiner Müller, explora em "Bait Man" a sua linguagem cénica e coloca todos os envolvidos no centro da relação entre opressor e oprimido, criando uma obra onde o ator é o principal elemento de articulação deste jogo-enigma. O encontro de duas gerações de criadores, Gerald Thomas e Marcelo Olinto, que desenvolvem trabalhos autorais dentro de suas próprias companhias, é um convite ao desafio, sem rede de proteção. Gerald Thomas escreveu e dirigiu "Bait Man" criando uma obra particular, onde o ator é o principal elemento de articulação deste jogo.

After being tortured in an arid and inhospitable environment, Bait Man (Marcelo Olinto) begins a narrative and thus gives shape to his thoughts. In a state of constant alert, pressured not knowing by what or by whom, Bait Man builds a deep and subtle analysis of contemporary man, with his fears, hopes and ambitions. A dangerous game is presented, creating a friction between reality and the imaginary. The world in ideological collapse, at the abyss, is the material of which Bait Man uses to play with humor and tension, causing a reflection where humanity walks by. A mysterious puzzle is presented with vigor, engaging all in a discrete web of information. The spectator is invited to participate in this puzzle game, where every action involves all the senses. Gerald Thomas (Rio de Janeiro), director and playwright, known for his bold aesthetic and his collaborations with Samuel Beckett and Heiner Müller, explores in "Bait Man" their language and scenic places involving all in the center of the relationship between the oppressor and the overwhelmed, creating a work where the actor is the main joint element of this puzzle game. The meeting of two generations of creators, Gerald Thomas and Marcelo Olinto, developing copyright works within their own companies, is an invitation to challenge, with no safety net. Gerald Thomas wrote and directed "Bait Man" by creating a particular work, where the actor is the main joint element of this game.

€ 15 / € 10.50 / € 7.50





7 JULHO/JULY, 19:00  
ANFITEATRO AO AR LIVRE

CONCERTO/ CONCERT

MED  
FUSION  
ORCHESTER  
(TUNÍSIA/ TUNISIA)

Med Fusion é uma banda musical fortemente marcada pela revolução tunisina, a chamada revolução do Jasmim, iniciada em fevereiro de 2011. Desde então, não pararam de contagiar o público com os seus ritmos vibrantes e com as harmonias do Norte de África. Numa perfeita relação entre instrumentos tradicionais magrebinos e instrumentos modernos, estes músicos, graduados no Instituto Superior de Música de Sfax (Tunísia), falam sobre temas sociais e políticos e convidam-nos a uma viagem dançante pela alegria e pela celebração. Com uma forte influência da herança mediterrânica, a canção e a melodia têm especial importância, bem como as improvisações instrumentais exuberantes, em particular na secção rítmica. É em tom de homenagem às pessoas que fizeram a revolução, que os Med Fusion dão nome ao seu álbum de 2011 “Parfum du Jasmin”.  
<http://www.youtube.com/watch?v=JYkqIN59icA>

Med Fusion is a musical band strongly marked by the Tunisian revolution, the so called Jasmine revolution, which began in February 2011. Since then, they have not stopped contaminating the audience with their vibrant rhythms and harmonies of North Africa. In a perfect relationship between traditional North African instruments and modern instruments, these musicians, graduated from the Higher Institute of Music in Sfax (Tunisia), talk about social and political issues and invite us on a dancing journey for joy and for celebration. With a strong influence of Mediterranean heritage, song and melody are especially important, as well as the luxuriant instrumental improvisations, particularly in the rhythm section. It is in a tone of homage to the people who made the revolution that the Med Fusion give name to their 2011 album, “Parfum du Jasmin”. <http://www.youtube.com/watch?v=JYkqIN59icA>

€ 12 / € 8.40 / € 6

7, 8 JULHO/JULY, 22:00  
GRANDE AUDITÓRIO

TEATRO/THEATRE

EL AÑO  
EN QUE NACÍ

ENCENADORA/DIRECTOR  
LOLA ARIAS  
(CHILE/ARGENTINA)

“El año en que nací” parte do mesmo conceito da obra “Mi vida después”. Jovens nascidos durante a ditadura reconstroem a juventude dos seus pais, a partir de fotos, cartas, gravações, roupas usadas, histórias e memórias apagadas. «Como era o meu país quando eu nasci? Como eram os meus pais na época? Quantas versões existem sobre o que aconteceu quando eu era jovem, pois eu não me lembro?» são as perguntas deles.  
“Mi vida después” foi criado na Argentina, em 2009, e apresentado em Santiago a Mil, em 2011. Em paralelo às apresentações, realizou-se um workshop com o mesmo conceito da obra: apresentar um álbum de biografias fascinantes, de modo a perceber a história recente do Chile. Para a edição de Santiago a Mil de 2012, o grupo de jovens chilenos que fizeram este workshop, liderado por Lola Arias, reconstruíram a história das gerações nascidas durante a ditadura de Pinochet, a partir de suas próprias memórias e documentos.

“El año en que nací” surges from the same concept of the work “Mi vida después”. Young people born during the dictatorship’s reconstruct the youth of their parents, from photos, letters, records, clothes, stories and memories erased. «How was my country when I was born? How were my parents at that time? How many versions exist about what happened when I was young, because I do not remember?» are their questions.  
“Mi vida después” was released in Argentina, in 2009, and presented in Santiago a Mil, in 2011. In parallel to the presentations, a workshop was held with the same concept of the work: to present an album of fascinating biographies, in order to understand the recent history of Chile. For the edition of Santiago a Mil 2012, the group of young Chileans who made this workshop, led by Lola Arias, reconstructed the history of the generations born during the Pinochet dictatorship, from their own memories and documents.



€ 15 / € 10.50 / € 7.50

8 JULHO/JULY, 19:00  
ANFITEATRO AO AR LIVRE

CONCERTO/ CONCERT

# KIMI DJABATÉ

[GUINÉ-BISSAU/GUINEA-BISSAU]

Este músico guineense griot propõe um concerto que é representativo da combinação da música tradicional mandinga da Guiné-Bissau com a música actual. O repertório musical projeta-se por um conjunto de músicas que nos falam sobre África, suas problemáticas, seus valores e vicissitudes, homenageando sempre o povo, a alma e o espírito africano de hoje e de ontem. Num concerto representativo da música tradicional mandinga da Guiné-Bissau, Kimi Djabaté vai tocar temas dos dois álbuns já editados, “Teriké” (2005) e “Karam” (2009, que mereceu o 2º lugar na World Music Charts Europe), assim como outros temas que ainda não foram editados. Pretende-se apresentar um concerto alternando entre momentos musicais, que contagiam pelo vigoroso ritmo, e por um estilo mais contemplativo enaltecido através de projeções de vídeo, com imagens sobre a aldeia de Tabato, o berço do músico guineense. Em certos momentos do concerto, Kimi Djabaté vai chamar ao palco outros músicos – seus familiares – que, em conjunto, irão cantar e nobilitar a riqueza da tradição mandinga.

This Guinean griot musician proposes a concert that is representative of the continuation of mandinga traditional music of Guinea-Bissau with contemporary music. The musical repertoire is projected by a set of songs that speak to us about Africa, its problems, its values and trials, always honoring the people, the African soul and the African spirit of today and yesterday. In a representative concert of mandinga traditional music of Guinea-Bissau, Kimi Djabaté will play themes of his two albums already published, “Teriké” (2005) and “Karam” (2009, which earned the 2nd place in World Music Charts Europe), as well as other themes which have not been edited yet. He tries to present a concert alternating between musical moments, which transmit the strong rhythm, and a more contemplative style praised by video projections, with images on the Tabato village, the birthplace of the Guinean musician. At certain times of the concert, Kimi Djabaté will call other musicians on stage - his family - which, together, will sing and ennoble the wealth of mandinga tradition.

€ 12 / € 8.40 / € 6

# BIOGRAFIAS

# BIOGRAPHIES

**ABOUBAKR JAMAÏ** (Marrocos, 1968) é o co-editor do site de notícias marroquino lakome.com e membro não-residente no Ash Center para a Governação e Inovação Democrática da Universidade de Harvard. Começou sua carreira na área financeira, como cofundador do primeiro banco de investimento independente de Marrocos, em 1993. Entre 1997 e 2007, foi redator e editor do principal semanário marroquino Le Journal Hebdomadaire. Em 2008, foi professor convidado na Universidade de San Diego, onde lecionou cursos sobre o Islão Político e a Política no Médio Oriente. Os seus artigos têm sido publicados em diversos órgãos de comunicação social (The New York Times, Time Magazine, El País, Le Monde, Le Monde Diplomatique). Recebeu o Prémio Internacional da Liberdade de Imprensa do Comité para a Proteção dos Jornalistas, em 2003. Foi selecionado pelo Fórum Económico Mundial como um Jovem Líder Global para 2005.

**ABOUBAKR JAMAÏ** (Morocco, 1968) is the co-editor of the Moroccan news website lakome.com. He is a non-resident fellow at the Ash Center for Democratic Governance and Innovation at Harvard University. Mr. Jamaï began his career in finance, co-founding Morocco’s first independent investment bank in 1993. From 1997 to 2007, he was the publisher and editor of the leading Moroccan news-weekly, Le Journal Hebdomadaire. In 2008, he was a visiting scholar at the University of San Diego, where he taught courses on Political Islam and Politics in The Middle East. His articles have been published in The New York Times, Time Magazine, El País, Le Monde, Le Monde Diplomatique. Aboubakr Jamaï won the Committee to Protect Journalists’ International Press Freedom Award, in 2003. Mr. Jamaï has been selected by the World Economic Forum as a Young Global Leader for 2005.

**AHMED EL ATTAR** (Egito, 1969) é diretor de teatro independente, tradutor e dramaturgo. É fundador e diretor artístico do Orient Productions e do Temple Independent Theatre Company, fundador e diretor-geral do estúdio da Fundação Emad Eddin e diretor artístico do Downtown Contemporary Arts Festival (D-CAF), um festival anual multidisciplinar de arte contemporânea, que ocorre todas as primaveras no centro de Cairo. As suas produções incluem “On the Importance of being an Arab” (2009) e “F\*\*k Darwin or how I have learned to love socialism” (2007). A sua obra teatral tem sido apresentada em grandes teatros e festivais pela Europa e pelo Médio Oriente. El Attar é um *Clore Fellow* do Clore Leadership Programme (2008-2009), tendo-lhe sido atribuído o prémio de melhor argumento de teatro (2010) da Fundação Sawiris para o Desenvolvimento Social pela peça “Life is beautiful or waiting for my uncle from America”. Foi escolhido, pela edição em árabe da revista Newsweek (26/4/05), como uma das 42 personalidades que mais influenciaram a mudança no mundo árabe.

**AHMED EL ATTAR** (Egypt, 1969) is an independent theatre director, translator and playwright. He is the founder and artistic director of *Orient Productions* and of the Temple Independent Theatre Company. El Attar is also the founder and General Manager of Studio Emad Eddin Foundation and the artistic director of Downtown Contemporary Arts Festival (D-CAF), a yearly multidisciplinary contemporary Arts festival taking place every spring in downtown Cairo. His theatre productions include “On the Importance of being an Arab” (2009) and “F\*\*k Darwin or how I have learned to love socialism” (2007). His theatre work has been performed in major theatres and festivals across Europe and the Middle East. El Attar is a Clore Fellow (2008-2009), a recipient of

the best theatre text prize (2010) from the Sawiris Foundation for Social Development for his play “Life is beautiful or waiting for my uncle from America” and has been chosen by the Arabic edition of Newsweek (26/4/05) as one of 42 personalities who influence change in the Arab world.

**ANTÓNIO COSTA SILVA** (Angola, 1952) é Professor no IST (Instituto Superior Técnico de Lisboa) onde fez a agregação em Planeamento e Gestão Integrada de Recursos Energéticos. Licenciado em Engenharia de Minas pelo Instituto Superior Técnico de Lisboa, fez o Mestrado em Engenharia de Petróleos no Imperial College (Universidade de Londres) e o Doutoramento no Instituto Superior Técnico e no Imperial College, defendendo uma tese sobre “O Desenvolvimento de Modelos Estocásticos aplicados aos Reservatórios Petrolíferos”. Actualmente, é Presidente da Comissão Executiva do Grupo Partex Oil and Gas. A Partex está envolvida em projectos de exploração e produção de petróleo e gás em Abu Dhabi, Oman, Kazaquistão, Brasil, Argélia, Angola e Portugal.

**ANTÓNIO COSTA SILVA** (Angola, 1952) is Professor at IST where he got his aggregation in Planning and Integrated Management of Energy Resources. He holds a MSc in Mining Engineering from the Technical University of Lisbon, a MSc in Petroleum Engineering from the Imperial College (University of London) and a Doctorate Degree from the Technical University of Lisbon and Imperial College on “Development of Stochastic Models applied to Oil Reservoirs”. Chairman of the Management Commission of Partex Oil and Gas Group. Partex is involved in oil and gas operations in Abu Dhabi, Oman, Kazakhstan, Brazil, Algeria Angola and Portugal.

**BOUCHRA KHALILI** (Marrocos, 1975) estudou Cinema, na Sorbonne Nouvelle, e Artes Visuais, na École Nationale Supérieure d’Arts, Paris-Cergy. O trabalho de Khalili em vídeo, instalações mistas de mídia e impressões combinam uma abordagem conceptual com uma prática documental para explorar questões de nomadismo, existências clandestinas e a ‘experiência emigrante’, com uma especificidade para o destino dos migrantes, na medida em que, concretamente, resumem assuntos que são fundamentalmente regidos pela itinerância. No seu trabalho, ela conjuga linguagem, subjetividade, o mínimo de palavras, territórios e rotas de passagem, investigando a inter-relação entre as migrações contemporâneas e a história colonial e a geografia física e imaginária. O trabalho de Khalili tem sido amplamente divulgado em todo o mundo, incluindo recentemente no MoMA, como parte da exibição do filme “Mapping Subjectivity” (2011), na 10ª Bienal Sharjah (2011), na Marian Goodman Gallery (Paris, 2011), na Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa, 2011) e em La Triennale (Palais de Tokyo, Paris, 2012), entre outros.

BOUCHRA KHALILI (Morocco, 1975) studied Cinema at the Sorbonne Nouvelle and Visual Arts at the École Nationale Supérieure d’Arts, Paris-Cergy. Khalili’s work in video, mixed media installations, and prints, combine a conceptual approach with a documentary practice to explore issues of nomadism, clandestine existences, and the ‘émigré experience’, with a specific regard toward the destiny of migrants, in that they concretely epitomize subjects that are fundamentally governed by itinerancy. In her work, she articulates language, subjectivity, minority discourse and speech, transitional territories and transit zones, investigating the interrelation between contemporary migrations and colonial history, physical and imaginary geography. Khalili’s work has been shown extensively around the world, including recently at The MoMA as part of the film exhibition “Mapping Subjectivity” (2011); The 10th Sharjah Biennial (2011); The Marian Goodman Gallery (Paris, 2011); The Gulbenkian Foundation (Lisbon, 2011) and La Triennale (Palais de Tokyo, Paris, 2012), among others.

**CAMILA DE SOUSA** (Moçambique, 1985), graduada em Ciências Sociais com um enfoque em Antropologia Visual, tem vindo a aprofundar os seus conhecimentos nas áreas da fotografia e do audiovisual e participado em vários cursos de formação em Moçambique, Brasil e Senegal. Em 2010, apresentou a exposição documental e curta-metragem “Mafalala Blues”, no Centro Cultural Franco Moçambicano e no Centro de Estudos Brasil-Moçambique, no âmbito do Festival de Cinema Documentário Dockanema. Ainda em 2010, deu início ao projeto

“3x4”, um projeto sobre representações do corpo feminino encarcerado. “3x4” foi parcialmente apresentado em 2011, em duas exposições coletivas em Maputo – “Ocupações Temporárias” e “Masculinidade e Violência”.

CAMILA DE SOUSA (Mozambique, 1985) is graduated in Social Sciences with a focus on Visual Anthropology. She has been improving her knowledge in areas such as photography and audiovisual and participating in several training courses in Mozambique, Brazil and Senegal. In 2010, she presented the Documentary and Short Film “Mafalala Blues” at the Franco Mozambican Cultural Center and at the Center for Studies Brazil-Mozambique under the Dockanema Documentary Film Festival. Also in 2010, the artist began the “3x4” project, a project on representations of the female body imprisoned. “3x4” was partially presented in 2011, in two exhibitions in Maputo – “Temporary Occupations” and “Masculinity and Violence.”

**CHELPA FERRO** (Brasil, 1995) é um grupo multimídia composto pelos artistas plásticos Luiz Zerbini, Barrão e Sérgio Mekler, constituído em 1995. Em 2007, realizaram a exposição “ON-OFF Poltergeist”, na Meskalito Gallery (Londres). Em 2008, tocaram no Festival NetMage, em Bolonha (Itália). Em 2009, ocuparam o Octogono da Pinacoteca (São Paulo) com a instalação “Totoro”. Participaram na Bienal do Mercosul e lançaram um documentário dirigido por Carlos Nader sobre a trajetória do grupo. No ano de 2010, apresentaram “Jungle Jam”, em Londres, na Galeria Sprovieri, e concorreram ao Nam June Paik Award. Em 2011, apresentaram a instalação “Spaceman/Caveman”, na Galeria Vermelho (São Paulo) e realizaram um concerto e uma exposição no Aldrich Museum (EUA).

CHELPA FERRO (Brazil, 1995) is a group composed by multimedia artists such as Luiz Zerbini, Barrão, and Sergio Mekler, formed since 1995. In 2007, they exhibited the “ON-OFF Poltergeist”, in the Meskalito Gallery (London). In 2008, they played in the NetMage Festival in Bologna (Italy). In 2009, they occupied the Octogono da Pinacoteca (Sao Paulo) with the installation “Totoro”. They took part in the Mercosul Biennial and released a documentary directed by Carlos Nader on the trajectory of the group. In 2010, they presented the show Jungle Jam in London, at the Gallery Sprovieri, and competed for the Nam June Paik Award. In 2011, they presented the installation “Spaceman / Caveman” at Galeria Vermelho (Sao Paulo) and performed a concert and an exhibition at the Aldrich Museum (USA).

**CIA. DOS ATORES** (Brasil, 1988) é formada por Bel Garcia, César Augusto, Drica Moraes, Enrique Diaz, Gustavo Gasparani, Marcelo Olinto, Marcelo Valle e Susana Ribeiro. O grupo apresentou-se sempre com sucesso junto do público e da crítica e, durante os seus vinte e quatro anos de existência, recebeu todos os prêmios de teatro no Brasil como Molière, Sharp, Mambembe Rio de Janeiro e São Paulo, APCA, APTR, Qualidade Brasil e o Gran Prix de la Critique 2005/2006 como melhor espetáculo estrangeiro do ano por “Ensaio.HAMLET”.

CIA. DOS ATORES (Brazil, 1988) is formed by Bel Garcia, Cesar Augusto, Drica Moraes, Enrique Diaz, Gustavo Gasparani, Marcelo Olinto, Marcelo Valle and Susana Ribeiro. The group always has had success with the public and among the critics and during its twenty-four years of existence, they have won all theatre prizes in Brazil such as the Molière, Sharp, Mambembe Rio de Janeiro and Sao Paulo, APCA, APTR, Brazil Quality and Grand Prix de la Critique 2005/2006 for the best foreign show of the year with “Ensaio.HAMLET”.

CIA. DOS ATORES (Brazil, 1988) is formed by Bel Garcia, Cesar Augusto, Drica Moraes, Enrique Diaz, Gustavo Gasparani, Marcelo Olinto, Marcelo Valle and Susana Ribeiro. The group always has had success with the public and among the critics and during its twenty-four years of existence, they have won all theatre prizes in Brazil such as the Molière, Sharp, Mambembe Rio de Janeiro and Sao Paulo, APCA, APTR, Brazil Quality and Grand Prix de la Critique 2005/2006 for the best foreign show of the year with “Ensaio.HAMLET”.

**DANIELA THOMAS** (Brasil, 1959) é cenógrafa, realizadora de cinema, encenadora de teatro, guionista e dramaturga. Realizou o seu primeiro cenário para a estreia de “All Strange Away”, de Samuel Beckett, apresentado no La MaMa Experimental Theatre, em Nova Iorque, em 1984. Tem-se dedicado também à criação de guíões e à realização de filmes como “Terra Estrangeira”, “Linha de Passe” e “Insolação”, longas-metragens selecionadas para a competição oficial dos Festivais de Cannes e Veneza (“Linha de Passe” ganhou a Palma de Ouro de melhor atriz, em 2007) e ao *design* de exposições. Os seus trabalhos já estiveram expostos nas Bienais de São Paulo, de 1987 e 1989, na Bienal do Mercosul, em 2009, e na Bienal de Lyon de 2011, estes últimos com a montagem da micropeça “Breath”, de Samuel Beckett.

DANIELA THOMAS (Brazil, 1959) is a set designer, filmmaker and theater stage director, screenwriter and playwright. Her first scenario – for the premiere of “All Strange Away” by Samuel Beckett, was presented at La MaMa Experimental Theatre in New York in 1984. Also, she has dedicated herself to the creation of scripts and making of films such as “Terra Estrangeira”, “Linha De Passe” e “Insolação”, feature films selected for the official competition of the Cannes and Venice Festivals (“Linha de Passe” won the Palme d’Or for Best Actress in 2007) and, to designing for exhibitions. Her works have been exhibited in the Sao Paulo Biennial in 1987 and 1989, in the Mercosul Biennial in 2009 and in the Lyon Biennal 2011, these last with the assembly of the micro structure for the play “Breath”, by Samuel Beckett.

**DANYA BASHIR HOBBA** (Líbia, 1989) é autora e ativista social. Venceu duas vezes o Concurso de Empreendedorismo Jovem dos Emirados Árabes Unidos. Durante a revolução libanesa, organizou remessas de ajuda humanitária, para tratamentos médicos e necessidades básicas na Líbia. Recentemente participou na conferência “Yahoo Change Your World”, no Cairo, no painel para as mulheres revolucionárias onde discutiu o papel da comunicação social, de modo a garantir os direitos das mulheres na nova Líbia. Também foi destaque em “20 Empowering Women to be followed on Twitter”, pela Comunidade de Mulheres Empreendedoras, e nomeada pela CNN como Agente para a Mudança.

DANYA BASHIR HOBBA (Lybia, 1989) is an author and social activist. She is a two-time winner of the UAE Young Entrepreneurship Competition. During the Libyan revolution, she organized aid shipments for medical treatment and basic needs in Libya. Recently, Ms. Bashir attended and spoke at the “Yahoo Change Your World” Conference, in Cairo, on the panel for revolutionary women where she discussed the role of social media, to ensure women’s rights in the new Libya. She was also featured in ‘20 Empowering Women to be followed on Twitter’, by Community of Women’s Entrepreneurs, and named by CNN as an Agent of Change.

**EMEL MATHLOUTHI** (Tunísia, 1982) é autora, compositora, guitarrista e cantora que vem trazer um incrível novo estilo de som à música tunisína. Dotada de uma voz marcante, evoca Joan Baez, a Irmã Marie Keyrouz e a diva libanesa Fairouz, com o seu estilo cativante e lírico, com o rock poderoso, com as influências orientais e o *trip hop* (Emel colaborou com Adrian Thaws AKA Tricky). Começou a sua carreira artística aos 8 anos de idade no palco do pequeno anfiteatro, no subúrbio Ibn Sina de Tunes, onde viveu até à idade de 25 anos. Mudou-se para França para prosseguir a sua carreira como cantora. A canção “Kelmti Horra” (my word is free) foi adotada pelos revolucionários da “Primavera Árabe” e cantada nas ruas de Tunes.

EMEL MATHLOUTHI (Tunisia, 1982) is a songwriter, composer, guitarist, and singer who is bringing an amazing brand new sound to Tunisian music. Endowed with an outstanding voice, she evokes Joan Baez, Sister Marie Keyrouz and the Lebanese diva Fairouz, her captivating style is lyrical, with powerful rock, oriental and trip hop influences (she’s collaborated with Adrian Thaws AKA Tricky). Emel began her artistic career at the age of 8 on stage at the small amphitheater in the Ibn Sina suburb of Tunis where she lived until the age of 25. She moved to France to pursue her career as a singer. The song

“Kelmti Horra” (my word is free) was taken up by the Arab Spring revolutionaries and sung on the streets of Tunis.

**ELISA ZULUETA** (Chile, 1981) é atriz e tem trabalhado no cinema (“Tanto tempo e minha mãe”), no teatro (“Estaciones de paso”) e em televisão (na telenovela “Lola y Feroz”). Em 2009, fez a sua estreia de sucesso como dramaturga e encenadora com “Pérez” e, em 2011, adaptou este texto para roteiro de uma longa-metragem dirigida por Álvaro Viguera. Em julho de 2011, lançou o seu segundo trabalho, “Gladys”, no Teatro del Puente.

ELISA ZULUETA (Chile, 1981) is an actress and has worked in film making (“Tanto tempo e minha mãe”), in theater (“Estaciones de paso”) and in television (in the soap opera “Lola y Feroz”). In 2009, she made her successful debut as a playwright and theater director with “Pérez” and, in 2011 she adapted this text to a script for a feature film directed by Álvaro Viguera. In July 2011, her second work, “Gladys”, opened up at the Teatro del Puente.

**FETHI BENSLAMA** (Tunísia, 1951) estudou psicopatologia na Universidade Paris 7. Em 1988, publicou o seu primeiro ensaio “La nuit brisée” (Ramsay), um livro que aborda a questão da linguagem sob o ponto de vista psicanáltico, de acordo com o fundador do Islão. Alguns meses depois, o caso Rushdie eclodiu, pelo que que Fethi pôde agarrar-se à sua defesa. O seu compromisso político para a defesa da democracia, para o secularismo e para os direitos das mulheres no mundo árabe e muçulmano leva-o, em 2004, à criação do “Manifeste des libertés” com outros intelectuais. Mas é com o seu ensaio “La psychanalyse à l’épreuve à l’islam” (Flammarion, 2002), que Fethi se tornará conhecido. Atualmente, dirige na UFR – Estudos Clínicos de Psicanálise da Universidade Paris 7, onde também leciona. Lidera ainda uma equipa de pesquisa sobre “Política da Saúde e das Minorias”, no Centro de Pesquisa de Psicanálise e Medicina, uma área na qual tem publicado vários estudos. É autor de inúmeros ensaios, sendo o mais recente sobre as revoluções árabes “Soudain la révolution!”, CERES/ /Denoël, Tunes-Paris, 2011.

FETHI BENSLAMA (Tunisia, 1951) studied psychopathology at the University Paris 7. In 1988, Benslama published his first essay “La nuit brisée” (Ramsay), a book that addresses the issue of language in the psychoanalytic point of view, according to the founder of Islam. A few months later, the Rushdie affair erupted and Benslama clanged to his defense. His political commitment to the defense of democracy, secularism and to women’s rights in the Arab and Muslim world leads him, in 2004, to the creation of “Manifest des libertés” among other intellectuals.

But it is with his essay “La psychanalyse à l’épreuve à l’islam” (Flammarion, 2002), with which Benslama becomes well-known. Currently, he directs the UFR - Clinical Study of Psychoanalysis at the University Paris 7, where he also teaches. Benslama also leads a research team on “Health Policy and Minorities”, at the Research Center for Psychoanalysis and Medicine, an area in which he has published several studies. He is the author of numerous essays, most recently on the Arab revolutions “Soudain la révolution!”, CERES / Denoël, Tunis-Paris, 2011.

**FILIFE BRANQUINHO** (Moçambique, 1977) trabalha atualmente como *freelancer* em fotografia e ilustração. No Brasil, o desenho e a ilustração surgem de forma sistemática e consciente, através do contacto com as disciplinas artísticas na UEL (Universidade Estadual de Londrina/Brasil) a par da formação em arquitetura. É também neste contexto que decide experimentar a fotografia como arte. Participou em diversas exposições coletivas e individuais no Brasil, em Moçambique e na África do Sul. Tem diversas obras em coleções particulares, no acervo do Museu de Arte Moderna de Londrina, Brasil, e do Instituto Camões de Maputo.

FILIFE BRANQUINHO (Mozambique, 1977) currently works as a freelancer in photography and illustration. In Brazil, design and illustration began to appear to him systematically and consciously through the contact with the artistic subjects at UEL (Londrina State University/Brazil) together with architectural training. It is in this context that he decides to try photography as another art form. He has participated in several group and solo exhibitions in Brazil, Mozambique and South Africa. Also, several of his works are kept in private collections, in the collection of the Museum of Modern Art in Londrina, Brazil and in the Camões Institute in Maputo.

**JÚLIO DOLBETH** (Angola, 1973) vive e trabalha atualmente no Porto. É *designer* de comunicação. Paralelamente tem desenvolvido trabalho como ilustrador em diversas publicações, das quais se destacam Águas Furtadas (PT), Blue Design (PT), DIF (PT), Fabrico Próprio (PT), Inútil (PT), Parq (PT), WAD (FR) e Computer Arts (UK), entre outras. Colabora regularmente em mostras e exposições de ilustração.É um dos fundadores da Associação Cultural Dama Aflita e um dos responsáveis pela curadoria e produção de exposições da Galeria Dama Aflita, situada no Porto, dedicada à Ilustração e ao desenho, desde 2008.

JÚLIO DOLBETH (Angola, 1973) currently lives and works in Oporto. He is a communication designer. At the same time, he has been working as an illustrator and developing collaborations, printed in some publications, including the most

important: Águas Furtadas (PT), Blue Design (PT), DIF (PT), Fabrico Próprio (PT), Inútil (PT), Parq (EN), WAD (FR), and Computer Arts (UK), among others. He has been a regular contributor to shows and exhibitions of illustration. He is one of the founders of the Cultural Association Dama Aflita and one of the curators responsible for the production of exhibitions in the Dama Aflita Gallery, located in Porto, dedicated to illustration and to design, and with regular exhibitions since 2008.

**KARIM BEN SMAIL** (Tunísia, 1961) é um conceituado editor tunisino. Editor politicamente ativo dirige a Cérés Editions, uma das mais respeitadas e antigas editoras independentes do Norte de África, que publica ensaio, ficção, não-ficção e livros de arte.

KARIM BEN SMAIL (Tunisia, 1961) is a renowned publisher in Tunis and runs Cérés Editions, one of the oldest and most respected independent book publishing companies in North Africa. Ceres publishes essays, fiction and nonfiction and art books. He is a politically active publisher.

**KHALIL NEMMAOUI** (Marrocos, 1967) vive e trabalha entre Casablanca e Paris. Teve a sua primeira experiência no fotojornalismo e realizou sua primeira exposição “Casablanca, Fragments d’Imaginaire”, em 1997. Em 1999, publicou e exibiu “La Revue Noire”, uma série sobre os bares e cabarés europeus do período colonial francês, em Marrocos, locais que os cosmopolitas e os estrangeiros frequentavam, levando um estilo de vida europeu. Após um período de retrato clássico, voltou, após algum tempo de ausência de Marrocos, a retratar a paisagem com as séries “La Maison de l’Arbre” e “The tree of the house”, apresentadas em 2009 na Bienal de Photoquai, em Paris, organizada pelo Museu Quai Branly, e no Photo Paris organizado no Carrousel du Louvre. As suas séries de fotos foram nomeadas para o Prix Pictet 2010, tendo ganho o Prémio da OIF, para os Encontros de Fotografia de Bamako, em 2011. Em 2012, iniciou uma nova série, “The Franked City”, representando a cidade de Casablanca, na sua intimidade, durante o mês do Ramadão.

KHALIL NEMMAOUI (Morocco, 1967) lives and works between Casablanca and Paris. He had his first-hand experience in photojournalism and held his first exhibition in 1997, “Casablanca, Fragments d’Imaginaire”. In 1999, Nemmaoui published and exhibited “La Revue Noire”, a series about the European bars and cabarets from the French Colonial period in Morocco, places where international and cosmopolite people used to lead a European lifestyle. After a period of classic humanist portraiture, he returned after a while of absence from Morocco,

to landscape with the series “La Maison de l’Arbre” and “The tree of the house”, presented in 2009 in the Photoquai Biennale in Paris, organized by the Quai Branly Museum, and in the Paris Photo at the Carrousel du Louvre. His series were also nominated for the Prix Pictet 2010 and, he also won the Prize of the OIF at the Bamako encounters of Photography in 2011. In 2012, he started a new series, “The Franked City”, representing the city of Casablanca, in its intimacy, during the month of Ramadan.

**KIMI DJABATÉ** (Guiné-Bissau, 1975) é um músico guineense, atualmente a residir em Lisboa. É considerado uma das ligações contemporâneas à preciosa herança da música tradicional griot, que emerge com seus ancestrais na região ocidental de África. A vocação e a primazia na aprendizagem em música tradicional Mandinga fez com que se interessasse, também, por outros estilos musicais como a dança local gumbé, o afrobeat nigeriano, a morna de Cabo Verde e o jazz e o *blues* americano. Este conhecimento influenciou, anos mais tarde, as composições musicais de que é autor e compositor.

KIMI DJABATÉ (Guinea-Bissau, 1975) is a Guinean musician currently living in Lisbon. He is considered one of the contemporary links to the precious heritage of the traditional griot music, which emerges with his ancestors in West Africa. The vocation and the primacy in learning the traditional music Mandinga meant that he also cared for other musical styles such as local dance Gumbé, the Nigerian Afrobeat, the morna of Cape Verde and American blues and jazz. Knowledge, that came to influence, some years later, the musical compositions of which the author is a musician and composer.

**LOLA ARIAS** (Argentina, 1976) é escritora, encenadora de teatro, atriz e cantora na Argentina. Os seus últimos trabalhos foram realizados na Alemanha (“Familienbande”, 2009, e “That Enemy Within”, 2010). Junto com Ulises Conti, compõe e toca música ao vivo. Já gravou dois álbuns (“El amor es un francotirador”, 2008, e “Los que no duermen”, 2011). Publicou “Los posnucleares” (relatos, Emecé), a trilogia teatral “Strip-tease” / “Sueño con revólver” / “El amor es un francotirador” (Entropia), “Poses para dormir” (drama, Entropia), “Mi nombre cuando yo ya no exista” (teatro, Cierito Pez), “La escuálida familia” (teatro, Libros del Rojas) e “Las impúdicas en el paraíso” (poesia, Tsé-Tsé). A sua obra foi representada em vários festivais internacionais, como Avignon, Festival In Transit de Berlim, Theater Spektakel Zurich e no Spielart Munich.

LOLA ARIAS (Argentina, 1976) is a writer, theater director, actress and singer in Argentina. Her later works were carried

out in Germany (“Familienbande”, 2009 and “That Enemy Within”, 2010). Along with Ulises Conti, Lola Arias composes and plays music live. She has recorded two albums (“El amor es un francotirador”, 2008 and “Los que no duermen”, 2011). Lola Arias has also published “Los posnucleares” (reports, Emecé), the theatrical trilogy “Striptease” / “Sueño con revólver” / “El amor es un francotirador” (Entropia), “Poses para dormir” (drama, Entropia), “Mi nombre cuando yo ya no exista” (theater, Cierito Pez), “La escualda familia” (theater, Libros del Rojas) e “Las impúdicas en el paraíso” (poetry, Tsé-Tsé). Her work has been presented at various international festivals such as Avignon, In Transit Festival of Berlin, Theater Spektakel Zurich and Spielart Munich.

**MAJIDA KHATTARI** (Marrocos, 1966) vive e trabalha em Paris. Começou em pintura e em fotografia antes de descobrir o desenho, durante seu último ano na Escola Nacional de Belas Artes, em Paris (Ensba). Durante esse período concebeu “esculturas de roupa”, que apresentou no Fashion Show/Performance. Também criou instalações fotográficas e videográficas. Através das suas obras, tenta entender a situação ambígua da mulher muçulmana presa entre a sacralização e a ameaça. Participou nas seguintes exposições de relevo: “Passage New French Art”, no Museu Setagaya Art (Tóquio, 1999), “Heaven at the Kunsthalle” (Düsseldorf, 1999), na Tate Gallery (Liverpool, 1999), no Kunstmuseum (Lucerna, 2000), no Centre Pompidou (Paris, 2001), “Veil at the InIVA” (Londres, 2003), no Hôtel de la Monnaie (Paris, 2008), nos Rencontres de Bamako (2009), no ArtDubai (2011) e no Institut du Monde Arabe (Paris, 2011).

**MAJIDA KHATTARI** (Morocco, 1966) lives and works in Paris. She started by working in painting and photography before discovering design, during her final year at the National School of Arts in Paris (Ensba). During that time, she conceived the “clothing-sculptures” which she presented in the Fashion Show/Performance. She also created photographic and video graphic installations. Through her creations, she tries to understand the ambiguous situation of the Muslim woman caught between sacralization and threat. Majida Khattari has participated in the following major exhibitions: “Passage New French Art” in the Setagaya Art Museum (Tokyo,1999), “Heaven at the Kunsthalle” (Düsseldorf, 1999), in Tate Gallery, (Liverpool, 1999), in Kunstmuseum (Lucerne, 2000), in Centre Pompidou (Paris, 2001), “Veil at the InIVA” (London, 2003), in Hôtel de la Monnaie (Paris, 2008), in Rencontres de Bamako (2009), in ArtDubai (2011) and in Institut du Monde Arabe (Paris, 2011).

**MARCELO JÁCOME** (Brasil, 1980) vive e trabalha no Rio de Janeiro, onde é

arquiteto e urbanista. Em 2009, ingressou na EAV-Escola de Artes Visuais, do Parque Lage, onde é orientado por Iole de Freitas. Desenvolvendo a sua linguagem através da colagem e instalações, nas quais o papel é a principal matéria de trabalho, recorre às relações da reta e da curva, bidimensional e tridimensional, lugar e vazio, dentro e fora, tensão e flexão, dissolução da forma e autonomia da cor. Ao longo de sua trajetória, tem participado em projetos independentes, exposições coletivas e uma individual, no Brasil.

**MARCELO JÁCOME** (Brazil, 1980) lives and works in Rio de Janeiro, where he is currently an architect and urban planner. In 2009, he enrolled in the EAV-School of Visual Arts of Parque Lage, where he was under the supervision of Iole de Freitas. Developing his language through collage and installations, in which paper is the main raw material used in his area of work, and where the artist resorts to the relationships between straight and curved, the two-dimensional and the three-dimensional, the full and the empty, the inside and the outside, tension and bending, the dissolution of form and the autonomy of color. Throughout his career, Marcelo has been involved in independent projects, collective exhibitions and in an individual one, all in Brazil.

**MARIA CARDEIRA DA SILVA** (Portugal, 1960) é professora na FCSH da Universidade Nova de Lisboa, onde é responsável pela área disciplinar de contextos árabes e islâmicos no Departamento de Antropologia. É investigadora do CRIA (Centro em Rede de Investigação em Antropologia) e membro do Núcleo do Estudos em Contextos Islâmicos (NECI) e do FIMAM (Foro de Investigadores sobre el Mondo Arabe y Islamico). Tem investigado sobre questões de género e direitos humanos, mas também de turismo e património. Participa atualmente no Projeto “Cultura y poder: el Islam en la diáspora” (no âmbito do programa de Creación y Consolidación de Grupos de Investigación do VII Quadro Europeu – U. Madrid). Publicou, entre outros, “Um Islão Prático” (1999, Oeiras: Celta), “As mulheres, os outros e as mulheres dos outros: feminismo, academia e Islão” (2008, Cadernos do Pagu. N.30) e “O sentido dos árabes no nosso sentido” (2005, Análise Social, Vol. XXIX, N173). Em 2008 ganhou o prémio de Ciências Humanas – II Lazio tra Europa e Mediterraneo – atribuído pela Regione Lazio e pela Fondazione Casa delle Regioni del Mediterraneo.

**MARIA CARDEIRA DA SILVA** (Portugal, 1960) is a Professor at FCSH of the Universidade Nova de Lisboa, where she is responsible for the disciplinary areas of the Arabic and Islamic contexts in the Department of Anthropology. She is a researcher at the CRIA (Network Research Center in Anthropology) and a member of the Core

Studies in Islamic Contexts (NECI) and of FIMAM (Foro de Investigadores sobre el Mondo Arabe y Islamico). She has also researched about issues of gender and human rights, but also of tourism and heritage. She has currently participated in the project “Cultura y poder: el Islam en la diáspora” (within the program Creación y Consolidación de Grupos de Investigación of the VII European Board - U. Madrid). She has published, among others, “Um Islão Prático” (1999, Oeiras: Celta), “As mulheres, os outros e as mulheres dos outros: feminismo, academia e Islão” (2008, Cadernos do Pagu. N.30) and “O sentido dos árabes no nosso sentido” (2005, Análise Social, Vol. XXIX, N173). In 2008 she won the the Humanity Sciences Award – II Lazio tra Europe e Mediterraneo – assigned by the Lazio Region and the Fondazione Casa delle Regioni del Mediterraneo

**MARIA JOÃO TOMÁS** (Portugal, 1967) é investigadora no Instituto de Estudos Estratégicos Internacionais para as áreas do Médio Oriente e do Norte de África, da “Primavera Árabe” e do Mundo Islâmico e é colunista do Diário de Notícias, analisando as mesmas temáticas. Fez o doutoramento em História do Médio Oriente, na Universidade de Basileia e na F.C.S.H. da Universidade Nova de Lisboa, e o mestrado em História do Médio Oriente Antigo, na Universidade da Califórnia, Los Angeles, e na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Estudou árabe no ILNOVA e fez uma formação aprofundada sobre o Islão com o Sheik Zabir. Recebeu várias bolsas, tem artigos publicados em revistas da especialidade, além de participar com comunicações em inúmeros colóquios e congressos internacionais.

**MARIA JOÃO TOMÁS** (Portugal, 1967) is currently a researcher at the Institute of International Strategic Studies in the fields of the Middle East and North Africa, the “Arab Spring” and the Islamic World and is a columnist for the Diário de Notícias newspaper, analyzing these same issues. She holds a PhD in Middle Eastern History from the University of Basel and the FCSH- New University of Lisbon, and also an MA in Ancient History of the Middle East, from the University of California, Los Angeles and from the Faculty of Arts, University of Lisbon. She studied Arabic in ILNOVA and did thorough training on Islam with Sheikh Zabir. She has received several grants, has published articles in specialized journals, and has participated with several communications in many international conferences and congresses.

**MARISA VINHA** (Portugal, 1973) é *designer* e interessa-se por Curadoria e por Arte no Espaço Público. Enquanto assistente do arquiteto Alessandro Mendini, desenhou e produziu diversas exposições itinerantes, fez projetos para empresas

como Alessi, Bisazza, Cartier, Swarovski e Swatch. Participou na exposição coletiva “Toldos no jardim”, integrada no Programa Distância e Proximidade da Fundação Calouste Gulbenkian, realizou a Instalação “Framed Landscapes” para Domaine de Boisbuchet – Vitra Design Museum, e as instalações cenográficas do programa “Palavras daqui, dali e dacolá” na Fundação Calouste Gulbenkian, em 2010. Atualmente, os seus projetos dividem-se entre Lisboa e São Paulo.

**MARISA VINHA** (Portugal, 1973) is a designer and is interested in Curatorship and Art in Public Spaces. As an assistant architect of Alessandro Mendini, she designed and produced several exhibitions, and did projects for companies such as Alessi, Bisazza, Cartier, Swarovski and Swatch. She participated in the group exhibition “Toldos no jardim”, part of the Distance and Proximity Program of the Calouste Gulbenkian Fondation, she conducted the installation “Framed Landscapes” for Domaine de Boisbuchet – Vitra Design Museum, and the scenographic installations of the program “Palavras daqui, dali e dacolá” at the Calouste Gulbenkian Foundation, in 2010. Currently, her projects are divided between Lisbon and Sao Paulo.

**MICHKET KRIFA** (franco-tunisina, 1960) é autora, diretora artística e comissária de artes visuais para África e Médio Oriente. Dirigiu várias exposições e publicações temáticas sobre o Irão (nomeadamente “Regards persans” – Electra, 2001 –, “Iran regards Croisés” – Photo Spana – e “Haft” – Landowski de Boulogne Billancourt –, ambos em 2003; sobre a Tunísia (“Saison tunisienne” – 1995, “Femmes d’images espace privés” – Palácio Kheirredine, 2007 –, “Dégagements” – Instituto do Mundo Árabe, 2012 –; sobre a Argélia (“Algérie, les faits et les effets” – 2004; sobre a Palestina (“Le Printemps palestinien” – 1997; realização de 80 eventos culturais relativos à Palestina em França, “La vie tout simplement”, exposição de Rula Halawani e Tayssir Batnijipatente na Ponte das Artes, em 2007). Também foi diretora artística dos VIII e XIX Encontros de Bamako, a Bienal africana da fotografia e comissariou a exposição intitulada “Dégagements, Tunisie un an après”, no Instituto do Mundo Árabe (Paris, 2012). Colaborou ainda com os Encontros de Arles, o Institut Français, o Institut du Monde Árabe, a Câmara de Paris, a Comissão Europeia, o espaço Louis Vuitton, o World Press Photo, a Documenta XI, a Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa).

**MICHKET KRIFA** (franco-tunisina, 1960) is the author, artistic director and curator of visual arts for Africa and the Middle East. Krifa has directed several thematic exhibitions and publications on Iran

(including “Regards persans” – Electra, 2001 – “Iran regards Croisés” – Photo Spana – and “Haft” – Landowski Boulogne Billancourt – both in 2003; on Tunisia (“Saison tunisienne” – 1995, “Femmes d’images espace privés” – Palace Kheirredine, 2007 –, “Dégagements” – the Arab World Institute, 2012); – on Algeria (“Algérie, les faits et les effets” – 2004; on Palestine (“Le Printemps palestinien” – 1997; development of 80 cultural events relative to Palestine in France, “La vie tout simplement”, exhibition of Rula Halawani and Tayssir Batnijipatente on the Bridge of the Arts, in 2007). Krifa is also, artistic director of VIII and XIX Bamako Encounters, African photography Biennial and curator to an exhibition entitled “Dégagements, Tunisie un an après” in the Arab World Institute (Paris, 2012). Also, Krifa has collaborated with the Meetings of Arles, the French Institute, the Institut du Monde Arab, the Mairie of Paris, the European Commission, the Louis Vuitton space, the World Press Photo, Documenta XI, the Calouste Gulbenkian Foundation (Lisbon).

**MED FUSION** (Tunísia, 2007) é uma orquestra que sofre a herança da música mediterrânica, surgindo como repertório tocado pela banda, os seus arranjos contemporâneos e as improvisações, também aspetos característicos do projeto. A orquestra é composta por uma combinação de instrumentos tradicionais árabes (qanou, flauta) e por instrumentos modernos (bateria, baixo elétrico). O grupo atribui muita importância à escolha do repertório, falando de patriotismo e abordando temas sociais e políticos. O seu recente álbum, “Parfum de Jasmin”, é composto por canções originais, assim como por outras do repertório tunisino e mediterrânico. Músicas de jazz, *blues*, tradicionais são introduzidas suavemente e incluem ainda improvisações da flauta árabe, violino e piano, às vezes tonal, modal, por vezes em ritmos muito variados e, às vezes, tunisinos ou ocidentais.

**MED FUSION** (Tunisia, 2007) is an orchestra which benefits from the heritage of the Mediterranean music, emerging with a repertory played by the band, with new arrangements and improvisations, also characteristic features of the project. Med Fusion Orchester is composed by a beautiful blend of traditional Arabic instruments (qanou, flutte) and modern instruments (drums, bass guitar). The group gives a great importance to the choice of songs, and the pieces of the repertory speak of patriotism, also addressing issues of social and political order. The new album, “Parfum de Jasmin” (Jasmine Perfume), consists of songs composed by the group and others from the Tunisian and Mediterranean repertory. Tunes of jazz, blues, traditional are gently used. They also include Arabic flute improvisations, piano, violin, sometimes

tonal, sometimes modal, sometimes on rhythms very varied, sometimes Tunisians, sometimes Western.

**MOHAMED SIAM** (Egito, 1981) é documentarista independente e realizador de filmes de ficção. Como primeiro assistente de realização, trabalhou em projetos de longas-metragens como o documentário “A Cidade dos Mortos”, coprodução luso-espanhola financiada pelo Canal Plus que estreou no IDFA 2009 (Festival Internacional de Filmes Documentários de Amesterdão) e recebeu a distinção de Melhor Filme, na Documenta de Madrid, em 2010. Recentemente foi primeiro assistente de realização no filme “Nos últimos dias da cidade”, do realizador egípcio Tamer Said, financiado pelo Global Film Initiative e pelo Cinereach, entre outros fundos. É ainda o fundador e diretor artístico do Centro Cinematográfico Artkhana, em Alexandria, um espaço artístico que providencia apoio técnico e formativo para realizadores.

**MOHAMED SIAM** (Egypt, 1981) is as an independent documentary and fiction filmmaker. Mr. Siam has also worked on feature film projects, as a 1st Assistant Director including the feature documentary “The City of the Dead”, a Portuguese/ Spanish co-production funded by Canal Plus that premiered at IDFA 2009 (International Documentary Film Festival of Amsterdam) and won Best Film at Documenta, Madrid, in 2010. More recently, he acted as a 1st AD on fellow Egyptian filmmaker Tamer Said’s feature film “In the Last Days of the City”, winner of Global Film Initiative and Cinereach grants among other funds. Mohamed Siam is the founder & artistic director of the Artkhana Film Center in Alexandria, an established art space that caters to filmmakers’ technical and training needs.

**MONA PRINCE** (Egito, 1970) é professora associada de Literatura Inglesa na Universidade do Canal de Suez. É também escritora de ficção, tradutora, poetisa e ativista. O seu último romance, “So you may see”, foi traduzido para inglês e publicado pela AUC (American University in Cairo), em 2011. Participou em diversos programas e fóruns internacionais nos EUA, França, Noruega, Portugal, Marrocos e Síria. Recebeu alguns prémios literários de diferentes associações locais e internacionais. Encontra-se a escrever um livro sobre a revolução egípcia, baseada na sua própria experiência em Tahrir Square.

**MONA PRINCE** (Egypt, 1970) is an Associate Professor of English literature at the Suez Canal University. She is a fiction writer, translator, a poetess, and an activist. Her recent novel “So you may see”, was translated into English and published by the AUC (American University in Cairo), in 2011. She has also participated in several international programs and forums in the

US, France, Norway, Portugal, Morocco, and Syria. Moreover, she has won a few literary awards from different local and international associations. She is currently writing a book about the Egyptian revolution based on her own experience in Tahrir Square.

**NAHED NASRALLAH** (Egito, 1953) é uma famosa designer de moda para cinema e teatro, que trabalhou em parceria com os célebres realizadores de cinema Youssef Chahine e Nasrallah Yousry, entre outros. Da sua filmografia mais conhecida, destaca-se “The Yacoubian Building” (2006), “Destiny” (1997), “The Other” (1999) e o “The Emigrant” (1994). Nahed Nasrallah encontra-se também muito ligada às questões sociais, desde a revolução ocorrida no Egito.

**NAHED NASRALLAH** (Egypt, 1953) is a well known costume designer for Cinema and Theater who has worked in partnership with the renowned film directors Youssef Chahine, Yousry Nasrallah, among others. Within her most notorious filmography we mention “The Yacoubian Building” (2006), “Destiny” (1997), “The Other” (1999) and “The Emigrant” (1994). Nahed Nasrallah is also very committed to social issues since the revolution that took place in Egypt.

**NAWEL SKANDRANI** (Tunísia, 1958) começou a carreira profissional como bailarina em Itália, em França e nos EUA, tendo regressado ao seu país onde fundou e dirigiu o Ballet Nacional da Tunísia. Desde 1997, tem feito a sua carreira como coreógrafa e professora independente, assinando uma dezena de criações tais como “A la recherche du centre perdu”, “Les gosses du quartier”, “Corps complices”, “Les croisades vues par les Arabes”, “Les étoiles filantes meurent en silence”, “La feuille de l’Olivier”, “Alice si meraviglia” e “ARTcè/ /seuLement”, entre outras. A sua colaboração com o teatro, que começou em 1986 com Mohamed Driss e Ismail Pasha, com a peça “Vive Shakespeare, le compagnon des cœurs”, tem vindo a desenvolver-se, desde 1997, assim como com Fadhel Jaibi e Baccar Jalila, com as peças “Soirée particulière”, “Grand ménage”, “Junun/Démences” e “Kham-soun/Corps otages”. Nawel Skandrani é membro fundador do conselho tunisino do Instituto Internacional do Teatro, membro do conselho de administração do Fundo de Teatro para Jovens Árabes e do Fundo Roberto Cimetta.

**NAWEL SKANDRANI** (Tunisia, 1958) pursued a professional career as a ballet dancer in Italy, France and U.S.A., and then came back to her country where she founded and directed the Tunisian National Ballet. Since 1997, she has pursued as an independent choreographer and teacher, authoring a dozen creations such as “A la recherche du centre perdu”, “Les

gosses du quartier”, “Corps complices”, “Les croisades vues par les Arabes”, “Les étoiles filantes meurent en silence”, “La feuille de l’Olivier”, “Alice si meraviglia” and “ARTcè/seuLement”, among others. Skandrani’s collaboration with the theater, which began in 1986 with Mohamed Driss, Ismail Pasha, “Vive Shakespeare, Le compagnon des cœurs” has been ongoing since 1997, with Fadhel Jaibi and Jalila Baccar with “Soirée particulière”, “Grand ménage”, “Junun/Démences” and “Kham-soun/Corps otages”. Nawel Skandrani is a founding member of the board of the Tunisian International Theatre Institute, a member of the board of the Young Arab Theatre Fund and a member of the Roberto Cimetta Fund.

**NERMINE HAMMAM** (Egito, 1967) é uma fotógrafa que vive e trabalha no Cairo. As suas obras são composições intrincadas de camadas de imagens e símbolos, transformadas através do prisma de uma estética que combina a manipulação digital e a pintura, criando uma tapeçaria muito complexa e pessoal. Obteve o seu Bachelor of Fine Arts em Cinema, na Tisch School of Arts da Universidade de Nova Iorque, e prosseguiu com o famoso realizador de cinema Youssef Chahine. A sua obra está presente em diversas coleções em todo o mundo, inclusivamente em bienais internacionais como a Bialnal de Fotografia de Bamako (Mali, 2011), a X Bienal, em Cuenca (Equador, 2009) e a Bienal de Fotografia de Tesselonica (2009). Na década passada, a sua obra foi mostrada em mais de cinquenta exposições internacionais em todo o mundo.

**NERMINE HAMMAM** (Egypt, 1967) is an Egyptian photo artist, living and working in Cairo. Her works are intricate composites of layered images and symbols, transformed through the prism of an aesthetic that combines digital manipulation and painting, to form a rich and highly personal tapestry. Ms. Hammam obtained her BFA in filmmaking from New York University’s Tisch School of Arts, going to work with renowned film director Youssef Chahine. Nermine Hammam’s work is widely exhibited in several collections around the world. This includes international biennales such as the Bamako Biennale for Photography (Mali, 2011). X Biennale, in Cuenca (Ecuador, 2009), and Photo Biennale, Thessaloniki (2009). Over the past decade, her work has been shown in more than fifty international exhibitions around the world.

**NUNO VIEGAS** (Portugal, 1977) participou, em 2000, na Exposição Comemorativa do 10º Aniversário da Galeria Arte Periférica, Lisboa, e realizou a exposição de finalistas do prémio CELPA - Vieira da Silva, Fundação Arpad-Szènes/Vieira da Silva, Lisboa. Destacam-se exposições individuais na galeria Arte Periférica: “A de Animal” e “Parafernália” (2011), “Temor e tremor” (2009), “A nuvem

nódoa” (2008), “O precipitado” (2006), “Lava” (2003) e “Captura” (2002). Participou nas exposições coletivas Stand Arte Periférica, em Madrid – ARCO’03, ARCO’04 e ARCO’05, no Centro de Congressos de Lisboa e na Feira Internacional de Lisboa – Arte Lisboa, entre 2001 e 2010. Em 2005, elaborou a ilustração da revista Colóquio Letras da Fundação Calouste Gulbenkian.

NUNO VIEGAS (Portugal, 1977) took part, in 2000, in the Commemorative Exhibition of the 10th Anniversary of Arte Periférica Gallery, in Lisbon and performed the Exhibition of finalists for the award CELPA - Vieira da Silva, Arpad-Szénes/Vieira da Silva Foundation, Lisbon. We stand out his solo exhibitions in the Arte Periférica Gallery: “A of Animal” and “Paraphernalia” (2011), “Fear and Trembling” (2009), “The cloud stain” (2008), “Precipitated” (2006), “Lava” (2003), and “Capture” (2002). Participation in the following collective exhibitions: Stand Arte Periférica in Madrid - ARCO’03, ARCO’04 and ARCO’05, in the Lisbon Congress Centre as well as in the Lisbon International Fair – Arte Lisboa, between 2001 and 2010. In 2005, he elaborates the illustration of the magazine “Colóquio Letras” from Calouste Gulbenkian Foundation.

**OLIVIA MARSAUD** (França, 1976) é jornalista e repórter. Tem trabalhado em África e na Diáspora, desde 2000, assim como para os órgãos de comunicação social Jeune Afrique, RFI, Afri-cultures e Afrik.com. Em 2005 trabalhou para o El Watan, em Argel, e foi editora adjunta da revista mensal África, de 2007 a 2009. Desde 2010 é a editora da Revista trimestral AFRICA24. Apaixonada por fotografia, foi assistente dos diretores de arte Michket Krifa e Laura Serani, durante a Bienal de Bamako de 2009, e realizou as avaliações de portfólio da Bienal Bamako de 2011. É também membro ativo da Fetart, desde 2008, e encontra-se no quadro da organização do Circulação(s), festival Europeu de fotografia jovem (Paris), desde 2011.

OLIVIA MARSAUD (France, 1976) is a journalist and reporter. She has worked on Africa and the Diaspora since 2000 and for different media: Jeune Afrique, RFI, Afri-cultures, Afrik.com. In 2005, she worked for El Watan in Algiers and was deputy editor of the monthly magazine Africa, from 2007 to 2009. Since 2010, she is the editor of the quarterly AFRICA24 Magazine. Passionate about photography, she assisted the Art Directors Michket Krifa and Laura Serani during the Bamako Biennale 2009 and held the portfolio reviews of the 2011 Bamako Biennale. She is also an active member of Fetart, since 2008, and in the board of organization of Circulation (s), festival of young European photography (Paris), since 2011.

**PEDRO CARNEIRO** (Portugal, 1975) é um importante percussionista da atualidade. Colabora regularmente com músicos prestigiados, como o Quarteto Arditti, com quem estreou e gravou diversos novos quintetos para marimba e quarteto de cordas. Toca e grava como solista convidado de várias orquestras, como a Seattle Symphony, Helsinki Philharmonic, Vienna Chamber Orchestra, Swedish Chamber Orchestra, Leipzig Radio Symphony, English Chamber Orchestra, Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, BBC National Orchestra of Wales. Apresenta-se regularmente como solista/diretor, dirigindo a partir do teclado da marimba – é o diretor artístico e maestro titular da Orquestra de Câmara Portuguesa –, a “Orquestra em Residência”, no Centro Cultural de Belém, em Lisboa.

PEDRO CARNEIRO (Portugal, 1975) is an important percussionist of our times. He collaborates regularly, with renowned musicians, such as the Arditti Quartet, with whom he premiered and recorded several new quintets for marimba and string quartet. Mr. Carneiro plays and records as a guest soloist for several orchestras, such as the Seattle Symphony, Helsinki Philharmonic, Vienna Chamber Orchestra, Swedish Chamber Orchestra, Leipzig Radio Symphony, English Chamber Orchestra, State Symphony Orchestra of Sao Paulo, BBC National Orchestra of Wales. He performs regularly as soloist / director, directing from the marimba keyboard – is the artistic director and permanent conductor of the Portuguese Chamber Orchestra –, the “Orquestra em Residência”, at the Centro Cultural de Belém, in Lisbon.

**PEDRO TUDELA** (Portugal, 1962) é artista plástico. Desde 1982, tem participado em vários festivais de performance. Autor e apresentador dos programas na rádio XFM “Escolhe um dedo” e “Atmosfera reduzida”, entre 1995 e 1996. Em 1992, por ocasião da exposição “mute... life”, fundou o coletivo multimédia Mute Life dept.[MLd]. Enveredou na produção sonora, em 1992, participando em concertos, performances, edições discográficas em Portugal e no estrangeiro. Cofundador e um dos elementos do projeto de música experimental eletrónica @c. Membro fundador da Media Label Crónica. Trabalha como cenógrafo, desde 2000. Participou em inúmeras exposições coletivas, nacionais e internacionais, desde o início da década de 80.

PEDRO TUDELA (Portugal, 1962) is a Fine Arts artist. Since 1982, he has participated in several performance festivals. Author and presenter of radio programs: “Escolhe um dedo” e “Atmosfera reduzida” at the XFM radio, between 1995 and 1996. In 1992, on the occasion of the exhibition “mute... life”, he established the multimedia collective Mute Life dept.

[MLd]. He embarked on sound production, in 1992, participating in concerts, performances, audio editions in Portugal and abroad. He is a co-founder and one of the members of the experimental electronic music project @c. He is also a co-founder and one of the members of the Media Label Crónica. He works as a stage designer, since 2000. He has participated in numerous group exhibitions, both in Portugal and abroad, since the early 80s.

**SAMY GHORBAL** (Tunísia, 1974) é um jornalista franco-tunisino. Entre 2000 e 2009, trabalhou para a revista semanal pan-africana Jeune Afrique e tem vindo a fazer jornalismo *freelance* desde então. Foi um dos primeiros jornalistas a abordar o assunto sobre o retorno do véu islâmico na Tunísia e a desenhar o perfil de Ben Ali, ex-genro de Sakhr El Materi, em 2009. Envolveu-se na política durante a Revolução da Tunísia e atuou como assessor político e autor dos discursos do líder PDP Ahmed Néjib Chebbi. Entre 2009 e 2011, escreveu “Orphelins de Bourguiba & Héritiers du Prophète” (Edições Cères, janeiro de 2012), um ensaio político sobre o primeiro artigo da Constituição de 1959 da Tunísia, que é o pilar do secularismo na Tunísia e a espinha dorsal da identidade política moderna do país.

SAMY GHORBAL (Tunisia, 1974) is a French-Tunisian journalist. Between 2000 and 2009, he worked for the pan-African weekly magazine Jeune Afrique and has been doing freelance journalism since then. He was one of the first journalists to talk about the return of the Islamic veil in Tunisia or draw a portrait of Ben Ali’s former in-law Sakhr El Materi, in 2009. He got involved in politics during the Tunisian Revolution and acted as political advisor and speechwriter for the PDP leader Ahmed Néjib Chebbi. Between 2009 and 2011, he wrote “Orphelins de Bourguiba & Héritiers du Prophète” (Cères Editions, January 2012), a political essay on the first article of the 1959 Tunisian Constitution, which is both the pillar of Tunisian secularism and the backbone of the country’s modern political identity.

**SOFIANE OUISSI** (Tunísia, 1972) é coreógrafo e agente cultural. Escolheu as suas performances como planos de ação para a reforçar e ampliar as vozes de luta na Tunísia. Através do Coletivo Cidade Sonho, escolhe uma forma festiva e alegre de criar espaços livres de expressão e, principalmente, de encontrar prazer na troca e na luta pela partilha de ideias numa construção conjunta: o Brainstorming. Para além disso, através de ZAT e Laaroussa, fábrica artística no espaço popular de uma revista especializada na voz da população marginalizada, consegue que a comunidade cultural da Tunísia participe no seu desejo de luta, a fim de partilhar e expressar a cultura.

SOFIANE OUISSI (Tunisia, 1972) is a choreographer and a cultural operator. He has chosen his performances to be action plans which mean to strengthen and widen the voices of struggle in Tunisia. Through Dream City Collective, he chooses a festive and merry form to create free spaces of expression and, mainly, to find delight in the exchange and the struggle for sharing ideas to build together: this is what Brainstorming is all about. Also, through ZAT and Laaroussa, artistic factory of popular space journal of the marginalized population’s voice, he makes the Tunisian cultural community take part into his desire for struggle, in order to share and express culture.

**TAHAR BEN JELLOUN** (Marrocos, 1944) mudou-se para Paris em 1971 onde estudou filosofia e se tornou jornalista e escritor. Depois de vários romances, contos e poesia, recebeu o Prix Goncourt em 1987, por “La Nuit Sacrée”. Comprometido intelectual e culturalmente, nunca desistiu de lutar contra o racismo e a ignorância. A sua obra, tanto literária como intelectual, permitiu a aproximação das duas margens do Mediterrâneo transmitindo, ao ocidente, a cultura do mundo árabe.

TAHAR BEN JELLOUN (Morocco, 1944) moved to Paris in 1971 where he studied philosophy and became a journalist and writer. After several novels, short stories and poetry, he won the Prix Goncourt in 1987, for “La Nuit Sacrée.” Intellectually and culturally compromised, he never gave up the fight against racism and ignorance. His work, both literary and intellectual, has allowed the approaching between the two shores of the Mediterranean, passing to the West, the culture of the Arab world.

**TEATRO PRAGA** (Portugal, 1995) nasceu em 1995 e está sedead o Espaço Teatro Praga, em Lisboa. Colabora regularmente com algumas das mais prestigiadas estruturas culturais em Portugal e tem-se apresentado em festivais e teatros de diversos países europeus (Itália, Reino Unido, Alemanha, França, Hungria, Eslovénia, Estónia, Eslováquia e Dinamarca). Trata-se de um grupo de artistas que trabalham sem encenador e que pretendem sublinhar a irrepetibilidade da prática teatral. São sempre diferentes, estão em constante metamorfose e sujeitam-se a variações imprevisíveis deles próprios. Os espetáculos são acontecimentos que, sem porem de lado a sua condição física de teatro (ficção), vão em busca da ‘responsabilidade máxima do espectador’, ou seja, de encontrar uma comunidade no meio do caos ficcional.

TEATRO PRAGA (Portugal, 1995) is based in the Espaço Teatro Praga, in Lisbon. They regularly collaborate with some of the most prestigious cultural structures in Portugal and have performed at festivals and theaters in several European

countries (Italy, UK, Germany, France, Hungary, Slovenia, Estonia, Slovakia and Denmark). This is a group of artists who work without a director and wish to emphasize the uniqueness of theater practice. They are always different, are in constant metamorphosis and subject to unpredictable variations of themselves. The shows are events which, not putting aside their physical theatrical condition (drama), go in search of ‘maximum liability of the spectator’, ie to find a community in the middle of fictional chaos.

**WASSYLA TAMZALI** (Argélia, 1941) é advogada em Argel e, desde 1979, funcionária na UNESCO, em Paris, onde dirige o programa sobre os direitos das mulheres. É membro fundador da Igualdade Coletiva Magrebina, criada em Rabat, em 1992, e, em 1993, fundadora e vice-presidente do Fórum Internacional para as Mulheres do Mediterrâneo. Em 1994, foi responsável pelo “Relatório Internacional sobre a violação utilizada como arma de guerra, tendo em vista a violação sistemática das mulheres muçulmanas na Bósnia e Herzegovina”. Em 1999, em Dhaka, Bangladesh, recebeu em reconhecimento do seu trabalho pelas associações feministas abolicionistas, o “Lifetime Achievement Award”.

WASSYLA TAMZALI (Algeria, 1941) is a lawyer in Algiers and, since 1979, an employee at the UNESCO, in Paris, where she directs the program on women’s rights. She is a founding member of the Collective Maghreb Equality, created in Rabat, in 1992, and in 1993, founder and Vice President of the International Forum for Women of the Mediterranean. In 1994, she was responsible for the “International Report on rape, used as a weapon of war, in view of the systematic rape of Muslim women in Bosnia and Herzegovina”. In 1999, in Dhaka, Bangladesh, she received in recognition of her work by the feminist abolitionists associations, the “Lifetime Achievement Award”.

**YASSINE AYARI** (Tunísia, 1982) é engenheira de *network* e segurança informática e, também, uma ativista que tem lutado pela liberdade de expressão e de internet na Tunísia. Em 2009, candidatou-se para as legislativas, como candidata independente contra o RCD (Reunião Constitucional Democrática). Em 2010, organizou - Nhar Ala Ammar, uma manifestação contra a censura na internet. Em 2011, candidatou-se para as eleições da assembleia constituinte numa lista independente. Simultaneamente, organizou o movimento “Kelmethom” exigindo que o governo desse os devidos direitos aos mártires e aos feridos da Revolução. É ainda membro fundador do Centro da Tunísia para a Justiça Tradicional.

YASSINE AYARI (Tunisia, 1982) is a network and security engineer and, also an activist, who has always fought for freedom of

speech and internet in Tunisia. In 2009, she run for the legislatives, as an independent candidate against RCD (Constitutional Democratic Rally). In 2010, she organized – Nhar Ala Ammar, a manifestation against internet censorship. In 2011, she run for the Constituent Assembly elections in an independent list. At the same time, she organized a movement “Kelmethom” demanding that the government give due rights for the martyrs and the wounded of the Revolution. Yassine Ayari is also a founding member of The Tunisian Center for Traditional Justice.



# BILHETEIRA / INFORMAÇÕES

## TICKET OFFICE / INFORMATION

### BILHETEIRA / TICKET OFFICE

Fundação Calouste Gulbenkian  
Avenida de Berna 45 A, 1067-001 Lisboa  
2ª a 6ª / Monday to Friday: 10:00-19:00  
Tel. (+351) 21 782 3700

Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão  
Rua Dr. Nicolau de Bettencourt, 1050-078 Lisboa  
3ª a domingo / Tuesday to Sunday: 10:00-18:00  
Tel. (+351) 21 782 3474/83

e uma hora antes do início dos espetáculos.  
and one hour before the start of evening performances.

### PREÇÁRIO / PRICES

#### COMPRA DE ENTRADAS / PURCHASE OF TICKETS

Concerto Inaugural / Opening Concert Emel Mathlouthi....€12\*\*  
Sessões de Cinema / Film Sessions....€3\*\*\*  
Teatro / Theatre Praga....€5\*  
Teatro / Theatre "Gladys"....€15\*  
Concerto / Concert Med Fusion Orchester....€12\*\*  
Teatro / Theatre "El año en que nací"....€15\*  
Concerto / Concert Kimi Djabaté....€12\*\*  
Teatro / Theatre "Bait Man"....€15\*  
Concerto / Concert Chelipa Ferro + Pedro Tudela....€12\*\*

Festa da Literatura e do Pensamento do Norte de África / Festival Of Literature  
And Thought Of North Africa – **Entrada livre** / Free Admission  
Peça/Instalação / Play/Installation Daniela Thomas – **Entrada livre** / Free admission  
Tenda – **Entrada livre** / Free admission  
Concerto/Concert "Inuksuit" – **Entrada livre** / Free admission

\* Espetáculos de teatro para maiores de 12 anos  
\*\* Espetáculos de música para maiores de 4 anos  
\*\*\* Sessões de cinema para maiores de 12 anos  
Entrada gratuita para jovens até aos 10 anos no Teatro Praga  
Entrada livre – não é necessário levantamento de bilhetes

\*Theatre performances open to people aged 12  
\*\*Music performances open to people aged over 4  
\*\*\*Film sessions open to people aged over 12  
Theater Praga: Free admission for young people aged under 10  
Free admission – no need to lift tickets

### PASSES / SUBSCRIPTIONS

Haverá à venda na Fundação um Passe "Próximo Futuro" que contemplará todos os espetáculos do Programa "Próximo Futuro" que decorrerão entre 22 de junho a 8 de julho 2012, com um preço fixo de: €46.80 (desconto de 60%). A data de início de compra da assinatura é dia 12 de maio até à data limite de dia 21 de junho. There will be on sale at the Foundation a Subscription "Próximo Futuro" that will include all shows of the Program "Next Future" to be held from June 22 to July 8, 2012, with a fixed price of: €46.80. The first day for the subscription purchase is May 12 and the deadline for the subscription purchase is June 21.

Passes sujeitos à disponibilidade existente subscriptions subject to availability.

### BILHETES AVULSOS / SINGLE TICKETS

Os bilhetes podem ser comprados em qualquer bilheteira da Fundação ou através do site da Fundação a partir de dia 12 de maio, exceto para a venda de passes, que deverá ser feita apenas nas bilheteiras da Fundação (compras online não obrigam a levantamento de bilhetes, apenas será necessário imprimir o bilhete em formato PDF e apresentá-lo à entrada do espetáculo). Tickets can be purchased at any of the Foundation's ticket offices or through the Foundation's website, starting from may 12, except for the sale of subscriptions which should be done only at the Foundation's ticket offices (online shopping does not require lifting tickets, you only need to print the ticket in PDF format and submit it at the entrance of the show).

Na hora que precede o início de cada espetáculo só serão vendidos bilhetes para o próprio dia. In the hour preceding the beginning of each show, tickets will be sold only for that day.

A venda de bilhetes para o Teatro do Bairro poderá ser sempre realizada através da Fundação e/ou do Teatro do Bairro, neste caso uma hora antes do início do espetáculo. Ticket sales for the Teatro do Bairro can always be held at the Foundation and/or, at the Teatro do Bairro, in this case, one hour prior to the show.

### DESCONTOS / DISCOUNTS

Desconto de 30% / Discount of 30% – Maiores de 65 anos / over 65 years old  
Desconto de 50% / Discount of 50% – Jovens até aos 25 anos / people aged under 25 years old / Descontos não acumuláveis / Discounts not cumulative

[www.bilheteira.gulbenkian.pt](http://www.bilheteira.gulbenkian.pt)

### INFORMAÇÕES / INFORMATION

proximofuturo@gulbenkian.pt  
Tel. (+351) 217 823 529  
[www.proximofuturo.gulbenkian.pt](http://www.proximofuturo.gulbenkian.pt)

Programa sujeito a alterações  
This programme may be changed without prior notice

Notas/Notes: A Entrada para todos os espetáculos deve fazer-se pela porta da Rua Dr. Nicolau de Bettencourt, exceto para os espetáculos realizados no Grande Auditório - FCG, que se deverá fazer ou pela entrada do edifício central ou pela porta do "Jardim das Rosas". / Entry to all shows should be made by the door next to Street Dr. Nicolau de Bettencourt, except for performances held in the Grande Auditório - FCG, which should be done either by the main building entrance or by the door next to the "Jardim das Rosas / Roses Garden".

# Nº 10

JUNHO/JULHO

JUNE/JULY

2012

## PRÓXIMO FUTURO NEXT FUTURE

Próximo Futuro é um Programa Gulbenkian de Cultura Contemporânea dedicado em particular, mas não exclusivamente, à investigação e criação na Europa, em África, na América Latina e Caraíbas.

Next Future is a Gulbenkian Program of Contemporary Culture dedicated in particular, but not exclusively, to research and creation in Europe, Africa, Latin America and the Caribbean.



FUNDAÇÃO  
CALOUSTE  
GULBENKIAN